

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

IVAN ALMEIDA ROZÁRIO JÚNIOR

***METAMORFOSES DO EU:
A ALTERIDADE NA (RE)CONSTRUÇÃO DA
SUBJETIVIDADE NO DISCURSO DO
ADOLESCENTE EM CONFLITO COM A LEI***

VITÓRIA
2012

IVAN ALMEIDA ROZÁRIO JÚNIOR

***METAMORFOSES DO EU:
A ALTERIDADE NA (RE)CONSTRUÇÃO DA
SUBJETIVIDADE NO DISCURSO DO
ADOLESCENTE EM CONFLITO COM A LEI***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu – Mestrado em Linguística, do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito obrigatório para a obtenção do título de **Mestre em Linguística**.
Orientador: Profº. Dr. Luciano Novaes Vidon

Vitória
2012

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Rozário Júnior, Ivan Almeida, 1982-
B266c Metamorfoses do eu : a alteridade na (re)construção da
 subjetividade no discurso do adolescente em conflito com a lei /
 Ivan Almeida Rozário Júnior. – 2012.
 146 f.

Orientador: Luciano Novaes Vidon.
Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) –
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências
Humanas e Naturais.

1. Alteridade. 2. Subjetividade. 3. Adolescentes. 4.
Responsabilidade. I. Vidon, Luciano Novaes. II. Universidade
Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e
Naturais. III. Título.

CDU: 80

IVAN ALMEIDA ROZÁRIO JÚNIOR

***METAMORFOSES DO EU:
A ALTERIDADE NA (RE)CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE
NO DISCURSO DO ADOLESCENTE EM CONFLITO COM A LEI***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu – Mestrado em Linguística, do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito obrigatório para a obtenção do título de **Mestre em Linguística**.

Aprovada em 11 de dezembro de 2012.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profº. Dr. Luciano Novaes Vidon
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES)
Orientador – Presidente da Sessão e da Comissão Examinadora

Profª. Drª. Lillian Virginia Franklin DePaula
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES)
Examinadora Interna

Profª. Drª. Raquel Salek Fiad
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP)
Examinadora Externa

Aos mestres invisíveis, pela inspiração;
À Dona Julia, exemplo de dedicação e amor;
Aos meus pais, pelo apoio material e imaterial.

Quando, seu moço, nasceu meu rebento
Não era o momento dele rebentar
Já foi nascendo com cara de fome
E eu não tinha nem nome pra lhe dar
Como fui levando, não sei lhe explicar
Fui assim levando ele a me levar
E na sua meninice ele um dia me disse
Que chegava lá
Olha aí
Olha aí
Olha aí, ai o meu guri, olha aí
Olha aí, é o meu guri
E ele chega
Chega suado e veloz do batente
E traz sempre um presente pra me encabular
Tanta corrente de ouro, seu moço
Que haja pescoço pra enfiar
Me trouxe uma bolsa já com tudo dentro
Chave, caderneta, terço e patuá
Um lenço e uma penca de documentos
Pra finalmente eu me identificar, olha aí
Olha aí, ai o meu guri, olha aí
Olha aí, é o meu guri
E ele chega
Chega no morro com o carregamento
Pulseira, cimento, relógio, pneu, gravador
Rezo até ele chegar cá no alto
Essa onda de assaltos tá um horror
Eu consolo ele, ele me consola
Boto ele no colo pra ele me ninar
De repente acordo, olho pro lado
E o danado já foi trabalhar, olha aí
Olha aí, ai o meu guri, olha aí
Olha aí, é o meu guri
E ele chega
Chega estampado, manchete, retrato
Com venda nos olhos, legenda e as iniciais
Eu não entendo essa gente, seu moço
Fazendo alvoroço demais
O guri no mato, acho que tá rindo
Acho que tá lindo de papo pro ar
Desde o começo, eu não disse, seu moço
Ele disse que chegava lá
Olha aí, olha aí
Olha aí, ai o meu guri, olha aí
Olha aí, é o meu guri

O meu guri, Chico Buarque

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela força e misericórdia ao longo desse trabalho acadêmico.

Ao Professor Doutor Luciano Novaes Vidon que me auxiliou nessa jornada, despertando o desejo pela pesquisa em Análise do Discurso. E mais, compreendeu-me nos momentos mais turbulentos com a sua inigualável paciência e presteza.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Linguística, por compartilhar o seu conhecimento, fomentando novos saberes e sabores pela pesquisa.

Às professoras, Dr^a. Lillian Virginia Franklin DePaula e Dr^a. Raquel Salek Fiad, pelas valiosas contribuições à minha pesquisa, apontando-me possibilidades outras de análise.

Ao adolescente ANL que, por meio de seus enunciados, possibilitou-me adentrar a sua surpreendente história de vida, revelando-se um outro sujeito, dessa vez responsivo/responsável a partir da relação dialógica constituída em sua trajetória socioeducativa.

Aos profissionais que atuam no Atendimento ao Adolescente em Conflito com a Lei, pela sua dedicação e pelas ricas contribuições ao trabalho.

À minha família, por acreditar e confiar nos meus sonhos, pelo apoio imensurável nas horas de desânimo e pela constante intercessão para a conclusão desse desafio.

Aos meus amigos, em especial Anderson e Adriana, por auscultar-me nos momentos de insegurança, por alegrar-me nas horas de estresse e pelas palavras reveladas ora em um sorriso ora em oração.

A todos, direta ou indiretamente envolvidos, ofereço-lhes o meu MUITO OBRIGADO!

RESUMO

A dissertação tem como finalidade compreender, por meio do pensamento do Círculo de Bakhtin, a alteridade que se revela no enunciado do adolescente em conflito com a lei, em sua relação com a linguagem, e de que modo a relação dialógica pode contribuir para a (re)construção da subjetividade e a ressignificação de princípios e valores a partir de um processo dialógico de intervenção. Na busca de respostas à questão desvelada, realizou-se um percurso metodológico de investigação capaz de descortinar as marcas de subjetividade, identificar as tensões enunciativas, as entonações e os julgamentos de valor no enunciado produzido pelo adolescente, partindo da perspectiva dialógica e da relação de alteridade constituída, no processo de intervenção socioeducativa, culminando na reflexão de um processo de exotopia. Como aparato teórico, foram traçadas algumas categorias bakhtinianas relevantes à compreensão desse discurso produzido pelo adolescente em conflito com a lei, tais como: dialogismo, estilo, apreciação valorativa, vozes alheias, subjetividade/alteridade, exotopia, responsabilidade/responsividade, a fim de construir uma base metodológica que auxiliasse a análise do *corpus*, assim como compreender o papel do gênero Autobiografia na constituição desse outro sujeito a partir do contexto da socioeducação. Em efeito, trás análises estabelecidas, pode-se dizer que a relação de alteridade é capaz de provocar no adolescente uma postura axiológica, que o conduz à retomada de sua própria consciência, reconhecendo-se como sujeito constituído nas/das relações dialógicas, possibilitando-lhe ressignificar-se como sujeito responsável/responsivo.

Palavras-chave: Alteridade/Subjetividade; Adolescente em conflito com a lei; Exotopia; Responsabilidade/Responsividade.

ABSTRACT

The dissertation aims to understand, according to The Bakhtin's Circle thinking, the otherness that is revealed by the statement of adolescents in conflict with the law along with their language relation, and how the dialogical relationship can contribute to the (re)construction of subjectivity and the redefinition of principles and values from a dialogical process of intervention. Looking for the answers to the question unveiled, a methodological path of investigation that could uncover traces of subjectivity has been traced in order to identify the enunciate tensions, intonations and judgments of values in the statement produced by the teenager, from both the dialogical perspective and the constituted relationship to alterity in the process of socio-educational intervention, that culminates in a process of reflection about exotopy. As a theoretical apparatus, some bakhtinian categories considered relevant to the understanding of speech produced by adolescents in conflict with the law, such as dialogism, style, process of evaluation, voices of others, subjectivity / otherness, exotopy, responsibility / responsiveness were drawn in order to build a methodological basis that could support the analysis of the corpus, as well as to understand the role of the gender Autobiography on the construction of the that other subject from a socio-educational context. Effectively, it brings back established analysis, so one can say that the relation of the otherness is capable of causing the teenagers an axiological posture, which leads to the resumption of their own consciousness, by recognizing themselves as subjects consisting of / on dialogical relationships, enabling them to reframe themselves as responsible / responsive ones.

Keywords: Alterity / Subjectivity; Adolescents in conflict with the law; Exotopy; Accountability / Responsiveness.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. O CONTEXTO SÓCIO-PEDAGÓGICO	12
2.1. Do Plano de Ação Pedagógica – o percurso da intervenção socioeducativa	15
3. DA ALTERIDADE AO ATO RESPONSIVO: sobre o processo de intervenção socioeducativa	18
4. DOS FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	25
4.1. Da Concepção de Gêneros do Discurso	26
4.1.1. A composição, o tema e o estilo em Bakhtin	31
4.1.2. O princípio dialógico e a alteridade	35
4.2. Do Gênero Autobiográfico	37
4.3. De Volta à Alteridade	40
4.4. Do Princípio da Exotopia	44
5. ANÁLISE DOS DADOS	48
5.1. Do Foco de Análise	48
5.1.1. Análises preliminares: Pré-textuais, Apresentação, Introdução e Justificativa	48
5.2. Os anos de inocência	55
5.3. Os anos rebeldes de ANL	61
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	75
ANEXOS	79
ANEXO A	80
O DISCURSO DO ADOLESCENTE ANL	81
ANEXO B	115
DESCRIÇÃO DO PLANO DE AÇÃO PEDAGÓGICA	116
* AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA	145

1- INTRODUÇÃO

Os doze anos significativos de carreira na área da Educação, lecionando para adolescentes e jovens em bairros denominados de periferia, colocaram-me involuntariamente em contato com as mazelas, aparentemente inabaláveis, da sociedade. A realidade se revelou cruel aos olhos de quem ainda acredita ser a Educação o principal investimento para a promoção humana e a evolução social. Em se tratando de adolescentes e jovens, embora se ecoe o clichê de que estes são o futuro da nação, constata-se a diário que esse suposto futuro já se encontra ameaçado.

Índices, estudos e pesquisas apontam um crescimento da violência na sociedade brasileira, principalmente em desfavor da criança e do adolescente, quer sejam na condição de vítimas, quer sejam na condição de autores de atos infracionais. Tal assertiva encontra fundamento nos dados expedidos pelos órgãos de controle e promoção de direitos, tais como: a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) e a Secretaria de Proteção dos Direitos da Criança e do Adolescente (SPDCA), em nível nacional, bem como a Organização dos Estados Americanos, a OEA, e a Corte Interamericana dos Direitos Humanos, na esfera internacional. Além dessas, outra fonte se faz às instituições de gestão e execução do atendimento socioeducativo, como, em caso específico, o Instituto de Atendimento Socioeducativo do Espírito Santo, o IASES.

Ao tomar ciência da real e aflitosa situação, uma sensação de impotência em relação às ações executadas, que buscam atender as condições mínimas de direito desses sujeitos, invade a razão. Em conversa informal com amigos que atuam na Educação e no Atendimento a “Adolescentes em Conflito com Lei”, como são, oficialmente (jurídica e institucionalmente) denominados, iniciou-se uma discussão cujo efeito nos levou a refletir acerca dos casos de violência contra esses sujeitos além de tentar, também, compreender os fatores que os conduzem à prática de atos infracionais.

Sobre este último, surgiu o interesse, aliado ao convite, em adentrar o universo da socioeducação, não somente para conhecer o processo de intervenção socioeducativa, mas sim, e principalmente, enxergar a partir de outro ângulo de visão esse adolescente que busca, de certa maneira, uma inserção social. Após o primeiro contato com o Centro de Atendimento Socioeducativo Contextualizado (CSE)¹, vinculado ao Instituto de Atendimento Socioeducativo do Espírito Santo, o IASES, e com os adolescentes, seguido de uma profunda reflexão, percebi que o ambiente era propício para uma investigação na área de Linguística, principalmente no campo de estudos da Análise do Discurso, uma vez que, em dado momento do processo de intervenção socioeducativa, o adolescente deve produzir um enunciado em que procura refletir sobre sua trajetória, antes e durante a intervenção. Esse enunciado produzido pelo adolescente é denominado pela instituição de “Monografia de Vida” e foi nosso objeto principal de investigação neste trabalho de pesquisa.

A partir desse enunciado, o objetivo fundamental da pesquisa foi compreender, por meio do pensamento do Círculo de Bakhtin, a alteridade que se revela na relação constitutiva do sujeito com a linguagem. Esse objetivo se pautou, enquanto princípio investigativo, na seguinte questão: **que sujeito é esse que se enuncia no discurso produzido em sua trajetória de intervenção socioeducativa?**

Para tentar responder a essa complexa questão e atingir o objetivo colocado, em um primeiro momento, buscamos uma discussão concentrada na relação de alteridade que se pretende construir em uma perspectiva dialógica de intervenção socioeducativa, o que nos conduziu à análise do dialogismo como lugar de constituição do sujeito e da linguagem. Nessa esteira de pensamento, percebemos o sujeito que, tendo uma imagem social estereotipada, assume a

¹ Ao externar o interesse em desenvolver essa pesquisa com enunciados produzidos pelos adolescentes em conflito com a lei daquele centro socioeducativo, por meio de um projeto de pesquisa, logo fui apresentado à equipe responsável pela sua administração, bem como à diretora-presidente do IASES – órgão sob o qual está subordinado o CSE, que, destacando a relevância social e as iminentes contribuições da pesquisa, mui gentilmente concedeu-me a permissão para iniciar a investigação.

palavra e se enuncia, ao usufruir do espaço discursivo que lhe foi proporcionado pela instituição.

Aliada à relação de alteridade no processo de intervenção, construímos uma reflexão em relação ao processo exotópico vivenciado pelo adolescente em conflito com lei e sua relação com o outro (ele mesmo, a família, a escola, o mundo do crime, o CSE, etc.), o que lhe possibilita resgatar a consciência de si mesmo através do outro e desse processo exotópico.

Na sequência, outro aspecto tratado foi a inscrição do enunciado do adolescente em um gênero discursivo, o que nos levou a refletir sobre esse importante conceito da teoria dialógica bakhtiniana. Percebemos que o que, institucionalmente, é concebido como um gênero acadêmico, a Monografia, se constitui, na verdade, em um gênero autobiográfico, testemunhal, narrativo.

Por fim, o trabalho apresenta um recorte analítico do *corpus*, procurando evidenciar as questões levantadas na fundamentação teórica do trabalho em dados de natureza enunciativo-discursiva. Para isso, se vale de uma metodologia indiciária e dialógica, auscultando os dados para se formular algumas hipóteses explicativas.

2- O CONTEXTO SÓCIO-PEDAGÓGICO

Antes de aprofundarmos as reflexões acerca dos enunciados construídos pelos adolescentes em conflito com a lei, sob medida socioeducativa de privação de liberdade, é imprescindível entender o cenário de atendimento ao adolescente em conflito com a lei e o da socioeducação. Para isso, socializamos uma breve apresentação sobre os aspectos institucionais, tais como: o IASES, o CSE, assim como do Modelo Pedagógico Contextualizado – projeto pelo qual o processo de intervenção sócio-pedagógico se baseia².

² Informações mais detalhadas podem ser encontradas no site: www.ias.es.gov.br.

O Instituto de Atendimento Sócio-Educativo do Espírito Santo (IASSES) é o órgão responsável por fazer a gestão e execução da política pública de atendimento ao adolescente em conflito com a lei por meio dos programas de atendimento em Meio Fechado e Meio Aberto. Cabe ao órgão, também, a coordenação do Sistema Estadual de Atendimento Socioeducativo, provendo junto às demais instituições deste sistema a articulação da rede de atendimento para que favoreça a responsabilização e inclusão social dos adolescentes em conflito com a lei e suas famílias.

Desde 2009, o Centro Socioeducativo Contextualizado (CSE), localizado no bairro Tucum, município de Cariacica/ES, é uma unidade de internação de adolescentes em conflito com a lei que cumprem medida socioeducativa. Sua proposta pedagógica, no âmbito gerencial, orienta-se a partir do que preconiza o Estatuto da Criança e do Adolescente com a intenção de conferir eficácia e efetividade no cumprimento da missão delegada ao IASSES – Instituto de Atendimento Socioeducativo do Espírito Santo, órgão responsável pelo planejamento e execução dos programas socioeducativos no Estado.

O CSE conta com uma proposta de trabalho que visa à ressocialização do adolescente com sua família e sociedade. O objetivo central do CSE, de acordo com o Modelo Pedagógico Contextualizado (MONDRAGÓN, 2008),

“é atuar junto ao adolescente em conflito com a lei, aplicando a medida socioeducativa de internação, conforme o que preconiza o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), tendo com compromisso a inclusão comunitária dos adolescentes com o efetivo envolvimento da família e do contexto social”.

A missão do Centro Socioeducativo (CSE), ainda à luz do Modelo Pedagógico Contextualizado, é promover o cumprimento da medida socioeducativa de internação, como também dar condições para o adolescente ser protagonista de sua própria vida, sob os princípios do respeito à dignidade humana, aos direitos humanos, à equidade e à justiça social.

O Modelo Pedagógico Contextualizado, doravante MPC, é um projeto que tenta ir ao encontro das normativas nacionais que regulamentam o atendimento ao adolescente em conflito com a lei. Este, na perspectiva do MPC, não é visto apenas como um simples objeto de intervenção, e sim, um sujeito de direitos.

Considerando-se o sujeito e o meio no qual está inserido, o modelo em tela julga imprescindível a comunicação entre Estado, família e sociedade na articulação e mobilização de ações que se voltem à emancipação e não ao assistencialismo e institucionalização no atendimento socioeducativo.

O objetivo postulado pelo MPC é o de oferecer intervenção integral aos adolescentes e as suas famílias, por meio de processos pedagógicos, sócio-terapêuticos, sistêmicos, reflexivos, eficazes na abordagem de sua problemática e que permitam a movimentação dos adolescentes, suas famílias e entorno social para afiançar suas metas de projeto de vida e, assim, serem os protagonistas de sua própria história.

O MPC configura-se, assim, em um plano de atendimento pedagógico e sócio-terapêutico tendo por parâmetro as normas existentes. A sua estrutura procura estar em consonância com o enfoque apresentado pelo Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE) que busca, na efetivação de uma política que contemple os direitos humanos, transformar a realidade atual em oportunidade de mudança para o adolescente atendido e seu entorno. O MPC prevê o estabelecimento de forte articulação da instituição aplicadora da medida socioeducativa com a família do adolescente atendido e a busca de parceria com a comunidade. Para tanto, realiza um trabalho técnico por meio dos profissionais da inclusão social, a fim de efetivar e afiançar a participação de todos estes atores.

2.1- DO PLANO DE AÇÃO PEDAGÓGICA – O PERCURSO DA INTERVENÇÃO SOCIOEDUCATIVA³

O processo de intervenção socioeducativa desenvolve-se estruturado em um plano de ação cuja função maior é nortear as metas a serem alcançadas por meio das ações dos profissionais envolvidos direta e indiretamente nesse trabalho.

O Plano de Intervenção Intereducativo do Centro Socioeducativo Contextualizado, em Cariacica/ES, parte das problemáticas e potencialidades do adolescente observadas no diagnóstico realizado assim que o menor adentra o ambiente socioeducativo, o qual subsidiará a elaboração do plano de intervenção individual e grupal, conhecido como PIA⁴. Com os seus programas e projetos, o processo de intervenção intereducativa tem o objetivo de implementar uma proposta de intervenção sócio-terapêutica, a partir do Modelo de Intervenção Sistêmica, que visa a favorecer a participação na complexa problemática do adolescente em conflito com a lei.

Os programas e seus respectivos projetos buscam se estabelecer dentro de um processo interativo, holístico e sistêmico, em que todas as etapas do processo, no qual está inserido o adolescente, se inter-relacionam ao nome de cada programa. Estes programas dividem-se em cinco fases, cada uma com os seus respectivos objetivos, metodologia apropriada e atividades propostas.

Ao iniciar o cumprimento de sua medida socioeducativa de intervenção, o adolescente se depara com o primeiro programa, denominado *Programa de Motivação*, no qual são executados os processos de Acoplamento, Ajuste e

³ Encontra-se em anexo a descrição do plano de ação pedagógica: programas e projetos de crescimento, de forma mais detalhada, caso se faça necessária a sua melhor compreensão.

⁴ A elaboração do PIA (Plano de Atendimento Individual), conforme o Plano de Ação Pedagógica, é realizado junto ao adolescente, visando à garantia de sua aplicabilidade e à promoção do protagonismo juvenil.

Segurança, a fim de se criar um espaço de integração, valorização e reconhecimento capaz de levar o adolescente a assumir todo o seu processo socioeducativo, vendo neste a possibilidade de crescimento e recuperação pessoal.

A segunda etapa, chamada de *Programa de Reconhecimento*, traz como proposta permitir ao socioeducando a Aproximação, Identificação e Aceitação de seu problema e de sua realidade. Nesse momento, busca-se a partir de uma intervenção sistêmica levar o adolescente a reconhecer a sua situação pessoal, por meio da compreensão e responsabilização do ato infracional por ele praticado, a fim de identificar as possibilidades de mudança e estabelecer um compromisso para a construção de seu projeto de vida.

No terceiro passo, *Programa de Aprofundamento*, são intensificadas as estratégias e técnicas terapêuticas, para que o adolescente alcance a Compreensão, a Elaboração e a Resolução dos fatores que configuram o seu projeto de vida, isto é, a sua situação, encontrando e executando alternativas de superação e resolução das dificuldades ainda presentes.

O quarto e o quinto programas, denominados *Projeto de vida/Projeção e Integração*, respectivamente, embora cronologicamente divididos, estão correlacionados, pois têm a missão de contextualizar toda a proposta de intervenção à realidade do adolescente dentro e fora da instituição, reaproximando-o de sua realidade familiar, social e comunitária. Além disso, segundo a proposta postulada pelo MPC, pretende-se nessa fase oferecer ao socioeducando as condições básicas e necessárias para a sua melhor integração e ressocialização na vida social, como, por exemplo, o encaminhamento ao trabalho e, principalmente, fortalecer no adolescente e em sua própria família a consciência clara de sua participação em todo o processo de intervenção socioeducativa como protagonista deste e com capacidade de viver em liberdade para agir com responsabilidade as próprias ações.

É exatamente neste momento, ou seja, nessa última fase de intervenção socioeducativa, que o adolescente é colocado diante de uma proposta de enunciação deveras singular. Trata-se da escrita de uma Monografia, cujo

objetivo principal é se constituir como um espaço discursivo de reflexão do adolescente sobre a sua vida pregressa à internação institucional, bem como sobre sua trajetória no próprio centro socioeducativo.

É sobre esse enunciado produzido por um adolescente em conflito com a lei, internado em uma instituição socioeducativa do Estado do Espírito Santo, cumprindo uma medida de intervenção socioeducativa, que nos debruçamos, analisando as relações de alteridade constitutivas do enunciado, bem como levantando hipóteses a respeito do papel do gênero discursivo empregado nesse processo como desencadeador (catalisador, nos termos de SIGNORINI, 2005), de novas subjetividades.

Emergem, desse modo, algumas questões, quais sejam: Que sujeito é esse que se enuncia nesse enunciado? Como esse sujeito se constitui? Como ele constitui os outros sujeitos (pai, mãe, irmãos, professores, namoradas), as instituições (família, escola, igreja, o CSE) e os objetos de discurso (o mundo do crime, drogas, ato infracional) com os quais se relaciona? Como ele dialoga com esses outros sujeitos discursivos?

Consequentemente chega-se a questões significativas quanto à produção do discurso do adolescente, quais sejam: Como é essa enunciação? O que se enuncia nessa enunciação? Em que medida a enunciação pode ser positiva para a ressignificação desse sujeito? De que modo o gênero autobiográfico se torna constituinte do espaço enunciativo-discursivo de (re)construção da subjetividade?

Para tentar responder a essas questões, fundamentar-nos-emos na teoria dialógica desenvolvida pelo Círculo de Bakhtin, em especial nas seguintes obras:

- *Para uma filosofia do ato responsável* (2010);
- *Marxismo e filosofia da linguagem* (2006);
- *Estética da criação verbal* (1997);
- *Problemas da poética de Dostoiévsky* (2010);

Com base nas discussões levantadas nessas obras, bem como nas de alguns comentadores do Círculo, tomaremos como categorias principais de análise as noções de alteridade, responsabilidade e responsividade, exotopia, gêneros do discurso, autoria e estilo. É sobre essas categorias teóricas que trabalhamos a seguir.

3- DA ALTERIDADE AO ATO RESPONSIVO: SOBRE O PROCESSO DE INTERVENÇÃO SOCIOEDUCATIVA

O sujeito se relaciona com a linguagem, e, de acordo com o pensamento do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2010; VOLOSHINOV/BAKHTIN, 2003; MEDVIÉDEV, 2012), essa relação é marcada pela alteridade, por meio de um processo de enunciação dialógica – no qual se produz um enunciado.

Dentre as etapas de intervenção socioeducativa, traçadas pelo Plano Intereducativo de Intervenção do Centro Socioeducativo Contextualizado, destaca-se, como já observamos, o Programa 5 (*ver anexo*), por meio do qual o adolescente é motivado a elaborar um “Projeto de vida”, a partir das reflexões sobre a sua própria história de vida e as metas a serem alcançadas, a fim de garantir o sucesso do cumprimento de sua medida privativa de liberdade. Esse “Projeto de Vida” realiza-se sob a forma de um texto (enunciado), construído e constituído durante essa etapa de intervenção, sendo denominado, institucionalmente, de “Monografia de Vida”.

Refletindo, assim, a trajetória pregressa desse adolescente, bem como a realizada durante o processo de socioeducação, supõe-se que esse enunciado (re)velará todas as experiências e reflexões que emergiam das intervenções. Porém, conforme observa Sartori (2008, p.127),

“o texto, enquanto produto, não revela as dúvidas e as diversas reflexões a que o autor se submete durante o processo de escrita. O produto não revela o processo, pode deixar marcas dele, mas muitas delas são apagadas no decorrer do trabalho de escritura.”

A produção desse enunciado pelo adolescente em conflito com a lei é concomitante a seu processo de intervenção sócio-pedagógica. Uma vez envolvido na dinâmica da ressocialização, o adolescente é conduzido a refletir sobre o ato que o levou à privação de liberdade. Segundo o modelo pedagógico executado pela instituição, o eixo da proposta de intervenção baseia-se em um enfoque sistêmico e contextualizado, visando ao protagonismo juvenil, ou seja, espera-se que o adolescente adquira confiança em si mesmo, para tornar-se protagonista de seus próprios processos de vida, buscando a transformação social, cultural e política de seu entorno.

Dessa forma, o adolescente, por meio de sua “Monografia de Vida”, poderá desvelar as relações dialógicas que mantêm com os outros sujeitos que fazem parte de sua realidade social. Mas surge uma questão:

“A quem se dirige o enunciado? Como o locutor (ou o escritor) percebe e imagina seu destinatário? Qual é a força da influência deste sobre o enunciado? É disso que depende a composição, e sobretudo o estilo, do enunciado. Cada um dos gêneros do discurso, em cada uma das áreas da comunicação verbal, tem sua concepção padrão do destinatário que o determina como gênero.” (BAKHTIN, 1997, p. 321)

Bakhtin/Voloshinov (2003) vê a linguagem como forma de interação social em que a comunicação é o objetivo primordial; a comunicação entre falante/ouvinte, um eu e um tu, ou seja, um princípio que rege a palavra em si. Logo, linguagem é diálogo. Toda palavra por natureza é dialógica, pois presume o outro; o outro sob a figura de destinatário a quem está voltada toda alocução, a quem o locutor ajusta a sua fala, de quem antecipa reações e mobiliza estratégias. Na concepção bakhtiniana, o outro é ainda o outro discurso, ou os outros discursos, ou seja, o outro completa o eu e vice-versa.

Considerando-se essas reflexões teóricas, faz-se necessário um percurso metodológico de investigação capaz de descortinar as marcas de subjetividade como também identificar as tensões enunciativas, as entonações e os julgamentos de valor no enunciado produzido pelo adolescente.

A linguagem, na perspectiva bakhtiniana, se constitui pelo dialogismo e este emerge justamente da interação entre os indivíduos, além de ser a condição do sentido do discurso. O discurso, por sua vez, não é individual, haja vista que se constrói pelo menos entre dois sujeitos sociais e também por manter relações com outros discursos.

“A linguagem, seja ela pensada como língua ou como discurso, é, portanto, essencialmente dialógica. Ignorar sua natureza dialógica é o mesmo, para Bakhtin, que apagar a ligação que existe entre a linguagem e a vida”. (BARROS, 2008).

O dialogismo bakhtiniano estabelece, assim, a interação verbal como o centro das relações sociais. Podemos constatar que

“a linguagem é o meio pelo qual os sujeitos se relacionam em uma determinada atividade, cujos enunciados se constituem de maneiras diferentes a partir de sua inscrição social. [...] A concepção de sujeito está na relação fundamental que Bakhtin reconhece como a natureza do sujeito: o social, ou seja, a relação com o outro, o princípio da alteridade; [...] o sujeito se constitui e se identifica por meio do outro. O outro é o seu grande espelho” (SILVA, 2007).

Eis a metáfora elucidante da relação constitutiva, dialética e dialógica, uma vez que a palavra comporta duas faces: a do eu e a do outro, e é nesse confronto que o sujeito se constitui.

Do interior dessa configuração dialógica da linguagem, Alteridade é a concepção que parte do pressuposto básico de que todo o homem social interage e interdepende de outros indivíduos. Assim, como muitos antropólogos e cientistas sociais afirmam, a existência do "eu-individual" só é permitida mediante um contato com o outro (que em uma visão expandida se torna o Outro - a própria sociedade diferente do indivíduo).

A prática da alteridade conduz da diferença à soma nas relações interpessoais entre os seres humanos revestidos de cidadania. Pela relação alteritária é possível exercer a cidadania e estabelecer uma relação pacífica e construtiva com os diferentes, na medida em que se identifique, entenda e aprenda a aprender com o contrário. Alteridade, então, denomina a capacidade de conviver com o diferente, de se proporcionar um olhar interior a partir das diferenças. Isto significa que reconheço o outro em mim mesmo, também como sujeito aos mesmos direitos que eu, de iguais direitos para todos, o que, por sua vez, gera deveres e responsabilidades, condição *sine qua non* para a cidadania plena. Diante das acepções de alteridade, não há como dissociá-la do pensamento bakhtiniano de ato responsivo e responsável.

Assim sendo, faz-se necessário demarcar a concepção de ato postulada por Bakhtin, em *Para uma filosofia do ato responsável* (2010). É importante saber que ato distingue-se de ação.

“A ação é um comportamento qualquer que pode ser até mecânico ou impensado. O ato é responsável e assinado [...] Uma ação pode ser uma impostura: não me responsabilizo por ela e não assino. [...] O ato é um gesto ético no qual o sujeito se revela e se arrisca inteiro” (AMORIM, 2009).

Em toda a sua integridade o ato é mais do que racional – ele é responsável.

“O sujeito não é “fantoche” das relações sociais, mas um agente responsável por seus atos e responsivo ao outro, como alguém dotado de um “excedente de visão”, a capacidade de saber sobre o outro o que este não pode saber. Mas ao mesmo tempo depende do outro para saber o que ele mesmo não pode saber sobre si. Só nessa relação entre “eus” pode nascer o sentido da vida humana, que é função dela e ao mesmo tempo serve para dar-lhe forma” (SOBRAL, 2009).

Nessa perspectiva, a prática do ato infracional, que é enquadrado pela lei como crime, é o que pode conduzir um adolescente à privação de liberdade e a uma trajetória de institucionalização socioeducativa, visando à sua ressocialização e ressignificação de valores. E de que forma o adolescente em conflito com a lei, por meio de uma relação alteritária, pode compreender os seus próprios atos e responsabilizar-se por eles?

A intervenção socioeducativa poderá ser uma das ferramentas consideradas úteis e necessárias para que o adolescente em conflito com a lei, na sua condição de autoria criminal, possa, por meio de intervenções sistêmicas e pontuais, internalizar as consequências do ato praticado e, por conseguinte, compreender os fundamentos e a motivação da privação de liberdade e, ainda, a forma de retribuir à sociedade os efeitos danosos desse ato. Nesse ínterim, em meio à internalização pelo adolescente das causas e consequências do ato infracional, pode-se inferir, em uma visão empírica, a modificação de seu discurso diante de uma perspectiva sistêmica de uma intervenção institucional e sócio-pedagógica. A institucionalização do adolescente em conflito com a lei tenta consagrar, portanto, a alteridade no processo socioeducativo, tendo em vista que o adolescente, em medida de internação, será introjetado a uma comunidade socioeducativa.

Conforme Sobral (2009),

“a experiência no mundo humano, do mundo postulado (*zadan*) é sempre mediada pelo agir situado e avaliativo do sujeito, que lhe confere sentido, a partir do mundo dado (*dan*), o mundo enquanto materialidade concreta. A ênfase na interação (que transcende evidentemente os intercâmbios verbais/pragmáticos do dia-a-dia, mas incluindo-os) serve para despir a ação do sujeito de todo e qualquer subjetivismo que se lhe queira imputar. Bakhtin, em *Toward a Philosophy of the Act*, destaca o caráter da responsabilidade e da participatividade do agente. O termo ‘responsabilidade’ une o responder *pelos* próprios atos, o responder *por*, e a responsividade, o responder *a* alguém ou a alguma coisa, sendo fiel à palavra russa *otvetstvennost’*, que designa o aspecto responsivo e o da assunção de responsabilidade do agente pelo seu ato. O ato ‘responsável’ envolve o conteúdo do ato, seu processo, e, unindo-os, a valoração/avaliação do agente com respeito a seu próprio ato.”

Podemos, então, inferir que a relação de alteridade responsável pode desempenhar uma função significativa para que o adolescente em conflito com a lei, tomado por uma consciência de si e do outro, responda pelos seus atos, buscando a partir de um ato responsivo e ético a ressignificação de valores e a sua reinserção no meio social. A metáfora do espelho mais uma vez nos vem à tona, haja vista que

“[...] quando me olho no espelho, em meus olhos olham olhos alheios; quando me olho no espelho não vejo o mundo com meus próprios olhos e desde o meu interior; vejo a mim mesmo com os olhos do mundo – estou possuído pelo outro” (FARACO, 2008),

o que ratifica o primado bakhtiniano da alteridade, se levamos em consideração que apenas me constituo pela/na consciência do outro. Daí a proposta de se

“conceber um sujeito que, sendo um eu para-si, condição de formação da identidade subjetiva, é também um eu para-o-outro, condição de inserção dessa identidade no plano relacional responsável/responsivo, que lhe dá sentido” (SOBRAL, 2008).

A relação que se constrói entre o eu e o outro é de interdependência pelo fato de que o eu tem sempre o outro como seu ponto de referência. Em conformidade ao que diz PONZIO (2010, p. 79),

“O *eu* como singularidade incomparável, insubstituível, como ser no mundo sem álibis, como responsabilidade sem escapatórias, é assim diante do *outro*. A arquitetura da responsabilidade não pode ser compreendida se não como *arquitetônica da alteridade* (grifos do autor). Tanto porque só assim o eu se revela na sua unicidade, na sua singularidade, ou seja, na sua alteridade, como outro, tanto porque esta sua alteridade objetivamente se realiza na relação com o outro”.

O homem por toda a sua vida está atrelado aos atos do cotidiano, seja como protagonista, seja como sujeito participante deste ato. Todos os atos têm em comum alguns elementos: um sujeito que age, um lugar em que esse sujeito age e um momento em que age. Assim, quando nos referimos ao adolescente em conflito com a lei, sujeito ao qual se imputa a prática de ato infracional, não se pode desconsiderá-lo como agente deste ato.

“Temos como principais implicações disso que (a) o agente age numa situação concreta organizada em torno de práticas sociais e históricas que limitam as possibilidades de atos e de formas de realização de atos e (b) essas circunstâncias específicas devem ser consideradas em todo entendimento de atos. As práticas sociais, vinculadas com as esferas de atividade, supõem necessariamente grupos humanos, e não sujeitos isolados. Supõem igualmente situações concretas e sujeitos concretos. Supõem ainda a intencionalidade do sujeito

de realizar atos e sua realização concreta de acordo com formas aceitas de realização, mesmo nos casos em que uma sucessão de atos, seguindo essas normas, desemboca na alteração dessas mesmas normas (o aspecto estático-dinâmico de todo agir humano)” (SOBRAL, 2008).

Desse modo, Bakhtin (2010) atribui aos sujeitos a responsabilidade pelos seus atos e as suas obrigações éticas em relação aos outros. É, pois, no processo alteritário que o sujeito toma consciência de si na relação com o outro, reconhece a sua posição no mundo, num dado tempo, num dado lugar, o que lhe confere a responsabilidade. “Sou responsável por realizar aquilo que é próprio do meu lugar, da minha condição concreta e única” (AMORIM, 2009).

Cabe-nos ressaltar também, segundo JOST (2006), psicóloga e mestre na área da infância e da juventude, que

“o eu, na modernidade, a partir de um projeto reflexivo, é chamado a se tornar responsável. O que ele vai se tornar depende das tarefas de reconstrução nas quais se envolve, fazendo com que a tarefa de autoentendimento se subordine ao objetivo de construir e reconstruir um sentido de identidade coerente e satisfatório” (JOST, 2006)

Considerando-se, então, o adolescente em conflito com a lei, podemos inferir que, para ele, a responsabilidade é um objetivo a ser conquistado, a ser alcançado. E, nesse sentido, conforme Geraldi (2010), “responsabilidade abarca, contém, implica necessariamente a alteridade perante a qual o ato responsável é uma resposta. Somos cada um com o outro na irrecusável continuidade da história”.

As análises previstas, portanto, neste trabalho de pesquisa, pretendem discutir as respostas de um adolescente em conflito com a lei às suas responsabilidades. O enunciado produzido por esse adolescente trata-se, desse modo, de um momento de reconhecimento ético do sujeito, reconhecimento de seus atos e de suas responsabilidades e responsividades. Trata-se, em uma perspectiva bakhtiniana, de uma arquitetônica de um *eu-para-si*, de um *eu-para-o-outro* e, também, de um *outro-para-si*, o que parece nos possibilitar, de forma dialógica e indiciária (nos termos de Ginzburg, 1986),

a investigar os processos de alteridade constitutivos desse enunciado produzido por esse sujeito em sua “Monografia de Vida”.

A seguir, procuramos explicitar o *corpus* analisado neste trabalho, bem como os principais fundamentos teórico-metodológicos da análise.

4- DOS FUNDAMENTOS TEÓRICO- METODOLÓGICOS

A pesquisa em tela tem como *corpus* a produção textual denominada pela instituição de “Monografia de Vida”, desenvolvida por um adolescente (doravante ANL) a partir das duas últimas etapas do seu processo de intervenção socioeducativa. O objetivo fundamental é compreender a alteridade (*eu-para-si; eu-para-o-outro; outro-para-si*) que se revela no enunciado desse adolescente e a forma como ele se enuncia no discurso produzido em sua trajetória de intervenção socioeducativa.

Ao contrário do que, em um primeiro momento, se pode pensar, essa enunciação que o adolescente em conflito com a lei faz de si não se enquadra, exatamente, aos padrões do gênero monografia – comum na esfera do discurso acadêmico, haja vista que, do ponto de vista teórico-metodológico, o enunciado que emerge dessa enunciação caracteriza-se significativamente como uma “escrita de si”, ou seja, um discurso autobiográfico.

A partir de então, infere-se que a produção textual do adolescente reflete a configuração do gênero monografia, de certa forma, mas também a refrata, construindo uma nova configuração, o que significa dizer um novo trabalho temático, estilístico e composicional, haja vista que

“o enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada referido campo, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional” (BAKHTIN, 1997, p.279).

Considerando-se, portanto, os aspectos presentes nessa produção discursiva, torna-se fundamental se discutir a natureza do enunciado produzido nesse contexto, questionando o seu pertencimento ao gênero acadêmico “monografia” ou ao gênero narrativo “*Autobiografia*”.

A noção bakhtiniana de Gêneros do Discurso (BAKHTIN, 1997), portanto, é imprescindível à compreensão do discurso produzido pelo adolescente em conflito com lei. É sobre essa noção que nos debruçamos a seguir.

4.1- DA CONCEPÇÃO DE GÊNEROS DO DISCURSO

A comunicação, ato imprescindível ao homem, pode concretizar-se por variadas manifestações linguísticas, sejam elas oral, escrita, gestual, sonora, dentre outras. Tal diversificação está relacionada às muitas esferas da atividade humana, de acordo com o pensamento bakhtiniano.

No que tange ao uso da língua nessas atividades humanas, assevera Bakhtin:

“Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana [...] A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas [...] cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*.” (BAKHTIN, 1997, p. 279)

Dessa forma, percebem-se três conceitos relevantes: língua, enunciado e gêneros do discurso. No dizer de Bakhtin essas três unidades estão intrinsecamente vinculadas, quando se almeja à comunicação plenamente. As múltiplas variedades das esferas da atividade humana originam os variados gêneros do discurso, e estes por sua vez culminam em formas-padrão “*relativamente estáveis*” de um enunciado, demarcadas sócio-historicamente, conforme Bakhtin.

Vale ressaltar, portanto, que valorizar a dimensão social é uma constante quando se fala de gênero na perspectiva bakhtiniana. Essas relações sociais são estruturadas e determinadas pelas formas de organização e distribuição dos diferentes papéis e lugares sociais nas instituições e situações em que se produzem os enunciados. É o que se designa por esferas (ou campos) de comunicação.

Os gêneros do discurso, segundo Bakhtin (id.), estão presentes no cotidiano dos sujeitos falantes uma vez que nos comunicamos, falamos e escrevemos por meio deles. Embora muitas vezes os utilizem de forma inconsciente, estes sujeitos falantes detêm um infinito repertório de gêneros.

Outrossim, os gêneros discursivos passam por constantes atualizações ou reformulações. Dessa forma entende-se o “*relativamente estáveis*”, haja visto que, assim como a sociedade, os gêneros do discurso se modificam a fim de atender às necessidades desta sociedade.

As modificações pelas quais passam os gêneros do discurso estão condicionadas ao momento histórico no qual eles se inserem, logo, a sua origem com as suas peculiares características se dá em cada situação social. Como afirma Bakhtin,

“A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa” (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Considerando-se as variadas situações de comunicação, atrelada à visão benvenistiana de que “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (FIORIN, 1999), percebe-se a infinitude dos gêneros discursivos. Em contrapartida, essa multiplicidade dos gêneros dificulta de certa maneira uma abordagem mais geral na natureza linguística do enunciado, haja vista que

“Estudaram-se, mais do que tudo, os *gêneros literários*. Mas estes, tanto na Antiguidade como na época contemporânea, sempre foram estudados pelo ângulo artístico-literário de sua especificidade, das distinções diferenciais intergenéricas (nos limites da literatura), e não enquanto tipos particulares de enunciados que se diferenciam de outros tipos de enunciados, com os quais contudo têm em comum a natureza verbal (linguística)” (BAKHTIN, 1997, p. 280).

Dessa forma, afirma-se que, da Antiguidade à época moderna, em relação ao estudo dos gêneros retóricos, deu-se

maior atenção à natureza verbal do enunciado, a seus princípios constitutivos tais como: a relação com o ouvinte e a influência deste sobre o enunciado [...] etc., no entanto, a especificidade dos gêneros retóricos (jurídicos, políticos) encobria a natureza linguística do enunciado. (idem)

Da mesma maneira, realizaram-se estudos a respeito dos gêneros do discurso cotidiano, “mas, também nesse caso, o estudo não podia conduzir à definição correta da natureza linguística do enunciado, na medida em que se limitava a pôr em evidência a especificidade do discurso cotidiano oral.” (BAKHTIN, 1997, p. 281)

Ao relacionar a constituição de novos gêneros ao surgimento de esferas da atividade humana novas, Bakhtin apresenta a heterogeneidade dos gêneros do discurso, o que o levou a propor uma primeira classificação dos gêneros, dividindo-os em gêneros *primários* e gêneros *secundários*.

GÊNEROS PRIMÁRIOS	GÊNEROS SECUNDÁRIOS
Relacionam-se às situações comunicativas cotidianas, espontâneas, informais e imediatas, como a carta, o bilhete, o diálogo cotidiano.	Mediados, geralmente, pela escrita, aparecem em situações comunicativas mais complexas e elaboradas, como o teatro, o romance, as teses científicas.

Tanto os gêneros primários quanto os secundários possuem a mesma essência, isto é, ambos são compostos por fenômenos da mesma natureza, os enunciados verbais. Porém, o que diferencia um do outro é o nível de complexidade no qual cada um deles se apresenta.

De acordo com Bakhtin (1997, p. 281),

“[...] não há razão para minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso e a consequente dificuldade quando se trata de definir o caráter genérico do enunciado. Importa, nesse ponto, levar em consideração a diferença essencial existente entre o gênero de discurso *primário* (simples) e o gênero de discurso *secundário* (complexo). Os gêneros secundários do discurso — o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. - aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica. Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios”.

Dessa forma, pode-se concluir que os gêneros primários são os instrumentos de criação dos gêneros secundários numa passagem decorrente de um processo, simultaneamente, de continuidade e ruptura. Por um lado continuidade porque a transição para um novo sistema presume toda a experiência vivida na assimilação do sistema anterior; por outro lado, ruptura devido às condições de produção dos gêneros de um e de outro serem diferentes: os primários se desenvolvem no ambiente natural das relações do

cotidiano e estão ligados à situação de enunciação, e os secundários são autônomos em relação à situação imediata de enunciação, sendo, por isso, adquiridos em ambientes formais, geralmente.

É, então, a partir de uma classificação primária dos gêneros do discurso, que se torna mais viável e clara a compreensão da natureza do enunciado – que emerge nas mais diversas esferas da atividade humana, uma vez que “a inter-relação entre os gêneros primários e secundários de um lado, o processo histórico de formação dos gêneros secundários do outro, conduz e esclarece a natureza do enunciado” (idem, p. 282).

Nas palavras de Bakhtin,

“[...] ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo linguístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua. O enunciado situa-se no cruzamento excepcionalmente importante de uma problemática” (BAKHTIN, 1997, p. 282).

Ao se buscar a concepção de enunciado concreto, faz-se relevante estabelecer a diferença entre frase/oração e enunciado. A oração, da mesma forma que a palavra, é unidade da língua, não se refere a nenhuma determinada realidade, não possui autoria, e, conseqüentemente, caracteriza-se como um elemento desprovido de aspectos expressivos ou emotivo-valorativos. Por outro lado, o enunciado

“é uma unidade da comunicação verbal que somente tem existência em um determinado momento histórico, entretanto, a sua constituição não exclui a oração. O valor semântico do enunciado, por sua vez, é o sentido” (FLORES, 2001, p. 37);

é uma “expressão individualizada da instância locutora” (1997, p. 308), é a unidade real do discurso – nessa perspectiva há uma interação entre os sujeitos falantes. Bakhtin, ainda, esclarece que

“[...] o enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância dos sujeitos falantes, e que termina por uma transferência da palavra ao outro, por algo como um mudo “*dixi*” percebido pelo ouvinte [...]. É no diálogo real que esta alternância dos sujeitos falantes é observada de modo mais direto e evidente” (BAKHTIN, 1997, p. 294).

Além disso, acrescenta que

“[...] O acabamento do enunciado é de certo modo a alternância dos sujeitos falantes vista do interior; essa alternância ocorre precisamente porque o locutor disse (ou escreveu) *tudo* o que queria dizer num preciso momento e em condições precisas. Ao ouvir ou ao ler, sentimos claramente o fim de um enunciado, como se ouvíssemos o “*dixi*” conclusivo do locutor. É um acabamento totalmente específico e que pode ser determinado por meio de critérios particulares. [...] A totalidade acabada do enunciado que proporciona a possibilidade de responder (de compreender de modo responsivo) é determinada por três fatores indissociavelmente ligados no todo orgânico do enunciado: 1) o tratamento exaustivo do objeto do sentido; 2) o intuito, o querer-dizer do locutor; 3) as formas típicas de estruturação do gênero do acabamento” (idem, 1997, p. 294).

Dessa forma, percebe-se o enunciado como produto da interação verbal, determinado tanto por uma situação material concreta bem como pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma comunidade linguística qualquer.

4.1.1- A COMPOSIÇÃO, O TEMA E O ESTILO EM BAKHTIN

Em princípio, na visão bakhtiniana, os gêneros do discurso são efeitos da fusão de três dimensões constitutivas, a saber: 1) o aspecto formal do texto – procedimentos, relações, organização, disposição e acabamento do todo discursivo; 2) o aspecto temático – objetos, sentidos, conteúdos, materializados numa esfera discursiva com suas realidades socioculturais, cuja função é marcar o assunto a ser intercambiar; 3) o aspecto estilístico – seleção lexical,

frasal, gramatical, estratégias de dizer cuja compreensão é determinada pelo gênero. Isso significa que

“Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico” (BAKHTIN, 1997, p. 284).

A construção composicional, o tema e o estilo, ao serem marcados pelas especificidades de uma dada atividade humana na esfera sócio-verbal, caracterizam o enunciado e definem o gênero discursivo de tal enunciado.

Ao se pensar em Composicionalidade, duas orientações divergentes vêm à tona nas obras do Círculo de Bakhtin. Uma diz respeito à noção de forma arquitetônica, e a outra busca situar a forma composicional como um dos elementos constitutivos do gênero discursivo. Em *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária* (1988), pode-se perceber uma oposição conceitual entre forma composicional e forma arquitetônica. Esta toma os valores morais e físicos do homem estético e da natureza, enquanto que aquela se refere ao objeto estético realizado da forma arquitetônica, conforme postula Bakhtin, ao dizer que as formas arquitetônicas

“são as formas dos valores morais e físicos do homem estético, as formas da natureza enquanto seu ambiente, as formas do acontecimento no seu aspecto de vida particular, social, histórica etc. [...] são as formas da existência estética na sua singularidade. As composicionais têm um caráter teleológico, utilitário, como que inquieto [...] A forma arquitetônica determina a escolha da forma composicional: assim, a forma da tragédia (forma do acontecimento, em parte, do personagem – o caráter trágico) escolhe a forma composicional adequada – a dramática” (BAKHTIN, 1988, p. 25).

A forma arquitetônica, portanto, determina a escolha pela qual o material é organizado e concretizado pela forma composicional.

O Tema, no gênero do discurso, é o tópico do discurso como um todo. Deve-se ter bastante cuidado para não confundi-lo com “assunto”, até porque pode-se falar de um determinado assunto e ter outro tema. O tema está correlacionado

a uma significação. Bakhtin/Voloshinov, em “Marxismo e filosofia da linguagem” (1992), ao especificar a questão do tema, diz:

“O tema é um *sistema de signos dinâmico e complexo*, que procura adaptar-se adequadamente às *condições de um dado momento da evolução*. O tema é uma *reação da consciência em devir ao ser em devir*. A significação é um *aparato técnico para a realização do tema*. Bem entendido, é impossível traçar uma fronteira mecânica entre a significação e o tema. Não há tema sem significação, e vice-versa [...]” (BAKHTIN, 2006, p. 132 – grifo do autor).

O tema é definido como individual, não-reiterável, determinado tanto pelas formas linguísticas como pelos elementos não verbais da situação, fenômeno histórico e dotado de acento de valor ou apreciativo (o tom). A significação é compreendida como a parte do tema, que é reiterável, abstrata e passível de análise, mediante a identificação das formas linguísticas às quais está associada. Tema e significação são indissociáveis e estão presentes em todo processo interacional. Conforme o pensamento de Bakhtin, a palavra ao ser usada pelo locutor não só apresenta um tema e uma significação, mas também, um tom, uma valoração. E para cada objeto do discurso falado pelo locutor, este acaba conferindo-lhe um significado a partir do valor apreciativo nele depositado.

Ao considerar o estilo, na visão bakhtiniana, chegamos ao seguinte conceito:

“Chamamos *estilo* a *unidade* constituída pelos procedimentos empregados para dar forma e acabamento ao herói e ao seu mundo e pelos recursos, determinados por esses procedimentos, empregados para elaborar e adaptar um material” (BAKHTIN, 1997, p. 215 – grifo do autor).

O conceito de estilo está ligado ao conceito de gênero do discurso, isso porque o estilo é um dos elementos constitutivos do gênero, o que legitima Bakhtin ao afirmar: “Onde há estilo há gênero” (idem, p. 289).

Na construção do enunciado, o locutor inscreve a sua subjetividade, registrada pelas marcas estilísticas de seu discurso.

“O estilo está indissoluvelmente ligado ao enunciado e a formas típicas de enunciados, isto é, aos gêneros do discurso. O enunciado - oral e escrito, primário e secundário, em qualquer esfera da comunicação verbal - é individual, e por isso pode refletir a individualidade de quem fala (ou escreve). Em outras palavras, possui um estilo individual. Mas nem todos os gêneros são igualmente aptos para refletir a individualidade na língua do enunciado, ou seja, nem todos são propícios ao estilo individual” (BAKHTIN, 1997, pp. 282-283).

Conforme Sobral (2009), o estilo “é ao mesmo tempo expressão da relação discursiva típica do gênero e expressão pessoal, mas não subjetiva, do autor no âmbito do gênero”.

Em um de seus artigos, denominado *Discurso na vida e discurso na arte*, Bakhtin/Voloshinov estabelecem uma significativa reflexão acerca do estilo, quer seja,

“O estilo é o homem”, dizem; mas poderíamos dizer: o estilo é pelo menos duas pessoas ou, mais precisamente, uma pessoa mais seu grupo social na forma do seu representante autorizado, o ouvinte – o participante constante na fala interior e exterior de uma pessoa” (VOLOSHINOV, 1997, P. 16).

Nesse caso, o estilo, embora se apresente como uma dimensão particular, individual, é resultante de no mínimo duas pessoas, isto é, da relação que se estabelece entre uma pessoa e seu grupo social.

O estilo, em Bakhtin, está intrinsecamente relacionado à composição e ao tema de um texto. Mister ressaltar que a composição e o estilo do enunciado dependem da expressividade, ou caráter valorativo do enunciado, ou seja, a relação valorativa falante-objeto-ouvinte determina a escolha de todos os recursos linguísticos, segundo assevera Bakhtin:

“O enunciado, seu estilo e sua composição são determinados pelo objeto do sentido e pela expressividade, ou seja, pela relação valorativa que o locutor estabelece com o enunciado. A estilística ignora este terceiro ponto e, para determinar o estilo de um enunciado, leva em conta unicamente os seguintes fatores: o sistema da língua, o objeto do sentido e a pessoa do locutor com seu juízo de valor a respeito desse objeto. A escolha dos recursos linguísticos, de acordo com a concepção estilística habitual, efetua-se a partir de considerações acerca do objeto do sentido e da expressividade. É com base nesses aspectos que se determina um estilo, tanto um estilo da língua, quanto o estilo de um movimento ou o estilo individual. Assim temos, de um lado, o locutor com sua visão do mundo, seu juízo de valor e suas emoções, e, do outro, o objeto do seu discurso e o sistema da língua (os recursos linguísticos) — a partir daí se definirão o enunciado, seu estilo e sua composição. Tal é a concepção que reina absoluta” (BAKHTIN, 1997, pp. 315-316).

Nessa esteira de pensamentos, a expressividade está incutida no interior do enunciado, e o estilo deste ligado às relações dialógicas, ou seja,

“a expressividade de um enunciado é sempre, em menor ou maior grau, uma *resposta*, em outras palavras: manifesta não só sua própria relação com o objeto do enunciado, mas também a relação do locutor com os enunciados do outro” (BAKHTIN, 1997, p. 317).

4.1.2- O PRINCÍPIO DIALÓGICO E A ALTERIDADE

Ao refletirmos sobre as concepções de linguagem desenvolvidas nas ciências humanas ao longo dos últimos cem anos, é imprescindível considerar a concepção de Bakhtin uma das mais instigantes, haja vista que implica a interação verbal entre os sujeitos, daí a sua essência ser dialógica. Todos os enunciados emergentes do processo de comunicação são, por natureza, dialógicos. Nesses enunciados há uma dialogização interna da palavra, que é perpassada continuamente pela palavra do outro, sempre e irremissivelmente através da palavra do outro. De antemão, não há como não pensar na alteridade como elemento constitutivo do ser humano, pois o outro é

imprescindível para sua concepção – nesse caso, pensar no homem fora das relações que o conectam ao outro é inadmissível.

Ao enunciar, o sujeito jamais atua sozinho, pois ao fazê-lo já se prevê um possível interlocutor, e essa reciprocidade sempre emerge da interação desses sujeitos, afinal,

“nenhum enunciado em geral pode ser atribuído apenas ao locutor: ele é produto da interação dos interlocutores e, num sentido mais amplo, o produto de toda esta situação social complexa, em que ele surgiu” (Todorov, 1981, p. 50).

O enunciador, para constituir um discurso, leva em consideração o discurso de outrem, que está presente no seu. Todo discurso é atravessado pelo discurso alheio, nele se faz presente sempre a voz do outro. Dessa forma, o dialogismo equivale às relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados.

Se partirmos do fato de que uma palavra dialoga com outra palavra, que ela se constitui a partir de outras palavras, que está rodeada de outras palavras, podemos concluir que o discurso constitui-se a partir do outro. Percebe-se, então, que o enunciado é uma réplica, uma resposta a um enunciado anterior a ele e fio condutor para outro enunciado que será resposta daquele. Nessa teia dialógica, compreende-se que tudo que é dito não pode ser concebido como uma fala original, pois nele se cruzam o já-dito no/do discurso social.

Outro ponto que merece destaque em relação ao dialogismo trata-se da incorporação da voz ou das vozes de outro(s) pelo enunciador no enunciado. Nesse contexto, o dialogismo é visto como uma forma de composição. Revelar outras vozes no discurso são procedimentos externos e visíveis. Sendo assim,

“o objeto do discurso de um locutor, seja ele qual for, não é objeto do discurso pela primeira vez neste enunciado, e este locutor não é o primeiro a falar dele. O objeto, por assim dizer, já foi falado, controvertido, esclarecido e julgado de diversas maneiras, é o lugar onde se cruzam, se encontram e se separam diferentes pontos de vista, visões do mundo, tendências” (BAKHTIN, 1997, p. 319).

Ainda refletindo acerca do dialogismo, não se pode olvidar da subjetividade, que é constituída pelo conjunto de relações sociais de que participa o sujeito. Para Bakhtin, o sujeito não é totalmente autônomo e individualizado, haja vista que ele se constitui em relação ao outro. Isto significa que o dialogismo é o princípio de constituição do indivíduo e o seu princípio de ação; em suma, “a comunicação entendida como uma relação de alteridade em que o eu se constitui pelo reconhecimento do tu, isto é, em que o reconhecimento de si se dá pelo reconhecimento do outro” (MARTINS, 1990). Repensando a questão da subjetividade em Bakhtin, diante de uma atitude alteritária conforme Martins (1990), pode-se constatar relevante o princípio da intersubjetividade, em que o sujeito se constitui frente ao outro em um processo de autorreconhecimento pelo reconhecimento desse outro em um movimento de alteridade. Esse é, de certa forma, um princípio unificador que permeia toda a produção teórica em torno de Bakhtin.

4.2- DO GÊNERO AUTOBIOGRÁFICO

Em analisando os enunciados produzidos pelo adolescente, em sua trajetória no processo de intervenção socioeducativa, pode-se constatar a configuração de um determinado gênero discursivo. Nossa hipótese inicial é que essa produção enunciativa reflete um enunciado autobiográfico. A partir dessa hipótese, faz-se mister apresentar algumas concepções acerca do gênero Autobiografia.

Elizabeth Bruss, citada por Miranda (1992), diz que para um texto ser considerado autobiográfico é preciso que se efetive o “ato autobiográfico”, também denominado como “ato elocutório”. Esses atos são performativos e refletem as situações de linguagem, possivelmente reconhecíveis e institucionalizadas por seu uso em diferentes meios.

Nessa esteira de pensamento, pode-se dizer que uma autobiografia caracteriza-se como um ato particular de interpretação, no qual as experiências vividas são conformadas, revisadas, sintetizadas e modificadas pela representação, haja vista que narrar as próprias memórias constituiria uma tarefa quase impossível. Além disso, constata-se que a autobiografia não é um autorretrato, nem um instantâneo, mas sim, um construto textual sobre vivências experienciadas até o momento de sua narração.

Philippe Lejeune é um dos grandes nomes da pesquisa autobiográfica da atualidade. Em sua obra, *El pacto autobiográfico y outros estudios* (1994) o autor põe em discussão a funcionalidade do texto autobiográfico e busca um conceito para a ‘escrita de si’, propondo uma definição do gênero, quer seja, um “*relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, pondo ênfase em sua vida individual e, em particular, na história de sua personalidade*” (1994, p.50).

Desdobrando essa definição, surgem quatro subitens:

- I. *uma forma de linguagem:*
 - a) narração;
 - b) em prosa;
- II. *um tema:*
 - a vida individual, a história de uma personalidade;
- III. *a situação do autor:*
 - identidade do autor enquanto pessoa real como narrador do discurso;
- IV. *a posição do narrador:*
 - a) identificação do mesmo com o personagem principal
 - b) perspectiva retrospectiva do relato.

O teórico francês enfatiza outra questão no que se refere ao pacto de leitura que ele acredita que deva ser firmado entre autor e leitor – o “pacto autobiográfico”. Esse conceito [*“pacto autobiográfico”*] foi a solução encontrada para o problema de estabelecer fronteiras entre os modos discursivos fictícios e

os modos discursivos factuais. Trata-se, por conseguinte, de uma forma de contrato entre autor e leitor na qual o sujeito da enunciação se compromete explicitamente não a uma exatidão histórica impossível, mas a uma apresentação sincera de sua vida. Quem escreve se compromete a ser sincero e quem lê passa a buscar revelações que possam ser confirmadas extratextualmente.

Lejeune estabeleceu um critério para evidenciarmos se um texto é autobiográfico ou não – a identidade entre autor, narrador, personagem. Nessa perspectiva, quando encontramos a identificação entre autor empírico, narrador e personagem, configura-se, então, o chamado “pacto autobiográfico” – a indicação primeira de que lemos uma autobiografia.

Assim mesmo, se alguém se põe a escrever uma autobiografia, é porque tem em mente fixar um sentido em sua vida e dela operar uma síntese. Síntese essa que envolve omissões, seleção de acontecimentos a serem relatados e desequilíbrio entre os relatos (uns adquirem maior peso, são narrados mais longamente do que outros), operações que o autor só é capaz de fazer na medida em que se orienta pela busca de uma significação: busca essa que lhe dirá quais acontecimentos ou reflexões devem ser omitidos e quais (e como) devem ser narrados. Essa busca também prevalece na estrutura do texto, os relatos ganhando sentido à medida que vão sendo narrados, acumulando-se uns aos outros, de modo que a significação se constrói no momento mesmo em que o autor escreve a autobiografia.

Utilizando-se do mesmo caminho trilhado pelo pesquisador francês, mas percorrendo outras direções e estabelecendo novas relações, percebemos que o “pacto autobiográfico” pode ser “camuflado” de diferentes formas pelo autor ou pode ser estabelecido de diferentes modos pelo leitor. São muitas as possibilidades de escrita de um texto autobiográfico. O gênero é bastante heterogêneo, situando-se na fronteira de muitos outros textos, apresentando múltiplas estratégias, veladas ou não, utilizadas pelos seus produtores.

A autobiografia é, apesar das dificuldades de definição a partir de um critério textual puro, um relato retrospectivo em prosa que um indivíduo com vida extratextual comprovada faz de sua própria existência, enfatizando sua vida pessoal e sua personalidade. Neste tipo de relato, o conteúdo do texto se remete a uma realidade que existiu fora do texto. O discurso autobiográfico, no entanto, como qualquer discurso, não tem o poder de trazer para o interior do texto toda a complexidade da existência do ser humano.

Ainda que seja a autobiografia um gênero discursivo constitutivo de uma escrita de si, essa enunciação não se constitui sem um processo de alteridade.

É dentro dessa perspectiva que, articuladas à noção de gêneros do discurso, outras categorias, como dialogismo, estilo, apreciação valorativa, vozes alheias, subjetividade/alteridade, exotopia, responsabilidade/responsividade, foram também elencadas, a fim de se construir uma base teórico-metodológica que auxilie a análise do *corpus*, assim como compreender o papel do gênero em tela na constituição desse outro sujeito a partir do contexto da socioeducação.

4.3- DE VOLTA À ALTERIDADE

Tomando como ponto de partida as concepções bakhtinianas de que a interação verbal e o dialogismo são princípios da linguagem humana e da constituição dos sujeitos, podemos perceber a importância de se construir uma relação alteritária no que tange à execução da medida socioeducativa de internação de adolescentes em conflito com a lei.

Em princípio, faz-se relevante compreender a alteridade que se revela nos enunciados produzidos pelo adolescente em conflito com a lei, durante a sua trajetória socioeducativa de internação, e como a construção da subjetividade e a ressignificação de valores e princípios são apreendidas a partir do processo

dialógico de intervenção, por meio da análise discursiva de um sujeito que se mostra no enunciado.

O adolescente em conflito com a lei, sujeito ao qual se imputa a prática de ato infracional, quando submetido à medida socioeducativa de privação de liberdade, se depara com um outro processo dialógico, fato que corrobora o pressuposto do Círculo de Bakhtin, qual seja, a linguagem humana é essencialmente dialógica e vivemos “no universo das palavras do outro”. Nessa esteira de pensamentos, partindo da proposta da pesquisa, levantamos algumas questões acerca do processo de intervenção pelo qual passa esse sujeito, no que tange a sua dialogicidade, e de que modo a relação de alteridade poderia constituir-se em uma estratégia eficaz para o processo socioeducativo.

Na busca em compreender os traços da subjetividade construída nos enunciados produzidos por esses sujeitos, ao longo de sua trajetória de internação, partimos da seguinte questão: Que sujeito é esse que se enuncia no texto?

No processo de socioeducação, o adolescente em conflito com a lei está em constante “batalha”. Eis, então, o desafio de se criar uma atmosfera favorável à ação socioeducativa, que vise preparar a pessoa em formação (adolescentes) para assumir papéis sociais relacionados à vida coletiva, à reprodução das condições de existência (trabalho), ao comportamento justo na vida pública e ao uso adequado e responsável de conhecimentos e habilidades disponíveis no tempo e nos espaços onde a vida dos indivíduos se realiza.

Diante, então, da intervenção socioeducativa, o adolescente em conflito com a lei teria condições de significar-se e ressignificar-se, por meio de uma relação de alteridade, vetor norteador das relações interpessoais. A palavra alteridade possui o significado de se colocar no lugar do outro na relação interpessoal, junto com a consideração, valorização, e dialogando com o outro.

Alteridade, então, denomina a capacidade de conviver com o diferente, de se proporcionar um olhar interior a partir das diferenças. Isto significa que reconheço o outro em mim mesmo, também como sujeito aos mesmos direitos que eu, de iguais direitos para todos, o que, por sua vez, gera deveres e responsabilidades, condição *sine qua non* para a cidadania plena. Porém, se considerarmos o adolescente em conflito com a lei como subversor das regras sociais, podemos pensar: como esse sujeito constitui os outros que se relacionam com ele – família, escola, a igreja, “rua”, “o mundo do crime”, o CSE.

A presente questão nos remete ao sujeito de Bakhtin que, segundo BRAIT (1999), “é um sujeito histórico, social, ideológico, mas também corpo. É um sujeito construído na linguagem, construído pelo outro”. O sujeito é produto de relações sociais, e o seu discurso, lugar das coerções sociais. Podemos então dizer que “o discurso não é, pois, a expressão da consciência, mas a consciência é formada pelo conjunto dos discursos interiorizados pelo indivíduo ao longo de sua vida” (FIORIN, 2007).

O sujeito em Bakhtin é o da interlocução, pois, para o pensador russo, é no diálogo que o sujeito traduz a sua heterogeneidade, uma vez que o *eu* só se constrói na alteridade com o *outro*. O dialogismo é, portanto, o princípio da constituição do sujeito. Com efeito, segundo Bakhtin em seu manuscrito “*Para uma refeitura do livro sobre Dostoiévski*”, (p. 293),

“Viver significa tomar parte no diálogo: fazer perguntas, dar respostas, dar atenção, responder, estar de acordo e assim por diante. Desse diálogo, uma pessoa participa integralmente e no correr de toda sua vida: com seus olhos, lábios, mãos, alma, espírito, com seu corpo todo e com todos os seus feitos. Ela investe seu ser inteiro no discurso e esse discurso penetra no tecido dialógico da vida humana, o simpósio universal” (apud FARACO, 2009).

Sendo assim, numa relação dinâmica entre identidade e alteridade, o sujeito é ele mais a complementação do outro. O centro da relação não está nem no *eu* nem no *tu*, mas sim, no espaço discursivo criado entre ambos. O sujeito só se completa na interação com o outro.

“Embora a subjetividade individual se produza em espaços sociais constituídos historicamente, o indivíduo, ao entrar na vida social, vai se transformando em sujeito. É nessa integração que o sujeito atua, pela própria socialização de suas diferenças individuais, constituindo elementos de sentido na organização dos sistemas de relação social, dando lugar a novos processos de subjetividade social, a novas redes de relações sociais, que acabam sendo elementos de transformação no *status* que o engendrou [...]” (JOST, 2006).

Os contextos de enunciação se diversificam e, em consequência disso, muitas vezes, se mantêm tensos, em conflito o tempo todo. Eles são dialeticamente relacionados mediante uma coexistência conflituosa, o que significa que um contexto de fala sempre afeta outro e que o efeito de sentido que um consegue é o cruzamento com muitos outros contextos. Esse é o dialogismo de Bakhtin, um jogo de múltiplas vozes. Conforme o teórico, a língua é vista como o cenário de um jogo de palavras, um território de confronto entre subjetividades, o embate polifônico de diferentes instâncias sociais, a coexistência conflituosa de vozes de diversas situações e contextos sociais. Nesse aspecto, Bakhtin se aproxima de Foucault (1996) quando este afirma que “um enunciado tem sempre margens povoadas de outros enunciados”.

A partir dessas reflexões, propomos outra questão: De que forma o discurso do adolescente em conflito com a lei é impregnado pelas vozes alheias que se cruzam em seu interior? O sujeito forma-se a partir da teia de relações que consegue estabelecer entre seu discurso e todos os outros a que tiver acesso. Constata-se então que “a vida humana é por sua própria natureza dialógica” (FARACO, 2009).

No discurso do adolescente em conflito com a lei, assim como em quaisquer outros discursos, pode-se reconhecer o cruzamento de vários discursos por meio de um processo dialógico e ideológico. Nessa relação de alteridade, mas também de autoridade, constata-se ainda mais que nossas palavras estão imbricadas como a palavra do outro:

“Vivo no universo das palavras do outro. E toda a minha vida consiste em conduzir-me nesse universo, em reagir às palavras do outro. [...] A palavra do outro impõe ao homem a tarefa de compreender esta palavra. A palavra do outro deve transformar-se em palavra minha alheia (ou alheia minha). Distância (exotopia) e respeito. O objeto, durante o processo da comunicação dialógica que ele enseja se transforma em sujeito (em outro *eu*)” (BAKHTIN, 1997, pp. 385-386).

Essa palavra do outro, portanto, para se tornar minha palavra deve ser colocada, respeitosamente, à distância, em uma relação de exotopia. É o que discutimos a seguir.

4.4- DO PRINCÍPIO DA EXOTOPIA

Ao considerarmos o processo de interação e a sua dialogicidade, pode-se chegar ao princípio da exotopia que, no dizer de AMORIM (2006), “é o desdobramento de olhares a partir de um lugar exterior. Esse lugar exterior permite, conforme Bakhtin, que se veja do sujeito algo que o próprio sujeito nunca pode ver.” Em síntese, aliando-se às palavras de Cristovão Tezza, constata-se que “no universo bakhtiniano nenhuma voz, jamais, fala sozinha.”

Consequentemente, tem-se a noção de acabamento, haja vista que, se é o indivíduo que finaliza, ele dá ao outro uma visão acabada, assim como é o outro que lhe pode dar o acabamento, a ponto de situar-se de seu lugar social, em um processo de reciprocidade. Portanto, a visão que o outro tem do indivíduo nunca será igual à visão que o indivíduo tem de si mesmo. O “eu”

abrange o conhecimento interior, a visão do “outro” é baseada em suposições com base no que vê externamente.

No que se refere ao adolescente em conflito com a lei, considerar o processo exotópico de sua relação com o outro (ele mesmo, a família, a escola, o mundo do crime, o CSE, etc.), lhe possibilita resgatar a consciência de si mesmo através do outro:

“O excedente da minha visão contém em germe a forma acabada do outro, cujo desabrochar requer que eu lhe complete o horizonte sem lhe tirar a originalidade. Devo identificar-me com o outro e ver o mundo através de seu sistema de valores, tal como ele o vê; devo colocar-me em seu lugar, e depois, de volta ao meu lugar, completar seu horizonte com tudo o que se descobre do lugar que ocupo, fora dele; devo emoldurá-lo, criar-lhe um ambiente que o acabe, mediante o excedente de minha visão, de meu saber, de meu desejo e de meu sentimento” (BAKHTIN, 1997, p.45).

A reflexão, a partir de uma perspectiva bakhtiniana, permite-nos inferir que em uma relação dialógica e alteritária, o sujeito, nesse caso o adolescente em conflito com a lei, tende a tornar-se um outro sujeito responsivo.

A proposta em refletir a relação de alteridade que se pretende construir no processo de socioeducação vem à tona ao considerarmos que “o indivíduo não existe fora da alteridade” (BAKHTIN, 1997). É por meio dela que o homem se define, haja vista que o outro é imprescindível à sua concepção. A partir de uma relação de alteridade, torna-se mais acessível o entendimento da realidade de cada um desses adolescentes em conflito com a lei, bem como os fatores que os motivaram (e motivam) à prática do ato infracional.

Nessa reflexão, infere-se, então, que o gênero autobiográfico pode se tornar também um outro para o adolescente, enquanto enunciador, nesse processo exotópico de se ressignificar para si e para a sociedade.

É incipiente, ainda, afirmarmos que a relação de alteridade é ponto culminante no processo de intervenção socioeducativa. Porém, supõe-se que essa relação, quando construída por meio da interação humana, pode favorecer um trabalho mais eficiente e efetivo no trato do atendimento ao adolescente em conflito com a lei.

Conforme GALLINA (2007, p. 91),

“é desafiadora a missão de construir coletivamente respostas e soluções criativas e complexas, que possam oferecer aos adolescentes a oportunidade de se desenvolverem como sujeitos de direitos e responsabilidades capazes de se tornarem autônomos e de fazerem suas escolhas de forma reflexiva e madura”.

Se pensarmos na alteridade como constituinte do processo dialógico, conseqüentemente, podemos descortinar uma cultura de paz e a promoção da ressocialização do adolescente em conflito com a lei, ainda que seja uma tarefa ousada mas significativa.

Considerando-se o objeto principal dessa investigação – o discurso do adolescente em conflito com lei, que se corporifica em um enunciado produzido ao longo do cumprimento da medida de intervenção socioeducativa, algumas questões se revelam pertinentes, principalmente no que tange à relação dialógica que se pretende construir por meio desse processo de intervenção. São elas:

- a. Que sujeito é esse que se enuncia nesse texto (enunciado)?
- b. Como esse sujeito se constitui?
- c. Como o adolescente constitui os outros sujeitos (as instituições e os objetos de discurso) com os quais se relaciona?
- d. Como é essa enunciação e o que nela ou a partir dela se enuncia?
- e. Em que medida a enunciação pode ser positiva para a ressignificação desse sujeito?

- f. De que modo o gênero Autobiografia se torna constituinte no espaço-discursivo de (re)construção da subjetividade?

Para tentar responder a essas questões, valer-nos-emos das noções teóricas levantadas anteriormente, Gêneros do Discurso, Dialogismo, e Exotopia, articuladas a outras, como estilo, tema, construção composicional, alteridade e subjetividade, apreciação valorativa, entonação, empatia, responsividade/responsabilidade, para análise de uma “Autobiografia” tomada como *corpus* dessa pesquisa.

Essa análise será de natureza qualitativa e dialógica, por meio de uma metodologia da escuta, privilegiando uma atitude responsivo-ativa, compreensiva e alteritária, dentro de uma perspectiva bakhtiniana,

“[...] por que a palavra tende à escuta e, além disso, porque como outra, como singular, fora dos lugares comuns do discurso, [...] a palavra subsiste apenas no encontro com a outra palavra. [...] É exatamente a relação, o encontro que faz existir a palavra como outra palavra; [...] sem o encontro com a palavra outra que escuta não há outra palavra” (PONZIO, 2010, p. 39).

O sujeito do enunciado não almeja um discurso monológico, uma vez que

“A enunciação é o resultado de uma interação eu-outro, também nas suas características formais. Cada texto, escrito ou oral, está ligado dialogicamente com outros textos, é calculado em consideração de possíveis outros textos que ele pode produzir como reação, antecipando possíveis respostas, objeções, e se orienta em referência a textos anteriormente produzidos aos quais alude, replica, objeta, ou dos quais procura apoio, retomando-os, imitando-os, aprofundando-os, etc.” (PONZIO, 2010, pp. 37-38).

5. A ANÁLISE DOS DADOS

Os enunciados do adolescente em conflito com a lei ANL, sob a perspectiva da intervenção socioeducativa, são construídos e se constituem em um espaço discursivo, nesse caso, o Centro Socioeducativo Contextualizado (CSE). Esse sujeito [o adolescente] tem um espaço em que pode ou deve falar de si, e isso é realizado de uma determinada forma, podendo ter, ao final dessa enunciação, efeitos de sentido pedagógicos, discursivos, psicossociológicos, dentre outros. Considerando-se o objetivo geral da pesquisa em tela, interessam-nos os efeitos discursivos dessa enunciação que têm a ver com a questão da subjetividade, nesse momento, em processo de resignificação.

5.1- DO FOCO DE ANÁLISE

Para a realização das análises enunciativas, são consideradas e traçadas algumas categorias bakhtinianas relevantes à compreensão do discurso produzido por ANL, nosso sujeito discursivo, tais como: dialogismo, estilo, apreciação valorativa, tom, vozes alheias, subjetividade/alteridade, exotopia, responsabilidade/responsividade.

5.1.1 ANÁLISES PRELIMINARES: Pré-textuais, Apresentação, Introdução e Justificativa

O enunciado produzido pelo adolescente em conflito com a lei apresenta, inicialmente, uma configuração similar à do gênero acadêmico monografia, ao se observar os elementos pré-textuais presentes em sua abertura – capa, folha de rosto, folha de apresentação, epígrafe, dedicatória, agradecimentos e sumário (*ver anexo*).

O sujeito, a partir de uma interpelação enunciativa – instituída pelo próprio processo de intervenção socioeducativa, em sua 5ª etapa, toma a palavra, posicionando-se, primeiramente, desse lugar discursivo, ou seja, de um lugar institucional e institucionalizado. Nesse processo inicial de enunciação, é relevante destacar que o enunciado traz marcas fortes da modalidade escrita, que, em seguida, será superposta pela modalidade oral, utilizada na maior parte da enunciação.

As modalidades orais e escritas não se reduzem tão somente a um instrumento para a comunicação ou veiculação de informações, mas sim – e principalmente, como uma forma de mostrar socialmente aquilo que desejaríamos que os outros enxergassem uns aos outros, e concomitante como vemos o outro conforme a nossa perspectiva de mundo, aquela que introjetamos ao longo da vida, na qual a relação pensamento e linguagem são muito tênues, ou seja, ambas caminham juntas embora apresentem diferenças na produção e na representação. A fala e a escrita são, antes de tudo, sistemas comunicativos que expressam a língua nas práticas sociais.

Ao longo da leitura e análise do enunciado em tela, percebe-se um paradoxo evidente quanto à escolha do gênero do discurso, haja vista que ao mesmo tempo em que o sujeito assume esse lugar acadêmico (o seu enunciado [“monografia”] configura-se como forma de resposta à proposta institucional de intervenção sócio-educativa), ele se desloca e se recoloca em outro lugar, o da escrita de si – a autobiografia. O gênero Autobiografia é narrativo e da oralidade, embora se apresente na modalidade escrita.

A partir dessa reflexão, destaca-se a função da Exotopia no processo enunciativo, uma vez que o adolescente-sujeito se coloca em outro lugar (neste caso, o lugar acadêmico) para, exotopicamente, falar de si.

Logo, na Apresentação, nota-se um olhar exotópico do adolescente em conflito com a lei sobre si, por meio desse outro constituído discursivamente, como no seguinte trecho:

[A.N.L. – p.9]

“Hoje estou aqui em condições de realizar um trabalho que poucos meses atrás eu não teria nenhuma das condições necessárias para realizar.”

E acrescenta:

[A.N.L. – p.9]

“[...] eu me encontro preparado, preparado para compartilhar com outras pessoas, outros adolescentes, e outras famílias um pouco da minha vida, um pouco do meu pessoal, uma coisa que carrego comigo e vou carregar para o resto da minha vida.”

A diferenciação temporal realizada no primeiro trecho, marcada pelos operadores “hoje” e “poucos meses atrás”, possibilita a formulação da hipótese de que se trata, discursivamente, de dois sujeitos, um inscrito no presente da enunciação, o eu-enunciador, e outro, inscrito em outro momento, em um passado não muito distante, o eu-enunciado, que, afinal de contas, é o tema da enunciação, o objeto do discurso.

O sujeito da enunciação acredita que a experiência por ele vivenciada, enquanto outro sujeito de discurso, seja capaz de sensibilizar e conscientizar outros sujeitos enunciatários, nesse caso, outros jovens e famílias que por uma razão ou outra não estreitam uma relação afetiva, para que não passem pela mesma situação na qual ele se encontra.

[A.N.L. – p.9]

“[...] fico feliz [...] em saber que as pessoas vão ter minha história de vida como uma experiência para construir uma vida feliz, e não cometer os mesmos erros que eu cometi que meus pais cometeram que nós cometemos.”

Pode-se vislumbrar, também, nessa enunciação, uma voz institucional que aposta nessa enunciação como, ao mesmo tempo, lugar de reflexão do adolescente em conflito com a lei, e lugar de repercussão de sua história de vida na vida de outros adolescentes e outras famílias. Com isso, tem-se um outro social visado por esse enunciado.

Ainda na Apresentação, ANL por uma atitude responsivo/responsável admite ter cometido erros, mas também, envolve a sua própria família (no caso, os pais) como cúmplices – ou talvez como corresponsáveis, dos erros por ele cometidos, seja por negligência ou por omissão.

Na escrita, isso ficou marcado, graficamente, com ou sem intenção, pela aglutinação sintática das orações adjetivas “que eu cometi”, “que meus pais cometeram” e “que nós cometemos”.

Nas duas partes seguintes do texto – Introdução e Justificativa –, a voz do adolescente é sobreposta pela voz da instituição responsável pelo seu processo socioeducativo. Ao comentar sobre a medida socioeducativa e sobre os efeitos por ela causados em sua vida, o adolescente reitera o próprio discurso da instituição quanto ao seu papel no atendimento socioeducativo.

[A.N.L. – p.10]

“[...] eu já estava ‘passando dos limites’ lá fora, acho que essa medida, esse processo, o MPC chegou a minha vida em um momento [...] que realmente eu não via mais outra coisa a não ser ‘rua e crime’ [...]”

[A.N.L. – p.10]

“Enquanto cumprio essa mediada aprendi e vou aprender muitas coisas ainda.”

[A.N.L. – p.10]

“A muito para aprender ainda, principalmente sobre mim e minha família.”

[A.N.L. – p.10]

“[...] reconheço que tenho que aprender muito.”

[A.N.L. – p.11]

“Ainda pretendo aprender bastante enquanto eu estiver aqui, mas vai depender apenas de mim.”

[A.N.L. – p.11]

“[...] Depois que eu comecei realmente a aceitar essa medida socioeducativa o meu relacionamento familiar mudou bastante, [...] minha família está passando por um grande momento de transformação [...]”

Conforme os fragmentos expostos, é perceptível a voz da instituição que, direta ou indiretamente, pretende legitimar a sua intervenção socioeducativa a partir da fala do sujeito.

Isso pode ser indiciado, por exemplo, pelo vocabulário institucionalmente marcado – “medida”, “processo”, “cumprimento de medida”, “MPC”, “medida socioeducativa”, pela incerteza na fala do enunciador, “eu acho”, e, especialmente, pelo discurso do aprendizado individual e familiar, reiterado diversas vezes nesses trechos.

Constata-se, vez ou outra, que as marcas do lugar acadêmico (instituição) retornam e ocupam o lugar da fala autobiográfica.

[A.N.L. – p.12]

“Eu escolhi esse tema mudança de caminho [...] Esse tema não fala sobre um assunto individual, mas sim um assunto bastante falado na sociedade e principalmente em um centro socioeducativo.”

Aqui é interessante salientar que, apesar de afirmar categoricamente que sua escolha do tema “mudança de caminho” foi individual, o enunciador, logo em seguida, observa que esse assunto é muito falado na sociedade e, principalmente, no próprio CSE. Destaca-se, obviamente, aqui, o modificador “principalmente”, indicando que essa escolha não poderia ser tão individual assim.

O sujeito do enunciado, ao mesmo tempo em que busca dar respostas à principal indagação:

[A.N.L. – p.12]

“Porque um adolescente entra para o mundo do crime?”,

é interpelado pela voz da instituição que, instintivamente, o faz descortinar o cerne motivador de sua entrada no mundo do crime, ou melhor, do seu ato infracional:

[A.N.L. – p.12]

“[...] porque muitas das vezes os pais do adolescente, ou até o próprio adolescente comete erros que prejudicam sua vida, sua mente e às vezes até deixa o adolescente confuso [...]”

Esse último trecho também é revelador do processo enunciativo exotópico, fundamental nesse processo de enunciação autobiográfica. Nesse trecho, o enunciador se distancia da sua condição de adolescente em conflito com a lei e generaliza para as condições de outros adolescentes (“os pais do adolescente”; “o próprio adolescente”; “o adolescente”; “sua vida”; “sua mente”).

A partir dessa reflexão, percebe-se a possibilidade que o sujeito tem de ver mais de outro sujeito do que o próprio vê de si mesmo, devido à posição exterior (exotópica) do outro na constituição de um todo do indivíduo. Isso significa que ele necessita desse excedente de visão, para só assim conseguir compreender conscientemente a sua realidade, nesse caso, a experiência de vida que é construída ao longo desse processo de socioeducação.

Ainda em relação à sobreposição da voz da instituição sobre a voz do adolescente, fica nítido a partir dos trechos seguintes, encontrados no início da Justificativa:

[A.N.L. – p.12]

“[...] mesmo quando chegamos a nos desviar do nosso caminho nos não devemos desistir.”

[...]

“Siga seu caminho sem desviar-se, e não mude de Caminho por causa dos obstáculos, enfrente, pois no futuro você colherá os frutos dessa longa caminhada.”

Tem-se, aqui, nesse momento, uma enunciação imperativa (“siga”; “não mude”; “enfrente”), que só pode vir, de fato, de um outro lugar, de um lugar de fora. Essa enunciação é, evidentemente, um discurso de autoajuda, muito comum em situações de reabilitação como a aqui considerada.

Ao final de sua Justificativa, dois pontos chamam a atenção: primeiro, a necessidade de reconhecer o “caminho errado” em que se encontra como condição para aceitar a intervenção que possibilitará a transformação. Logo, reconhecer para aceitar e aceitar para transformar; o segundo, diz respeito ao olhar do outro.

“Assim como o caráter de acontecimento da minha vida é elaborado pelos outros que nela são heróis – é apenas na exposição que faço de minha vida para o outro, apenas através do olhar e do tom emotivo-volitivo do outro, que me torno herói dela [...]” (Bakhtin, 1997, p. 126)

Dessa maneira, a estratégia da instituição quanto à aplicabilidade de seu plano de intervenção socioeducativa é anunciada, já que o que se almeja é o protagonismo juvenil, ou seja, que o adolescente se torne o protagonista de seu próprio processo socioeducativo, ou seja, um sujeito dotado de capacidade de ressignificar a sua própria subjetividade, ainda que em meio a um imaginário social homogêneo de que ele é “bandido”, que está fadado ao insucesso devido à sua prática infracional.

5.2- OS ANOS DE INOCÊNCIA

Nas primeiras páginas de seu discurso, em que expõe a sua vida, ANL divide com o seu outro os momentos inesquecíveis, não menos problemáticos também, de sua infância e de sua pré-adolescência. Nelas se inscreve um sujeito capaz de compreender as intempéries que surgem no cotidiano de uma família humilde, habitante da periferia e cheia de conflitos.

O enunciado do adolescente toma, então, a configuração de uma autobiografia, um construto textual sobre acontecimentos já vividos e outros os quais está vivenciando, nessa trajetória do atendimento socioeducativo.

Interessante é saber que esse adolescente, ao passo desse processo do cumprimento da medida socioeducativa, produz enunciados que auxiliam a práxis dos profissionais atuantes na instituição. Conforme informações obtidas com uma técnica do setor de Inclusão Social do CSE, há, em princípio, a produção de um Diário Sócio-Terapêutico, cujo objetivo primordial é conduzir o adolescente à reflexão e também a expressar os seus próprios pensamentos, seus objetivos, as suas vontades, desejos e angústias, e no qual o psicólogo se baseia para guiar a sua intervenção. Apenas este, o psicólogo, tem acesso às informações contidas nesse texto produzido pelo adolescente em conflito com a lei. Seguramente, nesse enunciado a subjetividade é muito mais marcada.

Ainda de acordo com a referida profissional do CSE, o enunciado em anexo, denominado institucionalmente de “monografia”, e objeto de análise dessa pesquisa – e defendido por nós como um discurso autobiográfico –, assume função outra, haja vista que sua gênese é um requisito proposto pela equipe pedagógica. Esta, por sua vez, é a responsável pelo encaminhamento do adolescente, orientando-o sobre a temática a ser escolhida, o que e como será abordado nesse texto a ser produzido nas últimas etapas do atendimento socioeducativo, em cumprimento das etapas desenvolvidas pelo/no MPC. .

Assim, pode-se dizer que o diário é uma “ferramenta” terapêutica, utilizada pela área psicológica do centro, enquanto que a “monografia” é uma “ferramenta” usada pela área pedagógica. Além disso, o diário não sofre intervenções, pois não se tornará público, ao contrário da “monografia”, que sofre um processo de revisão, correção e adequação, uma vez que terá um público leitor e avaliador (uma “banca”).

Sabendo-se que seu enunciado, isto é, o seu construto textual, sofrerá apreciação de um grupo de técnicos do CSE e será apresentado aos familiares e demais pessoas, é possível que haja uma subversão dos fatos narrados, ou pelo menos uma modalização, e que a subjetividade seja re(velada), devido aos padrões composicionais e estilísticos ao qual o seu enunciado deverá submeter-se.

Em geral, a narrativa do adolescente faz poucas referências ao processo de intervenção propriamente dito, isto é, o seu discurso não se refere exclusivamente ao período de internação no qual está inserido, remetendo-se mais à sua história de vida. É uma narrativa retrospectiva de sua vida, desde o seu nascimento, passando pela sua fase mais crítica (a adolescência), até o momento de sua entrada em um centro de atendimento socioeducativo.

O sujeito não só cria expectativas a partir das intervenções realizadas pelos agentes socioeducadores como também percebe que com a sua experiência de vida poderá ajudar a outros jovens que assim como ele passaram (ou estão passando) por momentos críticos na vida pessoal e familiar.

Na busca em compreender a sua própria vida e os fatores motivadores de seu ato infracional, por meio de uma produção autobiográfica (escrita de si), o sujeito precisa distanciar-se de si mesmo, tornar-se um *outro-para-si*, para que consiga tornar-se tema do próprio enunciado. Esse processo constitui, conforme Bakhtin (1997), um “excedente de visão” que lhe permite completar-se como sujeito naquilo que a sua própria individualidade não conseguiria sozinha. Esse processo exotópico, então, é a possibilidade de ele responder, é o ponto de partida para ele assumir a sua responsabilidade, uma vez que a

responsividade e a responsabilidade são decorrentes da extra-localização em relação ao Outro (incluído aqui o próprio Eu). Dessa forma, o adolescente poderá resgatar a consciência de si mesmo por meio do outro.

É fundamental ressaltar que ao longo de seu enunciado as relações dialógicas estão ininterruptamente presentes, pois a presença do outro (interlocutor) é imprescindível para a construção de sentido de seu discurso. O sujeito não é um ser apenas de pergunta ou apenas de resposta, já que

“A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude *responsiva ativa* [...]; toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor.” (BAKHTIN, 1997, p. 290)

O adolescente cria essa atmosfera exatamente para poder falar de si e dos outros (ou para/com os outros) que estão de certa maneira envolvidos no seu processo de intervenção e na sua própria história de vida. Nesse caso, “o locutor [o adolescente] termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva do outro” (Bakhtin, 1997, p. 294).

O enunciado do adolescente pode ser dividido, assim, em duas partes: a primeira traz elementos que nos remetem a um texto acadêmico [“monografia”]. Essa parte inicial, denominada por nós como pré-textual e analisada no item anterior, busca localizar o leitor quanto ao conteúdo a ser abordado, além de ser resposta à própria instituição de atendimento socioeducativo. A segunda parte, de fato a mais significativa, apresenta a vida pregressa do sujeito, isto é, a sua relação com a família (pai, mãe, irmãos, avós), o ambiente familiar, o seu ambiente escolar, as fases da vida (principalmente a adolescência), o ambiente escolar, a sua experiência no mundo do crime, os atos infracionais cometidos e a sua entrada no centro de atendimento socioeducativo.

No decorrer da leitura da história de vida do adolescente, buscamos traçar uma estratégia de análise dos objetos de discurso apresentados por ANL que em sua narrativa, por sinal, obedece a uma linearidade, dividida em subcapítulos: INFÂNCIA – IRMÃO – ESCOLA – ADOLESCÊNCIA – ATO INFRACIONAL – PROJETO DE VIDA – REFLEXÃO – CONCLUSÃO. Essa linearidade marcada em seu texto é conduzida muito bem, mesmo sendo autobiográfica, quer dizer, um trabalho árduo com a memória, situado entre o tempo da escrita (presente) e o tempo narrado (passado), além de ter um caráter mais expressivo do que informativo.

A primeira fase de sua vida (a Infância) é marcada por cenas desagradáveis em relação ao convívio familiar entre os seus pais, devido às dificuldades financeiras pelas quais eles passavam.

[A.N.L. – p.13]

“Logo que nasci meus pais brigavam muito, [...] as brigas eram constantes entre eles [...]

“[...] estava passando por dificuldades, [...] já tinham minha irmã [...]

É importante observar aqui o processo de criação autoral do sujeito. De acordo com Bakhtin, há duas instâncias distintas, mas imbricadas, de autoria: o Autor-Pessoa e o Autor-Criador (BAKHTIN, 1997). O primeiro é, obviamente, o autor enquanto pessoa física (com RG, CPF, etc.); no caso, trata-se de ANL, um adolescente em conflito com a lei, internado em um centro de atendimento socioeducativo. Por outro lado, o Autor-Criador é o responsável pelo enunciado, por seus elementos constitutivos, pela escolha do gênero, pelas escolhas estilísticas, pela configuração temática e composicional do enunciado.

É, dessa perspectiva, do Autor-Criador, a escolha pela configuração temática que associa, logo no início de sua enunciação, os objetos discursivos “família”, “brigas” e “dificuldades”. É essa instância discursiva, também, que escolhe atribuir a expressão “constantes” ao objeto “brigas”, valorando-o, desse modo, ainda mais negativamente do que o seu significado histórico.

Do mesmo modo, o cenário em que vive o adolescente (quando criança) também é construído, discursivamente, pelo tempo cronológico e por um espaço físico, que não se encontra marcado negativamente:

[A.N.L. – p.13]

“[...] nos meus primeiro e até o quarto ano de idade todos nós morávamos em uma casa de tábuas construída no quintal da casa dos meus avós.”

Embora a relação familiar não fosse uma das melhores, todos buscavam uma vida harmoniosa. O sujeito morava com pai, mãe, irmã mais velha e irmã mais nova. O seu pai, por quem teria, segundo o enunciador, um forte sentimento, trabalhava como pintor, e a sua mãe era dona-de-casa.

Em dada ocasião, quando a sua mãe descobre que teria mais um filho (homem), a notícia é trazida pelo enunciador como tendo mexido um pouco com o ego do adolescente, o que o teria feito mudar o comportamento, ainda que momentaneamente, pois não havia pensado na possibilidade de dividir a atenção dos pais com outro filho de sexo masculino. Esse fato é bem frisado pelo enunciador, inclusive por meio de comparações feitas dele com o seu irmão recém-nascido, como também pelo fato de ter separado, textualmente, um subtítulo para tal.

[A.N.L. – p.14]

“[...] eu era bastante inocente, eu chupava dedo e nunca chupei chupeta e essas coisas de mordedor, babador, já o meu irmãozinho que nasceu era tratado igual filho de rico a meu ver.”

No trecho acima, a expressão “a meu ver” é bastante sintomática desse excedente de visão do sujeito e de sua inserção em um processo exotópico que estabelece uma distância entre autor-pessoa e autor-criador e, assim, entre o eu-enunciador e o eu-enunciado.

Paradoxalmente, no mesmo lar em que são constantes as brigas e discussões entre os pais, há expressões de afetividade entre pais e filhos. O próprio discurso do adolescente soa paradoxal quando se refere às relações afetivas presentes em sua casa, quando ao mesmo tempo diz:

[A.N.L. – p.14]

“[...] não gostava muito de ficar recebendo carinhos, cafuné e essas coisas.”

e

“mas eu me sentia um pouco só”

O adolescente, ainda em sua fase de infância, no retrato que está sendo criado por ele discursivamente, nesse movimento exotópico, revela o seu grande afeto com o seu pai, inclusive nos momentos mais difíceis pelos quais passou.

[A.N.L. – p.14]

“meu pai ficou enfermo”

“meu pai ficou internado [...] havia desenvolvido câncer.”

“sofri muito com essa distância”

“até hoje sofro muito com as sequelas que ficaram em seu corpo [...]”

“eu sofro que a qualquer momento ele pode...”

“Depois dessa época meu pai nunca foi o mesmo”

A separação dos pais de ANL conduz a uma mudança de comportamento, revelada no trecho:

[A.N.L. – p.17-18]

“[...] aí para mim foi o ponto final da minha infância, onde o A. inocente morreu, e nasceu o A. rebelde.”

Esse trecho é muito significativo, no sentido de que, do ponto de vista da criação autoral, discursiva, o enunciador coloca um ponto final em determinado momento de sua vida e propõe um corte, ao mesmo tempo narrativo e discursivo (ideológico, especialmente), entre um “A inocente” e um “A rebelde”.

Do ponto de vista narrativo e discursivo, pode-se postular que o autor cria, nesse momento, o herói de sua narrativa, o “A rebelde”, o “A da rua e do crime”, o “A infrator”, que será preso, julgado e condenado a cumprir uma medida de internação socioeducativa.

É exatamente desse cenário de conflito familiar – brigas, dificuldades e separação dos pais – que o autor cria seu herói. E será a partir desse momento que o enunciador narrará sua história, dramática, diga-se de passagem, de rebeldia, crime e infração.

5.3- OS ANOS REBELDES DE ANL

O enunciador em todo momento de sua narrativa busca estabelecer um diálogo com o leitor, como se este fosse não só expectador de sua história, mas sim, cúmplice dos fatos marcantes de sua vida. O enunciado do adolescente tem um tom confessional, estruturado em um nível mais coloquial, principalmente quando se refere ao leitor – o seu outro.

[A.N.L. – p.18]

“Como vocês viram...”

[A.N.L. – p.20]

“Mas como vocês leram...”

“Voltando ao assunto dos meus estudos, vocês viram que a mudança de caminho foi de repente [...]”

“Como vocês leram...”

[A.N.L. – p.20]

“Vocês devem ter percebido...”

Em todos esses trechos é usado pelo sujeito-enunciador o pronome pessoal “vocês”, remetendo uma resposta a um determinado interlocutor. A quem se dirige o pronome de tratamento? Em um primeiro momento, pode-se deduzir que seja aos agentes socioeducadores do CSE, que propõem um diálogo por meio de suas intervenções sócio-terapêuticas. Por outro lado, em uma visão mais geral, seria esse tratamento voltado a outros adolescentes e famílias que estão passando por experiências semelhantes às do adolescente ANL.

Nota-se, com clareza, a mudança na enunciação do sujeito, uma vez que há um direcionamento explícito a esses “vocês”. Ao longo de seu enunciado, ANL se detém a uma descrição mais voltada para si mesmo, remetendo às experiências por ele vivenciadas em sua vida. A partir dos trechos acima transcritos, podemos perceber que

“o enunciado de um sujeito apresenta-se de maneira acabada permitindo/provocando, como resposta, o enunciado do outro; a réplica, no entanto, é apenas relativamente acabada, parte que é de uma temporalidade mais extensa, de um diálogo social mais amplo e dinâmico” (MARCHEZAN, 2008, p. 117).

Essa provocação realizada no interior de seu enunciado revela a sua condição dialógica, pois é tão somente por uma relação dialógica que o sujeito descortina a possibilidade do acabamento, uma vez que “somente posso me consistir como herói no discurso do outro, na criação do outro. O outro que está de fora é quem pode dar uma imagem acabada de mim...” (AMORIM, 2008, p. 97)

Essa estratégia enunciativa, remete-nos a Bakhtin, quando diz que

“O enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal. Representa a instância ativa do locutor numa ou noutra esfera do objeto do sentido. Por isso, o enunciado se caracteriza acima de tudo pelo conteúdo preciso do objeto do sentido. A escolha dos recursos linguísticos e do gênero do discurso é determinada principalmente pelos problemas de execução que o objeto do sentido implica para o locutor (o autor). É a fase inicial do enunciado, a qual lhe determina as particularidades de estilo e composição. A segunda fase do enunciado, que lhe determina a composição e o estilo, corresponde à necessidade de *expressividade* do locutor ante o objeto de seu enunciado. A importância e a intensidade dessa fase expressiva variam de acordo com as esferas da comunicação verbal, mas existe em toda parte: um enunciado absolutamente neutro é impossível. A relação valorativa com o objeto do discurso (seja qual for esse objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado. O estilo individual do enunciado se define acima de tudo por seus aspectos expressivos” (BAKHTIN, 1997, p. 308).

Ao falar da Escola, o herói é apresentado pelo enunciador como tendo um comportamento adequado durante a sua fase infantil até a adolescência. Para ele, esse espaço lhe proporcionou vários momentos agradáveis e enriquecedores.

[A.N.L. – p.18]

“Eu era um aluno bastante esforçado e interessado na escola [...]”

“Sempre gostei de estudar...”

“Fiz vários amigos [...]”

“[...] foi onde eu dei o meu primeiro beijo”

Nota-se que o sujeito tem a escola como um espaço de interação e crescimento pessoal, ainda que houvesse alguns pequenos conflitos. A adolescência é a fase que marca uma reviravolta em sua vida – período de separação de seus pais, o que acaba afetando diretamente o seu desempenho na escola.

[A.N.L. – p.19]

“Meu desempenho era muito bom na escola [...]”

“[...] depois que eu fui chegando à adolescência isso foi acabando.”

Caso fossem divididas e classificadas as etapas da produção textual do sujeito, seguramente a fase da **Adolescência** se enquadraria como sendo o clímax de toda a sua história de vida, uma vez que nesse período muitas foram as situações em que se encontrava o protagonista da narrativa autobiográfica.

Nessa etapa de sua vida, são relatados o envolvimento do adolescente em problemas, o desinteresse pelos estudos, o acúmulo de frequentes reprovações de ano, o envolvimento em relacionamentos superficiais, a não escuta nem obediência a seus pais, enfim, são apresentados, pelo enunciador, comportamentos incomuns àqueles que geralmente ele demonstrava anteriormente. ANL, enquanto herói da narrativa, passa a viver uma vida desregrada, cheia de prazeres circunstanciais e fúteis, está em pleno declínio social e pessoal. Chega, por fim, ao mundo do crime.

[A.N.L. – p.19]

“Eu freqüentava escola quando eu queria, comecei a ter muitas faltas, e cheguei a reprovar pela primeira vez. Foi aí que eu parei e pensei que não valeria apenas eu ficar perdendo o meu tempo de estudo.”

“Eu reprovei novamente, e só estava piorando os meus comportamentos na escola, lembro até uma vez que eu cheguei a agredir uma professora (?)”

“[...]o meu pai, ele me cobrava muito, mas eu não dava ouvido [...]”

[A.N.L. – p. 20]

“já estava envolvido no mundo do crime”

“[...] isso já aconteceu comigo porque eu já não estava mais pensando em mim, eu já não tinha mais responsabilidade [...]”

[A.N.L. – p. 21]

“No começo da minha adolescência eu já estava bastante diferente de quem eu era já tinha mudado totalmente o rumo da minha vida, já estava bastante rebelde. Meus comportamentos em casa eram bastante diferentes de como era antes, não estava respeitando mais ninguém, já estava totalmente sem limites [...]”

Observa-se, nos trechos citados, o total desprendimento do sujeito em relação a seus atos. A partir de uma posição axiológica,

“A atitude do herói em face de si mesmo é inseparável da atitude do outro em relação a ele. A consciência de si mesmo fá-lo sentir-se constantemente no fundo da consciência que o outro tem dele, o ‘eu para si’ no fundo do ‘o eu para o outro’. Por isso o discurso do herói sobre si mesmo se constrói sob a influência direta do discurso do outro sobre ele” (BAKHTIN, 2010, p. 237)

Nesse estágio em que se encontra a sua vida, o sujeito, mesmo sem expectativas aparentes de uma possível mudança de vida, tem consciência de que os atos cometidos contribuíram para a degeneração de seu caráter, de seus princípios e valores morais e éticos.

Discorrer sobre ética em Bakhtin leva-nos a pensar a integralização arquitetônica das dimensões do sujeito humano, em especial a responsabilidade. Se todo discurso é respondível, conforme afirma Bakhtin, é devido a sua dialogicidade e também o é porque o sujeito responde por seus atos no mundo, ele é responsável por eles.

Passado um tempo, o adolescente volta a frequentar a igreja. Ele acaba assumindo tarefas na igreja, o que lhe faz ocupar a mente. A sua efetiva participação na igreja o faz sentir-se valorizado, útil. Embora as regras da instituição religiosa que frequentava fossem muito rígidas, ANL se sentia confortável nesse sistema, até porque acreditava que dessa forma não estaria vulnerável a voltar para o mundo do crime.

[A.N.L. – p. 21]

“[...] eu entreguei a minha vida nas mãos de Deus. [...]”

“... a igreja que eu estava era uma doutrina (regras) muito rígida.”

“Minha mãe não queria que eu fosse para aquela igreja, [...] mas eu não parei...”

“[eu] Estava bastante dedicado na igreja, [...] freqüentando os montes de oração...”

Como se percebe, ao enunciar sobre esse objeto do discurso, a Igreja, o autor-enunciador revela um tom valorativo, levando-nos a acreditar em seu processo de regeneração social e, principalmente, familiar. O clima em que vivia com os amigos da igreja, juntamente com a sua mãe e seus irmãos, lhe possibilitou experimentar uma sensação de acolhimento e reconhecimento que há tempos não sentia.

Mas, alguns fatores soaram mais fortes na vida do adolescente, quais sejam: não possuía estrutura psicológica nem sequer era acompanhado por um profissional especializado para atendê-lo, a falta de um lar estruturado, de uma família capaz de orientá-lo, que lhe fizesse resgatar a sua autoestima, que lhe oferecesse não só um teto, mas também atenção, tudo isso contribuiu para a sua saída da igreja e o seu retorno à criminalidade.

[A.N.L. – p. 22]

“eu acabei saindo da igreja, não sei nem o porquê, mais parece que eu tinha cansado de ficar na igreja.”

“... depois que eu saí da igreja, comecei a me desviar de novo do caminho...”

“[...] Comecei a me envolver com o crime de novo, [...] a traficar para um amigo meu...”

Um ponto que chama atenção no enunciado de ANL são as dualidades presentes em sua história de vida: tristeza x felicidade, céu x inferno, bem x mal, inocência x rebeldia, certo x errado, confiança x insegurança. Essas dualidades nos permitem pensar

“o herói em Dostoiévski [que] não é um ser totalmente determinado (visto e conhecido de fora), mas um ser relativamente livre e autônomo que, como tal, vê seu mundo, tem consciência desse mundo e, principalmente, tem consciência de si mesmo nesse mundo, ou seja, tem um certo excedente de visão que lhe vem pela interação tensa com o olhar dos outros sobre ele” (FARACO, 2008, p. 47)

A necessidade de pertencer a um grupo e de se autoafirmar conduz o adolescente a cometer ações inconscientes, desprovidas de qualquer responsabilidade e responsividade, provocando consequências desastrosas tanto para ele como para a sua família.

Apesar de já estar envolvido no mundo do crime, cometendo atos infracionais, o herói tenta, mesmo que inutilmente, preservar a sua imagem com os pais. Para estes, o adolescente apresentava um comportamento idôneo, com uma lisura de quem jamais pudesse estar envolvido em situações ilícitas. De fato, embora estivesse imerso dos pés à cabeça no mundo da criminalidade, cometendo atos infracionais, traficando drogas, com o intuito de “investir no crime”, ele não ostentava o lucro de seus furtos, pois não queria chamar atenção de seus pais.

[A.N.L. – p.23]

“Eu fazia de tudo para despistar os meus pais, continuava pedindo dinheiro a eles normalmente para não demonstrar nenhuma atitude diferente.”

“[...] pois tinha muito medo dos meus pais desconfiarem de mim.”

“Eu queria ser um filho perfeito, mas eu não conseguia ser [...]”

Com base nos trechos acima, constata-se que esse ideal de “filho perfeito” é mascarado pelo sujeito na sua relação com os pais, em contrapartida, ele mesmo tem consciência desse “eu” que se constitui socialmente subjugado por decorrência dos atos que pratica.

O adolescente tem a sua primeira experiência ao ser apreendido e permanecer por trinta dias em uma unidade de internação provisória, a UNIP, devido ao ato infracional que cometeu. Ao retornar para a casa de sua mãe, alguns dias depois reincide na prática de atos infracionais, resultando em uma nova apreensão e condução à unidade socioeducativa de internação.

[A.N.L. – p.27]

“Voltei a cometer atos infracionais...”

“... comecei a roubar novamente com um grupo de amigos que andava comigo, até que um dia fui preso.”

“Eu saí da UNIP com 30 dias...”

[...]

“Acabou que eu continuava no crime...”

“... esse meu amigo [...] só me ajudava a se afundar mais no ‘poço’ onde eu estava.”

“Não passou muito tempo e eu acabei sendo preso novamente, e estou até hoje.”

Percebe-se que o jovem está totalmente sem orientação, desprovido de qualquer referência que o faça resgatar o rumo de sua vida. Entretanto, o que ele parece querer-dizer é que está ali, pronto para receber uma atenção especial, um tratamento digno de um filho que almeja o amor de seus pais, apesar de que estes bem ou mal nunca o abandonaram, mesmo nas condições mais precárias que a vida lhe apresentava.

[A.N.L. – p.29]

“Eu cometia atos infracionais para obter fama e a atenção dos meus pais, eu queria ser reconhecido, queria ser popular [...]”

Diante desse enunciado autobiográfico, dos problemas enfrentados pelo adolescente em sua vida, chama-nos atenção o fato de ele nunca ter desmerecido a escola, pois sabia da importância dela para o desenvolvimento pessoal, social e intelectual. Essa constatação nos faz refletir a função social da escola na promoção da vida humana, como fomentadora das relações sociais, da quebra dos paradigmas sociais que paralisam a evolução do sujeito e contribui para a estigmatização do ser humano. De certo modo essa consciência que o adolescente tem da escola (espaço dialógico de interação) é interpretada como uma forma de resignificação, pois ela se manifesta evidente no processo de intervenção socioeducativa.

Nessa trajetória de resignificação, que é um processo realizado por meio de uma relação dialógica entre os sujeitos, destaca-se a alteridade, pois

“o que ocorre, de fato, é que, quando me olho no espelho, em meus olhos olham olhos alheios; quando me olho no espelho não vejo o mundo com meus próprios olhos e desde o meu interior; vejo a mim mesmo com os olhos do mundo – estou possuído pelo outro” (FARACO, 2008, p. 43)

Tal reflexão nos remete ao forte primado da Alteridade, “no sentido de que tenho de passar pela consciência do outro para me constituir” (FARACO, 2008, p. 43).

Assim como o sujeito do enunciado, são muitos os jovens que adentram a criminalidade com algum objetivo, ainda que os meios para alcançá-lo não sejam tão lícitos conforme apregoa a sociedade. Não é uma questão de absolvê-los ou condená-los pelo que cometeram, afinal, a prática do ato infracional é mais uma triste revelação da desigualdade presente em nossa sociedade brasileira. A falta de políticas públicas que atendam à criança e ao adolescente, garantindo-lhes o direito à escola, à segurança, à saúde, ao lazer, enfim, ao bem-estar social, é o combustível que alimenta a manutenção da criminalidade e a propagação da violência no mundo contemporâneo.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo projeto de pesquisa revela-se em uma ideia (quase que) definida, com as suas indagações e respectivas hipóteses. Porém, ao debutar no terreno da investigação em nível *stricto sensu*, adentramos um universo desafiador, cheio de obstáculos, mas de uma riqueza imensurável e caminhos a decifrar.

O desafio de entrar em um universo desconhecido, sem o domínio das regras do jogo, foi o que instigou a realização do trabalho.

Quando se fala em estudos da linguagem, é impossível não remeter-nos de imediato aos aspectos do sistema da língua ou aos tratados de escrita, postulados nos manuais acadêmicos. O estudo que dá corpo a essa dissertação buscou inovar a partir da -escolha de seu objeto de pesquisa. Mas, não se deteve apenas (e exclusivamente) em sua materialidade linguística, haja vista que por trás do enunciado analisado, havia um sujeito que a todo o momento dialogava com o pesquisador, numa relação dialógica de interação.

A princípio, o interesse da pesquisa limitava-se às marcas de subjetividade presentes no enunciado produzido por um adolescente em conflito com a lei. Porém, ao começar a traduzir o universo do atendimento socioeducativo, a pesquisa adequou-se a uma nova proposta, quer seja, analisar de que forma a alteridade se revela no enunciado do adolescente em conflito com lei que se encontra em processo de cumprimento de medida socioeducativa.

Já nas primeiras reflexões, constatamos a necessidade de o indivíduo se relacionar com a linguagem, pois só por meio dela é capaz de haver a interação social, o que determina o Dialogismo, lugar de constituição do sujeito e da própria linguagem.

Considerando-se o enunciado produzido pelo adolescente, em determinado estágio de seu processo de socioeducação, percebeu-se que o atendimento realizado apresenta um caráter dialógico, haja vista que para a eficácia, a eficiência e a efetividade do atendimento, faz-se indispensável uma relação de Alteridade.

A alteridade é percebida durante todo o processo socioeducativo, mais significativamente nos atendimentos terapêuticos, em que o adolescente em conflito com a lei recebe atendimentos dos socioeducadores. Além disso, o sujeito é posto a relacionar-se com os outros que se relacionam com eles, por exemplo, os próprios outros socioeducandos, os agentes socioeducadores e a família. Nesse processo dialógico, revelam-se as múltiplas vozes que estão impregnadas no discurso do adolescente.

A partir das relações dialógicas e da alteridade constituída nessa trajetória de ressocialização e ressignificação de valores, surge o princípio de Exotopia. No enunciado do adolescente ANL, pudemos perceber o processo exotópico, pelo qual o sujeito na relação com outro é capaz de resgatar a consciência de si por meio do outro, de seu *excedente de visão*.

O enunciado produzido pelo adolescente em conflito com a lei caracteriza-se como gênero autobiográfico. Para Bakhtin, “a autobiografia não é um mero discurso direto do escritor sobre si mesmo, [...] o escritor precisa se posicionar axiologicamente frente à própria vida, submetendo-a a uma valoração que transcenda os limites do apenas vivido” (FARACO, 2008).

Embora seja denominado, institucionalmente, de “monografia” o gênero do discurso solicitado ao adolescente, detectou-se, predominantemente e de forma clara, a materialidade do gênero autobiográfico, ao considerar a sua forma composicional, o seu tema e o seu estilo.

Ao longo do processo dialógico do qual participa, percebeu-se que o adolescente é interpelado pela instituição em dado momento de sua trajetória socioeducativa, a fim de registrar as suas reflexões a respeito de sua própria

vida, bem como das suas expectativas de vida assim que concluir as etapas do programa de socioeducação, denominado MPC.

O sujeito, por sua vez, precisa buscar mecanismos discursivos para poder dizer – perceptivelmente, há a produção de um discurso regrado, haja vista que esse enunciado é submetido e apresentado a uma banca composta, inclusive, por profissionais não pertencentes ao sistema de atendimento aos adolescentes em conflito com a lei.

Ao longo de seu enunciado, constatou-se que o sujeito pouco fala da instituição e do processo de socioeducação em si, detendo-se muito mais ao seu histórico de vida, o que é revelado pelos seus objetos do discurso: a família, a infância, o período dos estudos, a adolescência, o mundo do crime.

Como dito há pouco, embora se apresente – institucionalmente – um modelo de gênero discursivo a ser produzido, pudemos perceber que o gênero autobiográfico predomina. Ainda que este gênero predomine, não se poderia anular e desconsiderar algumas marcas visíveis no texto produzido pelo adolescente, comuns ao gênero monografia, tais como: capa, folha de aprovação, sumário, e resumo.

Destacamos, sobremaneira, o processo de produção do enunciado, isto é, as condições de produção, uma vez que é inconcebível analisar um discurso desconsiderando as condições de produção, uma vez que estão intimamente ligadas à constituição do discurso. Isso quer dizer que o sentido de um enunciado depende das condições históricas e sociais e da situação em que o sujeito que o produz se encontra.

No caso do adolescente, o enunciado produzido emergiu das suas relações dialógicas, com a família, a escola, a igreja, a criminalidade e, também, por meio das intervenções, na unidade de internação, que visavam provocar uma mudança em seu comportamento, a partir das reflexões construídas e das novas perspectivas surgidas, como também ser um instrumento de reflexão para outros adolescentes/jovens e a suas respectivas famílias.

Ao voltarmos à proposta inicial da pesquisa, podemos dizer que a relação de alteridade é capaz de provocar uma postura axiológica, que conduz o adolescente a retomar a sua própria consciência, reconhecendo-se como sujeito constituído a partir das relações dialógicas nas quais se encontra, o que lhe possibilitará ressignificar-se como sujeito responsável/responsivo de seus atos.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Marília. *Cronotopo e Exotopia*. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 1ª Ed. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. *Para uma filosofia do ato: "válido e inserido no contexto"*. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: Dialogismo e Polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009.

BAKHTIN, M. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 4. Ed. Tradução Bernardini et al. São Paulo: Ed. UNESP, 1988.

_____. *Estética da Criação Verbal*. Tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12ª ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. direta do russo de Paulo Bezerra. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Pedro & João Editores, 2010.

BARROS, Diana L. Pessoa de. *Contribuições de Bakhtin às Teorias do discurso*. In: BRAIT, Beth (Org.). *BAKHTIN – dialogismo e construção do sentido*. 2ª Ed. (revisada). São Paulo. Editora Campinas, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & Diálogo – As ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo, Parábola Editorial, 2009.

_____. *Autor e Autoria*. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008.

FIORIN, José Luis. *As astúcias da enunciação*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999.

_____. *Linguagem e ideologia*. 8ª Ed. (revisada e atualizada). São Paulo: Ática, 2007.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Princípios para a definição do objeto da linguística da enunciação*. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 36, n. 34, p. 7 – 67, dez. 2001.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

GALLINA, Silvana. *A subjetividade e a Política de Atendimento ao Adolescente em Conflito com a Lei*. In: BASTOS, Ruth; ÂNGELO, Darlene; COLNAGO,

Vera. (Orgs.). *Adolescência, Violência e a Lei*. Rio de Janeiro: Cia. De Freud, 2007.

GERALDI, João Wanderley. *ANCORAGENS – Estudos Bakhtinianos*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

JOST, Maria Clara. *Por trás da máscara de ferro: as motivações do adolescente em conflito com a lei*. São Paulo: Edusc, 2006.

LEJEUNE, P. *El pacto autobiográfico y otros estudios*. Madrid: Megazul Endymion, 1994.

MARCHEZAN, Renata Coelho. *Diálogo*. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 1ª Ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, E. J. *Enunciação e Diálogo*. São Paulo: Editora Unicamp, 1990.

MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: EDUSP, 1992.

MONDRAGÓN, Gerardo Bohórquez. *Modelo Pedagógico Contextualizado*. São Paulo, 2008.

PONZIO, Augusto. *Procurando uma palavra outra*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

SARTORI, Adriane Teresinha. *Os professores e sua escrita: o gênero discursivo “memorial de formação”*. Tese de Doutorado. UNICAMP. Campinas, 2008.

SILVA, Michele Viana da. *O princípio da alteridade: a respeito da natureza dos enunciados e do sujeito*. In: Grupo de Estudos dos Gêneros Discursivos – GEGE. *O espelho de Bakhtin*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007.

SOBRAL, Adail. *O conceito de ato ético de Bakhtin e a responsabilidade moral do sujeito*. In: *Artigo de revisão*. Revista Bioetikos. Centro Universitário São Camilo, 2009.

_____. *Estética da criação verbal*. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: Dialogismo e Polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. *Ato/atividade e evento*. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. *O Ato “Responsível”, ou Ato Ético, em Bakhtin, e a Centralidade do Agente*. In: SIGNUM: Estudos Linguísticos. Londrina, 2008.

TODOROV, T. *Mikhaïl Bakhtine, le prince dialogique, suivi de Ecrits du cercle de Bakhtine*. Paris: Seuil, 1981.

VOLOSHINOV, V. N. (BAJTÍN). “*La palabra en la vida y la palabra em La poesía*”. En: *Hacia una filosofía del acto ético: de los borradores y otros escritos*. Trad. Tatiana Bubnova. Barcelona/San Juan, Anthropos/Universidad de Puerto Rico, 1997, p. 135; VOLOSHINOV, V. N. “*O discurso na vida e o discurso na arte*”. Trad. C. Tezza e C. A. Faraco, s. d., p.16).

Outras obras consultadas:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). NBR 14724. Rio de Janeiro, 2005.

BASTOS, Ruth; ÂNGELO, Darlene; COLNAGO, Vera. (Orgs.). *Adolescência, Violência e a Lei*. Rio de Janeiro: Cia. De Freud, 2007.

BRAIT, Beth. *Mikhail Bakhtin: o discurso na vida e o discurso na arte*. In: DIETZSCH, M. J. (Org.) *Espaços da linguagem na educação*. São Paulo: Humanitas, 1999.

BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *BAKHTIN – Dialogismo e Polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009.

BRANDÃO, Helena H. N. *Introdução à Análise do Discurso*. 2ª Ed. (revisada). São Paulo: Editora Unicamp, 2004.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, 1988.

_____. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei Federal 8.069/90, 1990.

_____. *Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo* - Brasília, 2006.

_____. *Levantamento Nacional do Atendimento Socioeducativo ao Adolescente em Conflito com a Lei*. Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, Brasília, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: história de violência nas prisões*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

_____. *A Arqueologia do Saber*. 7ª Ed. Tradução: Luiz Felipe Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos Discursos*. Tradução: Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MENDEZ, Emilio Garcia. *Infância, lei e democracia na América Latina*. Blumenau: Edifurb, 2001.

MUSSALIN, F. *Análise do discurso*. In: MUSSALIN, F. & BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 4ª Ed. São Paulo: Cortez, 2004.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e fundamentos*. Campinas: Pontes, 1999.

SARAIVA, José Batista Costa. *Os Adolescentes e a Lei – Para entender o direito dos adolescentes, a prática dos atos infracionais e sua responsabilidade*. Brasília: Ilanud, 1998.

TEZZA, Cristovão. *A construção das vozes no romance*. In: BRAIT, Beth (Org.). *BAKHTIN – dialogismo e construção do sentido*. 2ª Ed. (revisada). São Paulo: Editora Campinas, 2008.

VOLPI, Mário. (Org.). *O Adolescente e o Ato Infracional*. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. *Sem liberdade, sem direito – A privação de liberdade do adolescente*. São Paulo: Cortez, 2001.

WADDINGTON, Conrad Hal. *Instrumental para o pensamento*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979.

ANEXOS

ANEXO – A

ASSOCIAÇÃO CAPIXABA DE DESENVOLVIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL - ACADIS
CENTRO SOCIOEDUCATIVO DE ATENDIMENTO AO ADOLESCENTE
EM CONFLITO COM A LEI

A.N.L.

MUDANÇA DE CAMINHO.

Cariacica-ES

17/02/2011

ASSOCIAÇÃO CAPIXABA DE DESENVOLVIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL - ACADIS

MUDANÇA DE CAMINHO

A.N.L.

**Monografia apresentada ao Centro Socioeducativo
como requisito parcial para obtenção de
permissão para casa república.**

Cariacica-ES

17/02/2011

ASSOCIAÇÃO CAPIXABA DE DESENVOLVIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL - ACADIS

MUDANÇA DE CAMINHO.

Trabalho de conclusão dos programas: motivação, reconhecimento e aprofundamento, apresentado ao centro socioeducativo de cariacica, como requisito parcial para obtenção de permissão para o programa casa república.

XXXX (Diretor Executivo)- CSE/Cariacica

Cariacica, 17 de Fevereiro de 2011.



ASSOCIAÇÃO CAPIXABA DE DESENVOLVIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL - ACADIS

Dedico esta monografia aos educadores que sempre estão me ajudando nos momentos de aflição e me encorajando a seguir em frente nos períodos de recaída.

Em especial agradeço a por estar me acompanhando durante a minha medida de internação e sempre torcendo para que eu tenha uma nova vida daqui pra frente.



ASSOCIAÇÃO CAPIXABA DE DESENVOLVIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL - ACADIS

“O senhor e meu pastor e nada me faltará”

ASSOCIAÇÃO CAPIXABA DE DESENVOLVIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL – ACADIS
CNPJ.: 10.250.335/0001-11
RUA 15 DE NOVEMBRO, Nº27 – LOJA 04, PAV. 01 – CAMPO GRANDE – CARIACICA/ES
FONE/FAX: 27 3226-5087



ASSOCIAÇÃO CAPIXABA DE DESENVOLVIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL - ACADIS

AGRADECIMENTO

Agradeço principalmente a DEUS por essa oportunidade em minha vida, agradeço a minha família por ter cumprido todo o processo do centro sócio educativo junto comigo, agradeço a toda a equipe da associação capixaba de desenvolvimento e inclusão social (ACADIS), que me acompanhou e me deu oportunidades para que eu me tornasse uma pessoa com atitudes e caráter de um cidadão. Obrigado a todos.

ASSOCIAÇÃO CAPIXABA DE DESENVOLVIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL - ACADIS

RESUMO

Meu tema fala um pouco sobre as mudanças de caminho, sobre o que ocorre na vida de um adolescente para que ele mude o rumo de sua vida, sobre o grau de responsabilidade da família ou dos pais nessa mudança de caminho e atitudes.

Em minha monografia vou falar sobre as seguintes áreas: Porque estou em condições de realizar a monografia? Porque me sinto preparado? O que me motiva a isso? A importância da medida sócio-educativa em minha vida e na vida da minha família. O que aprendi durante o cumprimento da medida? Qual lição tirou? Como ficou minha relação com a minha família? Melhorou? Piorou? Por quê? Porque escolhi esse tema? O que eu queria que essas pessoas soubessem quando escolhi esse tema? Qual era a importância do tema que escolhi para as pessoas que vão ler? A minha história de vida. Infância. Como foi minha infância? Como é composta minha família? Como era o relacionamento com minha família? Meus pais se relacionavam bem? Como? Por quê? Como eu me sentia com isso? Meus pais já me maltrataram? Como? Por quê? Como era meu comportamento quando criança? Nervoso? Tímido? Agitado? Brincalhão? Tive acesso a saúde, lazer, esporte e cultura? Minha família passou por dificuldades financeiras? Que tipo de dificuldade? Como lidar com isso? Escola. Como eu era como aluno? Era comportado? Tinha facilidade em aprender? Parei de estudar com quantos anos? Por quê? Tive vontade de ter alguma profissão? Qual? Por quê? Minha família me incentivava a estudar? Adolescência. Como era no início da adolescência? Como era meu grupo de amigos? Tinha facilidade em fazer amizades? Usei drogas? Como comecei a usar e por quê? Quem me influenciou? Por quê? Qual tipo de drogas usou? Conclusão. Ato Infracional. Qual foi meu primeiro ato Infracional? Porque cometi? Alguém me incentivou? O que eu esperava que fosse acontecer ao cometer o ato infracional? Pensei nas conseqüências? Como me senti após o primeiro ato infracional? Estava sob o efeito de alguma droga? Qual? Usava droga para me encorajar? Quais foram meus atos infracionais? Reflexão. Projeto de vida. Metas de curto, médio e longo prazo. E meus agradecimentos.



ASSOCIAÇÃO CAPIXABA DE DESENVOLVIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL - ACADIS
As respostas dessas perguntas vocês vão encontrar durante a leitura ou a apresentação da minha monografia.

ASSOCIAÇÃO CAPIXABA DE DESENVOLVIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL - ACADIS

Sumário:

APRESENTAÇÃO	09
INTRODUÇÃO	10
JUSTIFICATIVA	11
HISTÓRIA DE VIDA	12
MOTIVAÇÃO	13
RECONHECIMENTO	14
PROJETO DE VIDA	15
OBJETIVO DE CADA PROGRAMA	16
MOTIVAÇÃO	17
RECONHECIMENTO	18
APROFUNDAMENTO	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
BIBLIOGRAFIA	21
ANEXO	22

ASSOCIAÇÃO CAPIXABA DE DESENVOLVIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL - ACADIS

APRESENTAÇÃO

Hoje estou aqui em condições de realizar um trabalho que poucos meses atrás eu não teria nenhuma das condições necessárias para realizar. Tenho plena certeza que me encontro em condições pelo simples fato de hoje eu ter um pensamento totalmente diferente sobre a minha vida, sobre o meu futuro. Não foi da noite para o dia que eu mudei meus pensamentos, mas sim com muito esforço e dedicação na minha medida sócio-educativa, e essa dedicação e esse esforço não foi apenas meu, mas também da minha família que se encontra no momento sendo bastante participativa em minha vida e no meu processo aqui dentro. Para falar a verdade e confirmando o que eu disse em outras palavras, eu me encontro preparado, preparado para compartilhar com outras pessoas, outros adolescentes, e outras famílias um pouco da minha vida, um pouco do meu pessoal, uma coisa que carrego comigo e vou carregar para o resto da minha vida. E o que me traz uma enorme motivação, é saber que com minha historia de vida vou poder estar ajudando varias outras pessoas; fico feliz sim em saber que a minha historia de vida não vai ser apenas mais um faz de conta inventado, e que pode ser interpretado apenas para passar tempo, mas em saber que as pessoas vão ter minha historia de vida como uma experiência para construir uma vida feliz, e não cometer os mesmos erros que eu cometi que meus pais cometeram que nós cometemos. O que também me motiva hoje é poder reconhecer a mudança de caminho que ocorreu em minha vida, e poder me esforçar para que no meu futuro minha própria família não venha cometer os mesmos erros, e obter os mesmos danos. As mesmas coisas que estarei usando para realizar essa monografia, são as mesmas que eu uso no meu dia-a-dia, vou utilizar de conhecimento e experiências que já passei para que minha monografia venha ultrapassar minhas expectativas, e obter o objetivo que eu tracei quando a iniciei.

ASSOCIAÇÃO CAPIXABA DE DESENVOLVIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL - ACADIS

INTRODUÇÃO

Essa medida sócio-educativa teve tamanha importância para mim e para minha família que nem eu sei dizer por onde começar a explicar. Para falar a verdade eu já estava “passando dos limites” lá fora, acho que essa medida, esse processo, o MPC chegou a minha vida em um momento que eu realmente precisava, chegou a um momento em que realmente eu não via mais outra coisa a não ser “rua e crime”, só estava procurando me aprofundar nesta vida. Minha família realmente pode dizer, ela já não sabia mais o que fazer comigo, já não sabia o que fazer mais por mim, me tirar desse caminho que de forma “desgraçada” eu escolhi para mim, e que de tal forma sem que eu percebesse inclui minha família, as pessoas que realmente amo, e que mesmo me vendo em um caminho que só levava a perdição continuaram ao meu lado, mesmo sendo maltratados por mim, mesmo tendo que ouvir coisas que nem as piores pessoas do mundo deveriam ouvir. Enquanto cumprio essa mediada aprendi e vou aprender muitas coisas ainda. Aprendi a expressar o que eu sinto pelas pessoas, aprendi a mostrar minha fragilidade, aprendi que tenho uma família que me ama e tenho que valorizá-la, aprendi o verdadeiro sentido da palavra amor, aprendi que para saber realmente o que é o amor, você tem que viver porque viver é amor, querer viver é o amor, aprendi onde estão minhas dificuldades, aprendi que tudo depende de mim, do meu esforço, conheci minha arrogância, conheci e aprendi muito sobre mim e minha família, mais realmente eu ainda não sei nada. A muito para aprender ainda, principalmente sobre mim e minha família. Todas as coisas que citei como aprendizados, foram coisas que eu absorvi para me fazer bem, para eu poder viver bem e em paz comigo mesmo, mais ainda reconheço que tenho que aprender muito. Também aprendi várias técnicas para preservar o meu corpo físico. Aprendi várias técnicas de respiração, de relaxamento, aprendi pouco, mas o suficiente para eu poder administrar meu corpo; aprendi também muitas coisas que podem estar me profissionalizando no futuro, fiz vários cursos (ajudante de confeitaria, panificação, cozinheiro. Rotinas administrativas, informática, digitação e auxiliar de contabilidade.)

ASSOCIAÇÃO CAPIXABA DE DESENVOLVIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL - ACADIS

pretendo ainda fazer outros cursos que tenho vontade de fazer. Aprendi muito a respeito da minha sexualidade, aprendi a verdadeira definição dessa palavra, eu tinha um simples conceito dessa palavra misturada tudo com sexo, hoje eu sei diferenciar o que é sexualidade e o que é relação sexual. Ainda pretendo aprender bastante enquanto eu estiver aqui, mas vai depender apenas de mim, e se depender o que o que der para eu aprender vai aprender. Aqui dentro do centro sócio-educativo pude tirar varias lições de vida, lições que foram compartilhadas através de experiências de vida de outras famílias de outros adolescentes. Tive varias lições de como lidar com a minha família, como lidar com os meus problemas e as minhas dificuldades, não foi uma coisa muito fácil para eu absolver, mas tive que tirar lições da vida para construir o meu próprio caminho, uma das maiores lições que eu tive foi descobrir que querendo ou não vou encontrar obstáculos em meus caminhos, mas se eu quiser realmente percorrer o meu caminho vou ter que ser bastante persistente para não desistir dos meus objetivos e minhas metas a traçar Depois que eu comecei realmente aceitar essa medida sócio-educativa o meu relacionamento familiar mudou bastante, garanto para todos que estão lendo minha monografia que minha família esta passando por um grande momento de transformação; e nesse pouco tempo de transformação o nosso relacionamento melhorou muito. Hoje consigo conversar claramente com a minha família sobre minha vida sobre o nosso futuro; hoje minha família me apóia para eu conquistar os meus objetivos. Minha família ainda não esta 100% mudada, mas esse processo está mudando bastante o comportamento dos meus familiares, principalmente o comportamento dos meus pais. Mas essa transformação só ocorreu e está ocorrendo ainda porque meus pais aceitaram, meus pais escolheram percorrer esse caminho, eu vou precisar muito deles para não desviar-se desse caminho.

ASSOCIAÇÃO CAPIXABA DE DESENVOLVIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL - ACADIS

JUSTIFICATIVA

Eu escolhi esse tema mudança de caminho, porque foi uma coisa que ocorreu consecutivamente em minha história de vida, entre eu e minha família. Escolhi porque esse tema também seria o nome de um livro que no futuro pretendo escrever. Esse tema não fala sobre um assunto individual, mas sim um assunto bastante falado na sociedade e principalmente em um centro sócio-educativo. A pergunta que não quer calar é: Porque um adolescente entra para o mundo do crime? E pelo menos no meu caso e no caso de alguns outros adolescentes que se encontram cumprindo medida sócio-educativa entraram para o crime, para as drogas e para outras coisas que não trazem benefício por causa de uma mudança de caminho que ocorre, porque muitas das vezes os pais do adolescente, ou até o próprio adolescente comete erros que prejudicam sua vida, sua mente e às vezes até deixa o adolescente confuso, pois a adolescência é uma fase bastante complicada na vida de um ser humano. Com esse tema eu gostaria que as pessoas soubessem como é importante não se desviar dos nossos caminhos, e não deixar que os obstáculos façam essas pessoas que escolheram tal caminho desistir de caminhar, eu um dia me desviei do meu caminho, e hoje sofro as conseqüências, pois não consegui escolher o caminho certo para minha vida. Outra coisa que acho bastante importante nesse tema é que mesmo quando chegamos a nos desviar do nosso caminho nos não devemos desistir. Eu um dia desisti do meu caminho, desviei-se do meu caminho, mas nunca me esqueci dos meus objetivos, e assim um dia encontrei uma coisa que me parou nesse caminho e me mostrou a realidade desse caminho que eu estava percorrendo, o nome desse caminho era “crime” e a “coisa” que me fez enxergar essa realidade se chama Modelo Pedagógico Contextualizado, mas como nem todos têm a “sorte” de passar por esse lugar (CSE) e obter essas informações e passar pela mesma transformação. Eu deixo esse alerta bastante importante: Siga seu caminho sem desviar-se, e não mude de Caminho por causa dos obstáculos, enfrente, pois no futuro você colherá os frutos dessa longa caminhada. Para mim a importância do tema que eu escolhi para as

ASSOCIAÇÃO CAPIXABA DE DESENVOLVIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL - ACADIS

Pessoas que vão ler é o enorme fato de hoje eles poderem me enxergar de outra forma, enxergar como qualquer um cidadão que compartilha a própria história de vida, e não me vêem como um marginal, bandido, ladrão, infrator ou coisa parecida. E para as pessoas que vão acompanhar a realização da minha monografia acho que eles vão enxergar tamanha importância no simples fato de eu poder estar reconhecendo todas essas minhas situações e ter compartilhado em uma forma de estar ajudando a outros a minha vida e o meu processo.

História de Vida

Infância:

Minha infância não foi lá essas coisas, mas fui uma criança que não via muita importância nas coisas que aconteciam ao meu redor. Logo quando nasci meus pais brigavam muito, pois estavam passando por muitas dificuldades, pois já tinham minha irmã, que também era bastante pequena ainda. Meus pais me contaram que as brigas eram constantes entre eles, mas eu não consigo lembrar muito dessa fase, pois eu era muito pequeno. Mais ainda tem cenas da minha infância que eu lembro perfeitamente como se fosse ontem. Então vou começar a dizer o que me lembro da minha infância para que todos possam conhecer a verdadeira infância que leva a uma mudança de caminho. No começo da minha infância, nos meus primeiro e até o quarto ano de idade, todos nós morávamos em uma casa de tábuas construída no quintal da casa dos meus avôs. Eu cresci tendo grande contato com meus avôs por esse motivo. Minha família era composta por:

Pai: [REDACTED]

Mãe: [REDACTED]

Irmã: [REDACTED]

Irmã: [REDACTED]

Meu pai trabalhava de pintor e minha mãe era uma simples dona de casa. Quando eu nasci meu pai estava passando por uma situação financeira bastante difícil e estava difícil sustentar a família, quando eu tinha quatro anos de idade ou mais, meus pais se mudaram de casa, deixamos de morar no quintal de meus avôs e meu pai tinha comprado uma casa e um lote, a casa ainda era de tabua, meu pai continuava

ASSOCIAÇÃO CAPIXABA DE DESENVOLVIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL - ACADIS trabalhando e minha mãe dona de casa. Mas minha mãe ficava bastante ocupada e quem tomava conta de mim, era a minha irmã. Logo depois de um tempo a minha mãe ficou grávida e foi aí que eu fiquei sabendo que eu iria ter um irmão. Na minha infância eu era bastante inocente, eu chupava dedo e nunca chupei chupeta e essas coisas de mordedor, babador, já o meu irmãozinho que nasceu era tratado igual filho de rico a meu ver.

Irmão: [REDACTED]

Pra falar a verdade eu tinha um pouco sim de ciúmes de meu irmão, mas depois eu fui me acostumando. Meu irmão e eu fomos crescendo, meu relacionamento com meus pais era bom, mas eu era uma criança que não gostava muito de ficar recebendo carinhos, cafuné e essas coisas. Meus pais nunca me maltrataram e eu era uma criança bem tratada e meus pais demonstravam ter muito amor por mim e por meus irmãos. Mesmo eu recusando esses carinhos eles ainda demonstravam bastante afetividade e amor por mim. Essas poucas coisas que eu falei foram de quando eu era bem pequeno mesmo, agora eu irei falar um pouco da fase acima de meus seis anos, que onde eu lembro melhor sobre a minha infância. Lembro que depois que eu cresci, eu me divertia muito, mas me sentia um pouco só. Minha mãe eu e meus irmãos sofremos bastante uma época que meu pai ficou enfermo, meu pai ficou internado bastante tempo, pois havia desenvolvido câncer. Eu sofri muito com essa distancia que eu fiquei de meu pai e até hoje eu sofro muito com as seqüelas que ficaram em seu corpo, alguns podem achar estranho, mas eu sofro que a qualquer momento ele pode... Prefiro nem concluir essa frase, pois, ela já me traz tristeza e vocês já sabem o final da frase. Depois dessa época meu pai nunca mais foi o mesmo, só trabalhava e casa, trabalhava e casa. Lembro também que minha mãe fez ligadura de trompas para não Ter mais filhos e como ela iria ficar de cama ela me mandou para a casa de minha tia, eu era muito pequeno e me senti bastante só naquele momento que passei longe de minha família, minha tia era bastante rígida nessas questões de casa. Eu tinha que ajudar a arrumar a casa, tinha que ajudar a fazer comida e outras coisas que não gostava de fazer. Essas foram duas fases que passei em que eu me senti bastante só, mais minha infância não foi apenas de coisas ruins, também houve coisas boas. Depois de um tempo, quando eu voltei a morar com minha família e o meu pai já tinha

ASSOCIAÇÃO CAPIXABA DE DESENVOLVIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL - ACADIS
melhorado , de vez em quando nos saímos para algum lugar. Meu pai sempre levava a mim e ao meu irmão ao campo de futebol, para assistirmos aos jogos que ele jogava. Eu gostava muito de ir ao campo, mais também gostava muito de ficar em casa, lembro que minha mãe ligava muito para um radio, a radio “novo tempo” (95,9), e lá ela fazia varias amizades; e eu também comecei afazer ligações para programas infantis, na época era o tio [REDACTED] Eu ganhava vários prêmios e sempre ia a radio buscar, aí passamos a freqüentar a radio, e meu pai não gostava, pois, tinha ciúmes da minha mãe com os amigos dela. Mas alguns amigos começaram a freqüentar a minha casa e isso deixou meu pai furioso, ele afirmava que minha mãe o estava traindo. Então ela parou um pouco com essas amizades por esse motivo, mas nesse meio tempo a minha irmã mais velha arrumou um namorado [REDACTED] Minha irmã tinha apenas dezesseis anos e o namoro durou bem pouco. Antes disso lembro também que uma prima [REDACTED] minha foi morar em nossa casa e nessa época as brigas entre os meus pais eram grandes, houve uma vez em que eu estava dormindo e acordei com minha prima me chamando e dizendo que meu pai estava brigando com minha mãe e que meu pai estava querendo colocar fogo na casa, nós então tivemos que sair. Todos nós então saímos na madrugada e fomos para a casa da minha tia, [REDACTED]. Ficamos lá por algum tempo e logo depois meus pais se reconciliaram e nos voltamos a morar todos juntos novamente. Meu pai trabalhava muito, mais me lembro que nessa época ele estava dando mais atenção para nós. Lembro que estava tudo bem até que uma vizinha que trabalhava em uma casa de Show, o Sayonara. Essa vizinha disse que viu meu pai lá nessa casa, e disse a minha mãe que o meu pai havia feito um Programa com ela. Meu pai ficou muito nervoso e começou a discutir com minha mãe, negando os fatos. Ele então foi procurar a mulher para conversar, dizendo que “iria dar um jeito naquela vagabunda”. Minha mãe foi lá ver e chegando lá viu meu pai mansinho conversando com ela, só sei que depois dessa situação eles se reconciliaram e até hoje não sei se realmente o meu pai traiu a minha mãe. Passou um tempo e meu pai vendeu nossa casa e fomos morar de aluguel, mais isso só aconteceu porque a casa estava ficando em uma situação precária. O banheiro estava caindo e estava tendo um ninho de cobra debaixo da casa e ainda o esgoto estava invadindo a casa. Fomos morar em uma casa próximo de onde nós morávamos. Essa casa era

ASSOCIAÇÃO CAPIXABA DE DESENVOLVIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL - ACADIS

grande e contava com um grande quintal, tinha um barranco enorme que toda vez que chovia descia um pouco de terra. Mas eu me lembro como se fosse ontem, teve um dia que o barranco não agüentou e desceu totalmente. O fato foi mais ou menos assim: Já era hora das crianças irem dormir, e nós filhos já estávamos em nosso quarto, meus pais no quarto deles assistindo a TV, a chuva começou a cair forte, eu meus irmãos ficamos com muito medo, mais continuamos em nosso quarto, depois ouvimos um barulho muito alto, era o barulho da calha que tinha quebrado com a força da chuva e do vento, o medo aumentou e então nos pedimos aos meus pais para irmos ao quarto deles. Ficamos assistindo TV no quarto de meus pais, até que o dono da casa veio chamá-los. Meu pai atendeu e o dono disse que era pra meu pai nos chamar, e que era pra todos nós irmos pra casa dele que era em cima, pois estava perigoso, e parecia que o barranco ia despençar. Fomos para a casa do dono da casa, que era em cima da nossa, e a chuva só ia aumentando até que então aconteceu um apagão geral, então nos fomos para o bar que era na frente da casa que também era do dono da casa de aluguel. Acendemos umas velas para iluminar o bar, e depois o meu pai e o dono decidiu ir ver como o barranco estava ver se tinha desmoronado ou não, então eles foram, e logo depois ouvimos um barulho enorme, e logo pensamos que eles tinham morrido, e então com muito medo começamos a chorar, mas logo depois eles voltaram, e o barranco não tinha desmoronado todo. Mas a chuva não parava então decidimos que não iríamos dormir ali, então fomos dormir na casa de uma vizinha que era colega da minha mãe, chegando lá eu peguei no sono, e quando acordei já estava de manhã. Fui olhar como estava situação da casa, quando cheguei ao quintal vi o barranco, ele tinha desmoronado, e tinha soterrado o meu quarto todo; minha cama estava debaixo do barro, minhas roupas, meus brinquedos, tudo que tinha em meu quarto, a varanda da casa também ficou soterrada, perdemos muita coisa. Meu pai teve muita sorte, o quarto dele não foi soterrado, ficou intacto, ainda bem, pois o dinheiro que ele tinha da casa que ele tinha vendido estava no quarto, e estava dentro do aparelho de som. A prefeitura enviou umas máquinas até o local, e ajudaram a retirar um pouco do barro, e deu para recuperar algumas coisas (panela, roupas, brinquedos e outras pequenas coisas.). Foi pouca coisa mesmo que deu para recuperarmos. Mas nos tínhamos que mudar de casa, pois aquela ali não daria mais para morar, tanto pelo perigo quanto

ASSOCIAÇÃO CAPIXABA DE DESENVOLVIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL - ACADIS
pela situação da casa. Então meu pai arrumou uma casa, era a casa do meu tio [REDACTED] mas nos iríamos pagar aluguel. Tivemos que recomeçar nossas vidas com o apoio das pessoas e da família, muitas pessoas ajudaram, doou alimento e roupas, e o dinheiro que tinha da casa que meu pai tinha vendido serviu para comprar outros moveis. Recomeçamos nossa vida, minha irmã, mais velha [REDACTED] arrumou um namorado [REDACTED] mas também não durou por muito tempo. Nós recomeçamos meu relacionamento com a minha família era normal, meu lazer era apenas um campo de futebol de areia que tinha perto de casa para jogar, que era de um colega do meu pai [REDACTED]. Tinha vários colegas de infância, e eu brincava bastante com eles, jogava vídeo-game na casa deles e tudo, mas tinha vezes que meu pai ou minha mãe não me deixava ir. Eu também gostava muito de andar de bicicleta, e lembro quando eu ganhei minha primeira bicicleta, meu pai me deu uma bicicleta só depois que eu parei de chupar dedo. Nessa época eu ia bastante à igreja, principalmente nas escolas dominicais, e eu não faltava um domingo se quer, e lá tinha uma premiação, eu sempre ficava em segundo lugar, aí meu pai sempre dizia “que o segundo lugar não servia que tinha que ser o primeiro”. Eu também fazia parte de uma escolinha de futebol (CTVV) Centro de Treinamento de Vila-Velha. Eu jogava de zagueiro, mas logo depois mudei para goleiro por causa do meu pai que também já tinha sido goleiro. Mas depois minha mãe me tirou da escolinha porque eu comecei a faltar à igreja. Minha infância não foi um “mar de rosas”, mas eu continuava minha vida, continuava minha vida, continuei freqüentando a igreja, toda a nossa família unida. Lá conhecemos um casal [REDACTED] [REDACTED] meus pais ficaram bem amigos deles, lembro que isso foi na época que eu ganhei meu primeiro vídeo-game (super nitentendo). Só que meu pai desconfiava muito deles, e teve um dia que uma amiga da minha mãe [REDACTED] disse para meu pai que minha mãe estava “traindo” meu pai meu pai com o [REDACTED] meu pai contou isso para mim, eu fiquei com muita raiva e tristeza, chorei muito. Mas minha mãe chegou para mim e disse que era tudo mentira. Só sei que isso fez com que meus pais se separarem, mas meu pai continuou em casa, pois minha mãe pediu para meu pai ficar até o natal e o ano novo, pois nos (filhos) éramos acostumados a passar o natal e ano novo com ele. Assim aconteceu, meu pai ficou até o natal e o ano novo, mas dormindo no meu quarto, e eu no quarto dele, logo depois meu pai foi embora, aí para mim foi o

ASSOCIAÇÃO CAPIXABA DE DESENVOLVIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL - ACADIS
ponto final da minha infância, onde o [REDACTED] inocente morreu, e nasceu o [REDACTED] rebelde. Como vocês viram meu relacionamento com a minha família era normal, e tive acesso a saúde, esporte, cultura e lazer, e que minha família passava por muitas dificuldades de relacionamento e financeira, e eles não sabiam lidar com isso, brigavam demais, eram presente em minha infância, mas só onde eles achavam necessários, eu me sentia um pouco só, mas não queria demonstrar meus sentimentos. No final da minha infância para mim foi um final MUITO TRISTE, e para mim também ficou destruída nossa família sem meu pai, mas mesmo assim continuei minha vida, mas já não era a mesma pessoa, eu já tinha outros comportamentos e achava que estava sozinho no mundo.

Escola:

Comecei a estudar com sete anos de idade, nunca fiz creche, pré e essas coisas, lembro como se fosse ontem, meu primeiro dia na escola, minha mãe me levou, eu com a mochila nas costas, uniforme da escola e tudo mais. Eu era um aluno bastante esforçado e interessado na escola, aprendi a ler com muita facilidade, a escrever também, isso graças a minha primeira professora [REDACTED] Sempre gostei de estudar, e também gostava das coisas que tinha na escola. Fiz vários amigos, nos brincávamos muito na escola, na escola foi onde eu dei meu primeiro beijo, onde arrumei minha primeira namorada e outras coisas, mas isso só ocorreu depois que eu perdi a timidez. Isso ocorreu quando eu estava na 3^a série. Eu era um aluno bastante interessado nos estudos, nunca tinha reprovado e muito menos ficado de recuperação. Só que eu fiquei bastante “mulherengo” depois que eu passei para o ginásio, só vivia dando em cima das garotas na sala de aula. Quando eu tinha dez anos e estava na 4^a série, eu ganhei o segundo lugar em um concurso nacional de redação sobre o município de Vila-Velha; eu era bastante dedicado, da 5^a série para cima eu já estava um pouco diferente lembro que eu fazia o que eu queria na sala, e nunca dava nada. Lembro que também foi na escola que eu comecei a ler livros, o primeiro livro que li foi “O rei Arthur e os cavaleiros da tabula redonda”, daí em diante eu já perdi as contas de quantos livros eu já li. Depois que eu comecei a ler livros eu melhorei bastante a minha leitura e a minha escrita. Eu continuava me esforçando nos estudos, mas pra falar a verdade em matemática eu nunca fui nada bom, lembro que no ano de 2006 eu participei das

ASSOCIAÇÃO CAPIXABA DE DESENVOLVIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL - ACADIS

olimpíadas de matemática, mas eu não consegui passar nem a segunda fase. Também já participei de várias exposições em feiras de ciências, um dos meus maiores trabalhos foi um vulcão feito de barro que eu consegui provocar uma reação química nele com carboneto, água e anilina vermelha, e ele simulava um verdadeiro vulcão entrando em erupção. Meu desempenho era muito bom na escola, nas depois que eu fui chegando à adolescência isso foi acabando. Comecei a ter maus comportamentos na escola, e minha irmã estudava na mesma escola que eu, meu irmão também, e minha mãe estudava a noite, então os professores e a diretora sempre estavam contando o que estava acontecendo na escola para meus pais e meus irmãos. Eu freqüentava escola quando eu queria, comecei a ter muitas faltas, e cheguei a reprovar pela primeira vez. Foi aí que eu parei e pensei que não valeria apenas eu ficar perdendo o meu tempo de estudo. Voltei a estudar, comecei meus primeiros dias novamente à escola muito bem, e estava namorando, com uma garota [REDACTED], que também estudava comigo na mesma escola, mas eu era 8^a série e ela era 1^o ano, então não tinha como eu fazer com ela o que eu fazia com as outras, que era ficar com ela dentro da sala de aula, mesmo com o professor na sala de aula, então eu e ela começamos a matar aula para ficarmos juntos, porque também eu a namorava escondido de seu pai; a mãe dela sabia e apoiava mais pai se descobrisse ia ficar “louco” a madrasta dela sabia, mas queria que eu ficasse com ela também, ela dava em cima de mim, e isso gerou briga entre elas. Eu e ela matávamos aula, mas eu não percebia o mal que estava fazendo para mim, minha mãe descobriu e pediu para eu terminar com ela então eu não queria terminar com ela, mas pensei um pouco na minha mãe e na palavra de alguns amigos meus que a conheciam e terminei com ela. Eu reprovei novamente, e só estava piorando os meus comportamentos na escola, lembro até uma vez que eu cheguei a agredir uma professora [REDACTED]. A diretora [REDACTED] da escola “Adolfina Zamprogná” gostava bastante de mim, e ainda gosta; ela notou que eu estava diferente na escola e chamou meus pais para compreender a escola, mas para mim não adiantou de nada, continuei a mesma pessoa. Na época em que fui morar com o meu pai, ele me cobrava muito, mas eu não dava ouvido, ele me acordava toda manhã para eu ir para a escola, mas eu sempre inventava uma desculpa para não ir para escola. Depois que a morar sozinho eu mudei de escola, pois eu tinha

ASSOCIAÇÃO CAPIXABA DE DESENVOLVIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL - ACADIS
que trabalhar durante o dia. Mas eu chegava bastante cansado, e eu tinha que ir de bicicleta, então eu não ia e ficava em casa, mas eu já estava envolvido no mundo do crime, e acabei sendo preso, eu fiquei apenas trinta dias, na minha audiência a juíza me disse que eu seria obrigado a voltar a estudar caso contrário eu não seria liberado iria receber uma internação de seis meses a três anos. Então eu concordei com, e a juíza me liberou, eu voltei a morar com minha mãe e eu ia para a escola de ônibus e era a noite, mas depois eu comecei a faltar aula de novo eu ia de vez em quando e olhe lá. E acabei sendo preso novamente, e só voltei a estudar aqui dentro do CSE. Mas como vocês leram parar de estudar totalmente, eu faltava muito e ia para a escola quando eu bem entendia. Mas parar de estudar eu parei desde que eu comecei a me envolver com o crime, pois não eu estudava eu apenas ia a escola.

Eu sempre pensei em um dia ser um profissional, já trabalhei de auxiliar de elétrica automotiva, auxiliar de borracheiro, atendente de lanchonete, repositor e balconista de um kilão e feirante. Mas nenhum desses trabalhos eu gostei, por isso eu fiquei pouco tempo neles. O que eu sempre pensava em trabalhar era técnico de informática, lembro que no dia em que eu fui preso eu iria começar um curso, eu penso até hoje de trabalhar nessa área de informática, pois eu tenho muita facilidade em mexer com computadores. Voltando ao assunto dos meus estudos, vocês viram que a mudança de caminho foi de repente, de um aluno exemplar me transformei em aluno rebelde, isso já aconteceu comigo porque eu já não estava mais pensando em mim, eu já não tinha mais responsabilidade, até a escola era um lugar para curtir para mim. Como vocês leram meu pai cobravam muito para eu ir a escola e eu vejo uma enorme entre cobrança e incentivo, se eu falar que eles não cobravam é mentira, mas incentivar a mim eles não incentivavam, meu pai abandonou os estudos na 5^a série, minha mãe até a 8^a série, e eles tinham atitudes em casa, como as brigas em minha frente que me deixava bastante perturbado. Depois da separação dos meus pais eu pensei que a minha família estava acabada, então eu não pensava mais em nada, larguei tudo de lado; estudo, igreja; só queria curtir e só pensava em viver por viver.

ASSOCIAÇÃO CAPIXABA DE DESENVOLVIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL - ACADIS

Adolescência:

No começo da minha adolescência eu já estava bastante diferente de quem eu era já tinha mudado totalmente o rumo da minha vida, já estava bastante rebelde. Meus comportamentos em casa eram bastante diferentes de como era antes, não estava respeitando mais ninguém, já estava totalmente sem limites, lembro que na minha primeira briga em casa minha mãe trancou a casa e me deixou do lado de fora, eu joguei varias pedras no portão, até que ela abriu, eu entrei e ela ficou bastante tempo sem conversar comigo, mas depois eu voltava a conversar com ela, pois nós não conseguíamos ficar sem conversar um com o outro. As brigas só iam aumentando mais e mais, e esse fato que eu contei da briga foi em outra casa, pois nos tínhamos mudados de casa novamente. Passou-se muito tempo, e eu voltei para a igreja, fiz vários amigos na igreja, eu entreguei a minha vida nas mãos de Deus. Minha mãe era contra eu freqüentar a igreja que eu estava freqüentando (Assembléia de Deus), mas a minha mãe estava em outra igreja (Igreja do Evangelho Quadrangular) uma igreja mais liberal, pois a igreja que eu estava era uma doutrina (regras) muito rígida. Deixei o crime de lado, pois eu já estava voltando roubando e cometendo outros inflacionam. Minha mãe não queria que eu fosse para aquela igreja, tentou até me bater uma vez para ver se eu parava de ir, mas eu não parei então ela teve que se conformar. Nessa época minha irmã mais velha já tinha arrumado outro namorado [REDACTED] que hoje é atual esposa e mora com ela. Estava bastante dedicado na igreja, estava freqüentando os montes de oração, fazia evangelismo (sair nas ruas procurando outras pessoas para freqüentar a igreja), então chegou um dia que eu chamei minha mãe e meus irmãos para ir para a igreja que eu estava freqüentando, no começo eles ficaram indecisos, mas depois eles acabaram cedendo e começaram a freqüentar a igreja junto comigo. Minha mãe não gostava muito do horário que eu ia para o monte de oração, porque o horário era a partir das 22h00min em diante e eu só chegava de madrugada, ficava esse tempo todo fazendo oração. Eu estava sendo bastante responsável com o meu papel na igreja, até cantar louvores na igreja eu já estava cantando. Minha mãe mudou de casa novamente, a casa era perto da igreja então não atrapalhou nada. Nós fizemos muitas amizades na igreja, os amigos que mais eram chegados a nos eram os irmãos:

ASSOCIAÇÃO CAPIXABA DE DESENVOLVIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL - ACADIS

██████████ e o casal: ██████████ e o Namorado de ██████████. Ficamos bastantes amigos, eles freqüentavam a nossa casa direto. Até que um dia conversando com ██████████ eu comentei com ele sobre minha irmã ██████████ e vi que ele ficou interessado em minha irmã, ele conversou com meus pais e minha irmã e depois de uns dias eles começaram a namorar. Não foi só dessas pessoas que eu escrevi que nós conquistamos a amizade também fizemos amizades com o pastor ██████████ e sua esposa ██████████. Minhas duas irmãs estavam namorando, meu irmão pequeno, minha mãe só trabalhava, eu ia ficar sozinho? Claro que não! Estava namorando escondido com uma menina ██████████ seus pais não sabiam de nada, e esse namoro durou bem pouco, eu gostava dela demais, tinha muito ciúmes, por isso nos brigávamos muito. Os irmãos ██████████, o casal ██████████ e o namorado da ██████████ freqüentavam muito a minha casa, só que eles ficavam lá até tarde, e nós fazíamos muito barulho conversando, e moravam outras pessoas na casa de cima, e isso causou uma reclamação enorme da dona da casa, que também morava em cima. Minha mãe acabou mudando de casa, fomos morar em uma casa maior, e os amigos continuaram freqüentando, eu acabei saindo da igreja, não sei nem o porquê, mais parece que eu tinha cansado de ficar na igreja. Mas eu lembro que antes da mudança de casa, e antes de eu sair da igreja aconteceu uma coisa comigo que me deixou bastante abalado, o que aconteceu foi a primeira vez que eu passei longe do meu pai, eu liguei para ele, desejei feliz natal e tudo, mas eu lembro que nesse dia eu chorei bastante, mas meus amigos da igreja vieram me consolar. E foi assim que aconteceu depois que eu saí da igreja, comecei a me desviar de novo do caminho que eu deveria seguir para não ter chegado a esse ponto. Comecei a namorar uma garota ██████████ vocês já devem ter lido sobre ela na parte da escola, e foi daquele jeito mesmo, não durou muito tempo, pois ela só estava me ajudando a seguir para o fundo do poço. Comecei a me envolver com o crime de novo, comecei a traficar para um amigo meu que morava ao lado da minha casa. A minha mãe discutia muito comigo, pois eu estava ficando até de madrugada fora de casa. Eu não deixava a minha mãe perceber que eu estava vendendo drogas, pois eu tinha medo de sua reação, e não ficava comprando coisas para mim com o dinheiro, apenas investia no crime. Comprei um revólver calibre 38

ASSOCIAÇÃO CAPIXABA DE DESENVOLVIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL - ACADIS

para mim, foi meu primeiro revolver, meus outros atos tinham sido todos com armas emprestadas. Depois disso eu parei de traficar, pois eu nunca gostei de ter aproximação com drogas. Eu continuava cometendo outros atos inflacionam, mas não me envolvi mais com o trafico. Em pouco tempo eu perdi o revolver que eu tinha comprado, perdi em um assalto que foi realizado em uma loja na praia da costa, a policia veio atrás e na fuga tivemos que dispensar o dinheiro e as armas. Eu fazia de tudo para despistar os meus pais, continuava pedindo dinheiro a eles normalmente para não demonstrar nenhuma atitude diferente. Sempre que eles me viam com alguma coisa diferente eu inventava alguma desculpa; lembro que uma vez eu cheguei a minha casa com um MP4, minha mãe perguntou onde eu tinha conseguido e eu inventei para ela que tinha trocado com um amigo meu por um vídeo game. (Na época um MP4 era caríssimo). Mas eu não ficava roubando diariamente, eu roubava de vez em quando, pois eu não tinha muita opção de gastar dinheiro, pois tinha muito medo dos meus pais desconfiarem de mim. Eu queria ser um filho perfeito, mas eu não conseguia ser. As brigas em casa com a minha mãe e meus irmãos eram consecutivas, já cheguei até agredir meus irmãos, sempre eu me arrependia depois, mais aí já era tarde, pois eu já tinha feito a “merda”. O primeiro réveillon que eu passei longe de casa, eu disse para minha mãe que eu estava indo para a casa de uns colegas [REDACTED] realmente eu fui para lá, mas de lá nos fomos para a praia da costa, ficamos lá assistindo os fogos do réveillon, depois fomos andar pelo calçadão, compramos uma garrafa de vinho e “enchemos a cara”, fomos a algumas tendas de dança que tinha na praia da costa, ficamos com algumas garotas, mas nos já estávamos bêbados e tínhamos que voltar para a casa, eu e Vinicius não voltaram o irmão dele [REDACTED] foi para a casa sozinha, ficamos lá por um bom tempo com as garotas, quando fomos perceber já era 4h00min da manhã então pegamos um taxi e fomos para a casa da mãe deles [REDACTED], pois eu não tinha condições de ir para a minha casa do jeito que eu estava. Chegando lá fomos para uma festa que estava tendo lá no bairro perto da casa deles, era a festa de um amigo nosso [REDACTED] mas eu falei com [REDACTED] que pra mim não dava mais, pois a noite já estava pesado, então ele pegou uma garrafa de cerveja, chamou duas colegas nossa [REDACTED] para irmos para a casa dele, mas foi aí que eu tive o meu primeiro tombo bêbado. Chegando a casa dele

ASSOCIAÇÃO CAPIXABA DE DESENVOLVIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL - ACADIS
eu não estava agüentando nem ficar em pé, ele foi para o quarto com uma de nossas colegas [REDACTED], mas eu acabei dormindo do lado da outra, acordei pela manhã passando muito mal, eu vomitei bastante; quando estava pela manhã eu fui embora para a casa, eu estava só a ressaca e então fui para a praia mais tarde para me recuperar. Lembro que nessa época eu estava chegando a minha casa tarde ou até no outro dia, minha mãe começou a dizer que eu estava usando drogas, e eu ficava bastante revoltado com isso, pois eu não consumia drogas ilícitas. Também teve uma época que meu avo me acusou de ter roubado dinheiro dele, e então isso me deixava com muito ódio, pois eu não cometia esses atos. Lembro quando eu era pequeno que eu pegava cinquenta centavos para comprar bala, jogar fliperama, mas nunca peguei dinheiro da bolsa de outras pessoas depois de adolescente. Essas acusações, só me faziam ficar com mais raiva da família que eu tinha. Uma vez quando cheguei tarde a minha casa, a minha mãe disse que eu estava consumindo drogas, e então de tanta raiva que eu fiquei eu comecei a quebrar as minhas coisas que estavam em meu quarto, pois esse é o comportamento de um drogado a maioria das vezes; até que sem querer acabei cortando meu pulso com os vidros quebrados dos perfumes. Começamos a brigar direto em minha casa, eu agredia meus irmãos e eles me agrediam, minha irmã mais velha [REDACTED] ficou sem conversar comigo por um bom tempo, ela casou-se e ficou sem conversar comigo. Minha mãe já não sabia mais o que fazer comigo, eu estava dando muito trabalho a ela, então ela me mandou ir morar com meu pai, eu fui forçado a ir; foi a policia que foi em minha casa me buscar para me levar para a casa do meu pai, chegando lá meu pai aceitou que eu morasse com ele, mas ele colocou muita regra, e no começo eu cumpria, mas depois que eu fui acostumando comecei a quebrar as regras. Chegava a minha casa tarde, não ia para a escola, quando ia para escola eu fazia bagunça. Meu pai começou a brigar comigo por causa desses meus comportamentos. Meu pai morava de aluguel, e enquanto eu morava com ele, ele foi construindo sua própria casa em cima da casa da sogra dele, então ele terminou de construir e logo nos mudamos para lá. A casa era muito pequena, e eu tinha que dormir na pequena sala, que só cabia um colchão no chão, pois os moveis ocupava o resto do espaço. Não estava gostando muito de morar com meu pai e minha madrasta, pois a mulher que casou com meu pai era bastante rígida e

ASSOCIAÇÃO CAPIXABA DE DESENVOLVIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL - ACADIS

queria por limites em mim. Então voltei a morar com a minha mãe, mas eu não obedecia ninguém, sempre prometia que iria ficar bem, mas sempre desobedecia minha mãe, então tive que voltar a morar com meu pai, meu pai me colocou para dormir em quartinho que tinha em baixo da casa dele; minha mãe não gostou de saber que eu estava morando lá e me chamou de volta, mas como eu não obedecia minha mãe eu tive que ir morar com uns amigos meus (Aqueles que eram da Igreja), não deu certo, pois o pai deles era alcoólatra e ficava me chamando de vagabundo. Então acabei voltando a morar com minha mãe, dessa vez estava ocorrendo tudo muito bem, até que eu fiquei sabendo que minha mãe estava namorando o “cara” que supostamente minha mãe traiu meu pai. Eu fiquei com muito ódio, então eu queria interferir, mas teve um amigo meu que era da igreja [REDACTED] que conversou comigo, então eu compreendi a situação. Conversei com minha mãe e disse a ela: - mãe eu não ligo que você namore ele, mas, por favor, não traga ele para a nossa casa. Mas minha mãe começou a trazer ele para a casa, e quando ele estava lá minha mãe só queria saber dele, parecia que só existia ele no mundo. Então voltou as brigas, e desrespeitava minha mãe com palavras que nem uma “prostituta” deveria ouvir. Acabei indo morar com meus avos estava tudo bem, mas meu primo que também morava lá estava me acusando de estar mexendo nas coisas dele; uma coisa que não era verdade. Mas mesmo assim continuei morando lá. Eu lembro também que durante essa época eu estava fazendo parte de um projeto social chamado “PROJOVEM”, lá arrumei uma namorada [REDACTED] meu avô falava que era para eu arrumar um serviço, em vez de estar com minha namorada [REDACTED], mais eu fingia que não estava nem aí para as palavras dele. Minha mãe denunciou para o conselho tutelar, então eu fui intimado a comparecer no conselho tutelar; eu fui até lá junto com meus pais, chegando lá a conselheira tutelar [REDACTED] disse que eu não poderia mais morar com meus avos e se eu não tivesse outro lugar para eu ir, Ela iria me mandar para um abrigo. Mas logo eu pensei na minha irmã mais velha [REDACTED], pois na casa dela só morava ela e o marido dela. A conselheira tutelar [REDACTED] ligou para minha irmã, e ela concordou com que eu fosse morar com ela durante 15 dias, e depois a juíza iria decidir qual seria o meu rumo. Fiquei morando com minha irmã, eu cumpria todas as regras da casa dela, pois na verdade eu não sei o que seria de mim depois. O

ASSOCIAÇÃO CAPIXABA DE DESENVOLVIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL - ACADIS

tempo que eu fiquei na casa da minha irmã, eu fiquei bem longe da minha namorada, pois minha irmã morava em outro bairro. Comecei a inventar para minha irmã que eu estava indo para o “PROJOVEM”, e ia para a casa da minha namorada [REDACTED] ou em alguma pracinha por perto. Às vezes eu ia realmente para o “PROJOVEM”, quando eu ia realmente eu passava na casa da minha mãe, aí não tinha como ninguém desconfiar. Mas aconteceu uma coisa muito ruim comigo acabei pegando uma doença (Dengue clássica tipo A) e fui parar no hospital, chegando ao hospital eu tive que ficar internado, meus familiares comunicou o conselho tutelar que eu iria ficar internado. A conselheira tutelar foi lá no hospital, e disse que a minha situação familiar não fosse resolvida eu iria para um abrigo, eu fiquei no hospital bastante agoniado. Meus pais ficavam comigo no hospital, pois eu não podia ficar sozinho, porque até para tomar banho eu tinha que ir acompanhado. Mas até nesse momento que eu estava passando no hospital, já estava tudo certo a conselheira ia vir me buscar na segunda-feira, mas na sexta-feira eu recebi alta do hospital, liguei imediatamente para meu pai e pedi para ele vir me buscar, ele disse que não daria para vir, e mandou um taxi, mas a enfermeira já tinha ligado para minha família e meu cunhado [REDACTED] estava vindo me buscar, mas eu não queria ir com ele, pois ele também estava envolvido no lance do abrigo. Liguei para um amigo meu [REDACTED], ele me buscou lá, só que o meu amigo (Felipe) e o meu cunhado [REDACTED] se encontraram, eles chegaram juntos no hospital, então eles me levaram, o meu cunhado [REDACTED] desceu do ônibus na rua da casa dele, meu amigo [REDACTED] me levou até a casa da minha mãe. Eu voltei a morar com minha mãe eu estava mais obediente, mas ainda fazia o que eu queria. Os amigos que freqüentavam a minha casa começaram a encher a minha a minha mente para que eu ficasse contra a minha mãe, esses meus amigos e minha mãe também não se davam muito bem, mas pra falar a verdade nem eu sei por que eles começaram a se desentender. Mas eu não enxergava nada e comecei a ficar contra a minha mãe, eles julgavam ela e eu não fazia nada. Continuei morando com minha mãe, mas depois de um tempo a família teve que se separar, pois a minha mãe tinha perdido seu emprego e não estava em condições de sustentar a casa, que também já era outra casa, pois minha mãe tinha mudado de casa enquanto eu estava internado. Como eu disse a família se separou, meu irmão foi morar com minha irmã mais velha [REDACTED], minha mãe

ASSOCIAÇÃO CAPIXABA DE DESENVOLVIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL - ACADIS
e minha irmã mais nova [REDACTED] foram morar com minha tia [REDACTED]. E eu? Para onde eu iria? Eu não tinha nenhum lugar para me encaixar então tive que ir morar sozinho, com ajuda do meu pai aluguei uma casa e fui morar só. Eu fui morar sozinho, meu pai me ajudava em casa, ele ia lá praticamente todos os dias. Eu tinha terminado com minha namorada depois que eu saí do hospital, então eu ficava totalmente sozinho em casa. Eu comecei a trabalhar de auxiliar de elétrica automotiva, eu ganhava pouco dinheiro, era apenas 80 reais por semana. Eu gastava esse pouco dinheiro apenas comigo. Só queria saber de curtir, acabei perdendo o emprego logo, logo. Meu irmão foi morar comigo porque estava desrespeitando o marido da minha irmã [REDACTED]. Voltei para a vida louca sem meus pais perceberem, saía para as festas enchia a cara, e não dava nada, meus pais nunca ficavam sabendo, eu chegava a hora que eu quisesse em casa, não tinha ninguém para me monitorar então eu zoava total. Logo, logo arrumei outra namorada [REDACTED] mas eu não era fiel a ela, eu traía bastante, ela era de família eu cheguei a ir a casa dela pedir aos pais dela, ela foi única que eu pedi aos pais e que estava ocorrendo legalmente. Eu estava com várias má companhias estava curtindo bailes funk, festas e chegava de madrugada em casa, como minha namorada morava longe ela não ficava sabendo de nada. Voltei a cometer atos inflacionais, mais sem ter envolvimento com drogas ilícitas, comecei a roubar novamente com um grupo de amigos que andava comigo, até que um dia eu fui preso. Minha namorada mandou avisar que não queria nem ver a minha cara. Eu saí da UNIP com 30 dias, fui obrigado a morar com minha mãe, e então minha família se uniu novamente, no começo eu estava sendo ótimo como sempre, mas como sempre ocorria tudo mudava brigas, agressões verbais, e físicas entre eu e meus irmãos. Voltei a ser a mesma pessoa que eu era antes. Minha mãe estava passando mal e teve fazer uma cirurgia, ela foi para a casa da minha irmã mais velha [REDACTED], pois El anão agüentaria ficar perto de mim, minha irmã mais nova [REDACTED] foi com a minha tia [REDACTED], e eu e meu irmão ficamos em casa sozinhos. Eu fui procurar meus amigos de rua, e acabei voltando para o crime. Conheci um rapaz que morava ao lado da minha casa, que também já era outra casa, pois minha mãe tinha mudado. Eu só estava fazendo coisas erradas, e esse rapaz que eu conheci [REDACTED] era segurança comunitário, mas não era uma pessoa boa, ele também cometia muitas coisas erradas. Ele começou a andar comigo,

ASSOCIAÇÃO CAPIXABA DE DESENVOLVIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL - ACADIS

começamos a sair à noite para irmos para bailes, jogar futebol, ir atrás de mulheres. Ele queria que eu fosse trabalhar para ele de segurança comunitário, fui alguns dias, ele me ensinou como se trabalhava, ele ficou me acompanhando na trajetória. Às vezes ele também levava meu irmão. Minha mãe ficou sabendo e falou para eu parar porque era durante a noite, e que não era para meu irmão ir também. Parei de ir, não porque minha mãe mandou, mas sim porque a moto que nos usávamos quebrou. Minha mãe se recuperou da cirurgia que ela tinha feito, e voltou para a casa, minha irmã mais nova [REDACTED] também voltou. Como sempre no começo eu sempre respeitava, mas depois o desrespeito tomava conta, a estória de sempre se repetia, e teve uma coisa que destacou, eu estava com audiência marcada, eu tinha quase certeza que seria condenado, então falei com esse amigo meu [REDACTED] então ele me chamou para ir curtir, eu fui, e nunca fiquei tão mal como naquele dia, eu enchi a cara de cerveja e de cigarro e depois fui para a casa desse meu amigo [REDACTED] vomitei a noite inteira. No outro dia eu fui para a minha casa, e como a minha casa era do lado a minha mãe disse que me viu chegar de madrugada e disse que me viu bêbado, eu disse que ela estava ficando “doida”, disse que era mentira, e disse que o vomito no colchão que estava no quintal era do vizinho. Não sei se ela acreditou. Chegou o dia da minha audiência a juíza me deixou em liberdade e marcou outra audiência. Lembro que minha mãe eu e meus irmãos brigávamos muito, e às vezes chamavam a polícia, e eu tinha que sair corrido de casa, eu me escondia no quintal de um campo de futebol de areia que tinha lá perto da minha casa, e depois eu ia para a casa dos amigos que eram da igreja. Eu falei lá atrás sobre esses meus amigos. Eles já moraram uma vez em minha casa, mas não deu certo. Então quando eu tinha que esconder-se da polícia eu ia para a casa deles, às vezes eu falava que estava me escondendo, mas as vezes não. Acabou que eu continuava no crime, e esse meu amigo que se dizia ser um segurança, só me ajudava a se afundar mais no “poço” onde eu estava. Não passou muito tempo e eu acabei sendo preso novamente, e estou até hoje. Durante minha adolescência muitos fatos aconteceram em minha vida, mas eu destaquei em minha monografia os fatos que fizeram e marcaram o meu caminho percorrido em minha adolescência.

ASSOCIAÇÃO CAPIXABA DE DESENVOLVIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL - ACADIS

ATO INFRACIONAL

Meu primeiro ato Infracional foi tráfico de droga (cocaína), era para um amigo meu que morava do lado da minha casa [REDACTED] o esquema era mais ou menos o seguinte: eu vendia vinte e oito papéletes vinte era dele e oito eram meus, e como eu não consumia droga eu também vendia a minha parte. Minha mãe estava desconfiando de mim achando que eu estava tendo envolvimento com drogas, ela não estava errada totalmente, mas o erro dela era achar que eu estava usando, mas eu estava vendendo. Isso não durou por muito tempo, tanto que eu nem cito essa situação como parte da minha vida a maioria das vezes que falo da minha vida sempre me esqueço desse ponto. E também se tem uma coisa que eu odeio nessa vida e a tal da droga. Mas eu me lembro muito bem, eu não estava nem aí para as consequências, eu não pensava nem um pouco no meu futuro. E como vocês viram não fui eu que tomei a iniciativa de me envolver, chegaram até a mim e me ofereceram e eu sem nenhuma resistência abracei, no começo não queria me envolver, mas depois quando vi já era tarde. E eu não comecei essa vida, sozinho os amigos também acompanhavam. Também já cometi atos inflacionais contra a vida de outra pessoa, mas não gosto de ficar lembrando isso, toda vez que toco nesse assunto eu me sinto como se fosse um “bicho” e isso me traz uma tristeza enorme. Eu cometia atos inflacionais para obter fama e a atenção dos meus pais, eu queria ser reconhecido, queria ser popular, e eu via meus outros colegas tendo a maior fama no mundo do crime, e isso trazia muita inveja. Os crimes de roubo, eu já cometia na intenção de arranjar dinheiro, lembro que um dos meus primeiros roubos foi na casa de um policial, ele estava de férias, os filhos dele e quem estavam tomando conta da casa, eu e meus colegas aproveitamos para assaltar a casa. Começamos a assaltar por baixo nas ruas, mas depois já não estava rendendo e seria bem fácil ser preso; depois começamos a roubar lojas, postos e outros até chegar às casas, mas quando nos precisávamos de algo o jeito era ir até as ruas do centro. A desculpa que dei para meus familiares quando fui preso pela primeira vez foi que eu tinha sido assaltado antes e fui roubar para consertar o prejuízo. Mas isso não foi mentira foi apenas uma coincidência que aconteceu, mas eu garanto, que de uma hora para outra iria acontecer isso comigo, e acabou acontecendo logo quando eu

ASSOCIAÇÃO CAPIXABA DE DESENVOLVIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL - ACADIS
menos esperava. Influência era muita nessa vida que eu levava nos éramos muitos, principalmente quando íamos roubar éramos muitos colegas e parceiros do crime. Vocês devem ter percebido que amigos para acompanhar a pessoa no crime não faltam, para te afundar, te desviar do seu caminho, essas coisas são um dos piores fatores para a vida do ser humano, que é se desviar do caminho de vida. Eu nunca precisei usar droga para ter em mim algum efeito que pudesse me dar mais disposição, tanto porque eu não consumia drogas ilícitas. Mas mesmo assim eu não cometi nenhum dos meus atos sob o efeito de algum tipo de droga lícita. Muitos atos foram cometidos na minha adolescência, alguns por conta própria e outros sim por ser influenciado, mas todos eles com um objetivo “eu sou o cara” e desses únicos atos, o único que eu lembro que não foi para ganhar fama ou algo parecido foi quando eu e um amigo meu de infância [REDACTED] tentamos matar um rapaz [REDACTED] não foi pela fama, foi porque nos não agüentamos, mas ele, ele se achava o “tal” e queria até bater em nos dois, então nos tentamos tirar a vida dele.

PROJETO DE VIDA

Curto prazo:

Pretendo terminar meus estudos, conseguir um emprego básico em uma das funções que eu me formei nos cursos profissionalizantes, para conseguir minhas necessidades.

Médio prazo:

Pretendo me formar uma faculdade de administração, conseguir um emprego com uma renda maior, para satisfazer meus desejos materiais.

Longo prazo:

Pretendo conquistar todas essas metas ao lado da minha família, depois de empregado na área de administração pretendo continuar estudando em outra área para trabalhar com o sistema sócio educativo utilizando a arte.

E quem sabe um dia construir a minha própria família.

ASSOCIAÇÃO CAPIXABA DE DESENVOLVIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL - ACADIS

REFLEXÃO

Citei nessa parte os fatos mais destacados dos meus atos inflacionais, e como vocês viram meus atos já foi assalto, tráfico e tentativa de homicídio. E de toda essa parte o que eu mais tiro de proveito é não seguir caminhos sendo guiado por outras pessoas, eu muitas das vezes deixei outros me guiarem, nunca precisei tirar a vida de ninguém, mas eu não pensava em mim, queria ser quem eu mais temia no mundo. Hoje o que mais me comove é poder relembrar dessa época da minha vida e reconhecer o mal que eu já fiz a outras pessoas e principalmente a mim mesmo. Hoje garanto que não seria capaz de repetir essa estória, pois ainda carrego comigo o rotulo de menor infrator e todas as vezes que eu ouço ligado a isso me bate uma tristeza, mas garanto para todos que estão lendo minha monografia que em nenhum momento eu vou desistir dos meus objetivos que eu tenho em minha vida, e tem uma frase eu carrego muito comigo “às vezes DEUS permite que as coisas aconteçam”, e eu enxergo hoje esse momento que estou passando como uma permissão de DEUS. Os atos que cometi são atos que jamais esquecerei e nem quero esquecer, pois o meu maior medo é esquecer esses atos e também o mal que eles já fizeram e chegar a repeti-los.

ASSOCIAÇÃO CAPIXABA DE DESENVOLVIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL - ACADIS

CONCLUSÃO

Depois da separação dos meus pais eu me senti bastante carente, buscava felicidade na “rua e no crime” eu me sentia bastante longe do meu pai. Quando ele foi embora de casa, principalmente depois que ele casou-se. Mas só hoje eu consigo reconhecer isso, mas agora não a tempo para se lamentar, eu espero que eu consiga superar e poder me fortalecer reconhecendo tudo que passei e não estar correndo o risco de repetir a minha historia de infância e adolescência na vida de um filho meu.

Como vocês viram na minha historia de adolescência eu tinha bastante facilidade em fazer amizades, essas amizades a maioria eram destrutivas para mim, alguns até me influenciaram a usar drogas. Mas como eu disse lá atrás eu não tive contato com drogas ilícitas na questão de consumo, eu já usei tabaco e álcool. Influências para usar drogas ilícitas eram muitas, mas pelo menos o mal que a droga faz eu conseguia enxergar. Tenho a plena certeza que fui bastante transparente em minha estória sobre infância e adolescência, mas como eu disse em alguns parágrafos atrás o meu maior medo é repetir essa estória no meu futuro ou no futuro de um possível filho.

ASSOCIAÇÃO CAPIXABA DE DESENVOLVIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL - ACADIS

BIBLIOGRAFIA

(Modelo Pedagógico Contextualizado). MPC Gerardo B. Mondragón.

(Diário Socioterapêutico do Adolescente). ANL

ANEXO – B

DESCRIÇÃO DO PLANO DE AÇÃO PEDAGÓGICA: PROGRAMAS E PROJETOS DE CRESCIMENTO

O plano de intervenção intereducativo do Centro Socioeducativo Contextualizado, em Cariacica/ES toma, como ponto de partida, as problemáticas e potencialidades do adolescente encontradas no diagnóstico, para elaborar assim o plano de intervenção individual e grupal. O processo de intervenção intereducativa, com os seus respectivos programas e projetos, tem como objetivo implementar toda uma proposta de intervenção sócio-terapêutica, a partir do Modelo de Intervenção Sistêmica, o qual favorecerá a participação e dimensionalidade da complexa problemática do adolescente em conflito com a lei.

Estes programas e seus respectivos projetos se estabelecem em um processo interativo, holístico e sistêmico, em que cada elemento do processo de crescimento do adolescente fica inter-relacionado ao nome de cada programa, o qual é apresentado por meio do verbo em infinitivo pela possibilidade de movimento. A partir do momento em que o adolescente chega ao primeiro programa, chamado *Programa de Motivação*, são trabalhados os processos de Acoplamento, Ajuste e Segurança à instituição, que dão nome aos projetos deste primeiro programa.

O programa seguinte, chamado *Programa de Reconhecimento*, permitirá ao adolescente a Aproximação, Identificação e Aceitação do problema e realidade, para que ele consiga reconhecer sua situação pessoal, possibilidades de mudança e estabeleça um compromisso para a construção de seu projeto de vida.

No *Programa de Aprofundamento* serão intensificadas as estratégias e técnicas da psicoterapia breve com a finalidade de que o adolescente consiga a Compreensão, a Elaboração e a Resolução dos elementos que configuram seu projeto de vida, sua situação e possa encontrar alternativas de melhoramento.

Finalmente, os dois últimos programas, de *Projeto de vida/projeção* e de *Integração*, cumprem com o objetivo de contextualizar toda a proposta de intervenção na realidade do adolescente e fora da instituição. Nessa etapa, estes dois últimos programas também são denominados de *Programas de Repúblicas*, justamente, porque o adolescente fica mais perto da sua realidade familiar, social e comunitária. Dentro da República o adolescente, acompanhado pelos seus educadores (e familiares), encontra um ambiente propício para se desenvolver dentro da liberdade e para mostrar o que aprendeu durante o período em que ficou na instituição, ou seja, externar a capacidade de gerenciamento, consciência para saber administrar sua liberdade mostrando resultados na Autogestão, Vinculação, Conscientização, Liberdade, Acompanhamento e Gerenciamento.

Cada programa contém os seguintes elementos:

- Nome do programa.
- Objetivo.
- Estratégias.
- Projetos.
- Finalidade: o que se pretende conseguir em cada projeto.
- Tempo.
- Conquistas para passar ao outro projeto.
- Estímulos.
- Metodologia.
- Técnicas específicas a serem aplicadas.
- Atividades.

PROGRAMA I: MOTIVAÇÃO: 45 dias

Objetivo:

Criar um espaço de integração, valorização e reconhecimento para que o adolescente assuma de forma voluntária o processo socioeducativo e veja nele uma oportunidade de compromisso para seu crescimento e recuperação pessoal.

Estratégias:

Recebimento: para esta primeira etapa, a principal estratégia está na capacidade de acolhida que o educador e todos os funcionários possam mostrar ao adolescente com atitudes de respeito, amabilidade, bom trato e carinho.

Enlace: aproveitamento da recepção do adolescente para aplicação dos elementos diagnósticos de inserção inicial e de enlace para situar o adolescente e sua família no contexto da instituição e em seu processo.

Problemática inicial: partir do fato do cumprimento da medida socioeducativa como o primeiro problema e como situação inicial a serem abordados, através dos quais se dialoga com o adolescente e sua família para estabelecer com ele quais são suas motivações, suas necessidades, problemáticas, suas justificativas, causas reais, consequências e alternativas a serem trabalhadas dentro do programa. Nesta etapa inicial gera-se um processo de dialogo sobre fatos acontecidos.

Aproveitamento: apresentação dos benefícios que o Centro de Atendimento Socioeducativo oferece como centro de internação contextualizado, onde o adolescente permanece em todo o momento desenvolvendo atividades, fora das grades, em um espaço de confiança e de responsabilidade pessoal.

Estabelecendo compromissos: partindo dos benefícios que cada área da Instituição oferece para o adolescente e sua família, se estabelece com ele compromisso e contrato pedagógico para garantir sua participação e conquista dos estímulos.

Motivação: a consciência de que o tempo do processo de aplicação da medida socioeducativa depende do compromisso e responsabilidade com seu crescimento.

Observação e acompanhamento: o sucesso da intervenção está na capacidade que se tenha para estar atento a todas as situações do adolescente e fazer leitura das diferentes linguagens verbais e não-verbais do que ele está expressando, e a partir daí poder fazer um verdadeiro acompanhamento.

METODOLOGIA DESENVOLVIDA A PARTIR DE CADA PROJETO

Projeto 1: Acoplamento

Finalidade: o que se pretende conseguir neste projeto é estimular o adolescente e sua família nas diretrizes do processo do Centro do Socioeducativo Contextualizado.

Tempo: 15 dias

Conquistas necessárias para passar ao outro projeto:

- Comunicação e entrevista com os profissionais do programa.
- Participação das atividades do programa.
- Visita da família.
- Aquisição de normas e compromissos individuais e grupais.
- Respeitar a si mesmo, aos companheiros e educadores.
- Adotar normas de higiene pessoal e do seu entorno.
- Participar ativamente das atividades na escola e nas oficinas.
- Ser responsável com a jornada pedagógica.
- Conhecer o Manual de Convivência da Instituição.
- Aceitar suas debilidades e fortalezas, adquirindo um conhecimento delas.

Estímulos:

- Participação das atividades da Instituição.
- Celebrações.
- Espaços para ser escutado.
- Conhecimento da Instituição.

Projeto 2: Ajuste

Finalidade: o que se pretende conseguir com o Projeto Ajuste é despertar no adolescente a necessidade e importância de um acompanhamento mais intenso no seu processo e participação de todas as atividades oferecidas pelos profissionais do Programa.

Tempo: 15 dias

Conquistas necessárias para passar ao outro projeto:

- Participação da família para realização da primeira entrevista.
- Elaboração do pré-diagnóstico e inserção inicial.
- Elaboração de avaliação das diferentes áreas da Instituição: médico, dentista, nutricionista, escola, oficinas, gostos e expectativas.
- Ser responsável com a jornada pedagógica.
- Conhecer o Manual de Convivência da Instituição.
- Aceitar suas debilidades e fortalezas, adquirindo um conhecimento delas.
- Demonstrar desejo de trabalhar seus problemas.
- Aceitar orientações por parte de companheiros e educadores.
- Participação e colaboração na intervenção individual.
- Manter uma boa apresentação pessoal.

- Manter boas relações com educadores, companheiros de caminhada e sua família.

Estímulos:

- Participação das atividades da Instituição.
- Celebrações.
- Espaços para ser escutado.
- Conhecimento da Instituição.

Projeto 3: Segurança

Finalidade: garantir que o adolescente estabeleça um compromisso pessoal dentro do programa e manifeste responsabilidade para com seu processo.

Tempo: 15 dias

Conquistas necessárias para passar ao outro projeto:

- Elaboração dos compromissos pessoais.
- Assinatura do contrato pedagógico com o adolescente e sua família.
- Ser responsável com a jornada pedagógica.
- Conhecer o Manual de Convivência da Instituição.
- Aceitar suas debilidades e fortalezas, adquirindo um conhecimento das mesmas.
- Demonstrar desejo de trabalhar seus problemas.
- Aceitar orientações por parte de companheiros e educadores.
- Manter uma boa apresentação pessoal.
- Manter boas relações com educadores, companheiros de caminhada e sua família.

Estímulos:

- Participação das atividades da Instituição.
- Celebrações.
- Espaços para ser escutado.
- Conhecimento da Instituição.
- Passar ao Programa seguinte.

ATIVIDADES DO PROGRAMA MOTIVAÇÃO

- Entrevista na Unidade de Internação Provisória UI.
- Passagem de relatório.
- Recepção e acolhida do adolescente pela coordenação ou direção.
- Preenchimento da ficha de acolhida pelos técnicos.
- Visita domiciliar para contato de conhecimento.
- Realização de entrevista de enlace e inserção inicial.
- Elaboração do pré-diagnóstico: educadores e técnicos.
- Equipe técnica com a família: assinatura do Termo de Compromisso.
- Preenchimento do inventário de roupas previsto e conferido a cada 15 dias pelo educador e o adolescente.
- Equipe de passagem e informações do pré-diagnóstico com o próprio adolescente.
- Aprendizagem e cumprimento das normas institucionais
- Participação dos grupos terapêuticos.
- Participação parcial das atividades da escola e oficinas. (Jornada Pedagógica).
- Avaliação de conhecimentos.

PROGRAMA II: RECONHECIMENTO: 3 MESES

Objetivo:

Estabelecer todo um espaço e programa que garanta a conscientização da problemática do adolescente e de sua família.

Realiza-se um primeiro diagnóstico daquilo que levou o jovem a cometer o ato infracional, levando-o a uma aproximação do perfil de um adolescente que se sente motivado a realizar uma mudança. Nesta etapa, busca-se conscientizar o adolescente sobre sua problemática para que a reconheça, partindo daquelas características consideradas as mais enraizadas e que lhe trazem dificuldades na convivência social. Isto pode ser realizado com a intervenção da equipe técnica, que tem a prioridade de oferecer ao jovem o apoio necessário para que ele possa ter clareza nos conceitos de seus problemas específicos e aprenda a lidar com eles.

Estratégias:

A estratégia deste programa vai partir da aplicação da inserção e diagnóstico inicial e aproveitamento das conquistas obtidas pelo adolescente e sua família no Programa de Motivação. A partir do diagnóstico, será elaborado todo um Plano de Atendimento Individual (PIA) e vinculação ao processo de intervenção grupal. A estruturação temática será desenvolvida inicialmente através de ciclos de oficinas formativas para ir levando o adolescente a uma aproximação terapêutica de maior aprofundamento. Será fundamental, nesse programa, o desenvolvimento das estratégias de intervenção sistêmica, o acompanhamento das conquistas obtidas em cada projeto e vinculação dos adolescentes e famílias a um processo de seguimento mais estruturado com estabelecimento de metas a curto, médio e longo prazo. Fundamentalmente, a estratégia deste programa se resume na Identificação, Aceitação e Compromisso frente às problemáticas e situações a serem trabalhadas.

A estratégia desse programa deve centrar-se também em ajudar o adolescente e sua família a descobrirem todas as potencialidades nas oficinas formativas, profissionalizantes, escola e demais atividades do programa. O programa de

reconhecimento sabe que, além de dificuldades, há potencialidades que ajudam a construir a identidade do adolescente e da família.

METODOLOGIA DESENVOLVIDA A PARTIR DE CADA PROJETO

Projeto 1: Aproximação

Finalidade: O que se pretende conseguir neste projeto é levar o adolescente e sua família a se conhecerem melhor; é um momento do autoconhecimento em todas as suas áreas e dimensões com o apoio profissional de especialistas nos mais variados temas e, sobretudo, que ele mesmo possa conhecer sua realidade e o entorno no qual vive.

Tempo: 1 mês

Conquistas necessárias para passar ao outro projeto:

- Participação dos espaços e grupos sócio-terapêuticos, estabelecimento de compromissos e metas a curto, médio e longo prazo, disponibilidade para comunicar, receber orientações e dar orientações.
- Comunicação e disponibilidade para questionar e responder aspectos referentes a ele mesmo.
- Adotar normas e compromissos em todas as atividades dentro de Instituição.
- Aceitar suas debilidades e fortalezas, adquirindo um maior conhecimento delas.
- Elaborar um diário terapêutico, utilizando-o como uma ferramenta de ajuda e crescimento da sua vida diária.

Estímulos:

- Participação das atividades da Instituição.
- Celebrações.
- Espaços para ser escutado.
- Maior movimentação e liderança dentro da Instituição.

Projeto 2: Identificação

Finalidade: que o adolescente possa identificar características próprias de si mesmo que o prejudicaram e o levaram a entrar em problemas e a identificar as alternativas com as quais ele conta para se superar.

Tempo: 1 mês

Conquistas necessárias para passar ao outro projeto:

- Elaboração da sua autoavaliação, identificação dos pontos fundamentais com que ele precisa trabalhar, identificação dos pontos que ele precisa continuar potencializando, identificação dos pontos positivos com os quais ele conta.
- Plano de Atendimento Individual.
- Adolescente e família conscientes dos elementos que precisam trabalhar através da autoavaliação.
- Aproveitamento e participação dos espaços e grupos terapêuticos para ser escutado.
- Desenvolvimento e organização de atividades.
- Identificação das emoções em seu diário e na forma de se relacionar.
- Definição na área de oficinas profissionalizantes para a qual ele tem maiores habilidades e deve se especializar durante todo seu processo dentro e fora da Instituição.

Estímulos:

- Liderança positiva.
- Reconhecimento de conquistas.
- Representação em atividades do grupo dentro e fora da Instituição.
- Abandono do sistema de rodízio de oficinas, passando a participar de oficinas fixas.

Projeto 3: Aceitação

Finalidade: que o adolescente reconheça e estabeleça um compromisso pessoal e voluntário de mudança e superação.

Tempo: 1 mês.

Conquistas necessárias para passar ao outro projeto:

- Participação de grupos terapêuticos, avaliação de conquistas, dificuldades e alternativas, trabalho terapêutico específico, revisão do plano de atendimento individual.
- Assinatura de compromissos individuais.
- Adolescente consciente das suas problemáticas.
- Que a família se aproxime, identifique e aceite sua realidade.
- Aproveitamento e participação dos espaços e grupos terapêuticos para ser escutado.
- Desenvolvimento e organização de atividades positivas dentro da instituição, lideradas por ele mesmo.
- Resumo dos danos que lhe foram causados.
- Resumo de danos causados a si mesmo e a outros.

Estímulos:

- Liderança positiva.
- Reconhecimento de conquistas.
- Representação em atividades do grupo dentro e fora da Instituição.

ATIVIDADES DO PROGRAMA RECONHECIMENTO

- Revisão e construção do diagnóstico e Plano de Atendimento Individual e grupal.
- Revisão e acompanhamento dos formatos de seguimento do adolescente e sua família.
- Participação e desenvolvimento de intervenções psicoterapêuticas e pedagógicas por parte de todos os profissionais e áreas de atendimento.
- Intervenções específicas em situações de crise.
- Elaboração de informes de seguimento e de equipe técnica.
- Relato das intervenções feitas na equipe técnica.
- Assessoria e acompanhamento individual.
- Participação nos encontros grupais.
- Planejamento e execução de grupos terapêuticos.
- Participação de intervenções conjuntas família-jovem.
- Planejamento e execução de jornadas pedagógicas, recreativas, esportivas e culturais.
- Intervenção com namoradas e de casal.
- Elaboração e execução de oficinas preventivas em todas as áreas.
- Entrevistas e estudo de caso.
- Elaboração de planos de intervenção.
- Avaliação dos adolescentes para passar de um projeto a outro.
- Revisão das tarefas terapêuticas.

- Realização e participação das datas especiais institucionais, da cidade, estado, país.
- Aplicação de provas psicológicas.

PROGRAMA III: APROFUNDAMENTO: 3 MESES

Objetivo:

Explorar a área pessoal, familiar, escolar, social e profissionalizante do adolescente, visando conhecer suas fortalezas e seus problemas, conscientizando-se deles e executando alternativas de soluções aos problemas identificados.

O programa de aprofundamento pretende oferecer ao adolescente um espaço diferente no grupo de convivência, favorecendo-o a ponto de que ele faça uso de seu sentido autocrítico para interiorizar, compreender, elaborar e aplicar alternativas de resolução das dificuldades apresentadas; é a sua vez de começar a estruturar os elementos que constituíram seu projeto de vida. Finalmente, o adolescente deverá autogestionar as alternativas necessárias para superar crises e poder adquirir ferramentas de resolução de conflitos.

Estratégias

Dentro do processo de atendimento desse programa nos campos pedagógico, sócio-terapêutico e intereducativo, será fundamental um aprofundamento nas informações adquiridas pelo diagnóstico; além disso, deverá ser realizada a revisão do plano de atendimento individual elaborado no programa anterior, das causas e precursores do conflito manifestado no ato infracional. Terá que se aprofundar nas áreas socioafetiva, cognitiva, sexual, comportamental e axiológica, focalizando os pontos sintomáticos mais fortes que articulam o maltrato, a dependência, co-dependências, relações interpessoais, processos de comunicação e de autoridade, construção de valores e normas e demais elementos que favoreçam a compreensão dos traços da personalidade, fontes da desadaptação, aparição de anarquias e anomalias. Portanto, a estratégia do programa de aprofundamento está em ajudar a

compreender as causas e situações em todas as áreas e em um nível que favoreça a construção de alternativas de resolução para enfrentar a própria realidade de forma individual, grupal, familiar e social.

METODOLOGIA DESENVOLVIDA A PARTIR DOS PROJETOS

Projeto 1: Compreensão

Finalidade: levar o adolescente a uma reflexão profunda de si mesmo e a compreensão integral e sistêmica da sua realidade.

Tempo: 1 mês

Conquistas necessárias para passar ao outro projeto:

- Reconstrução da sua história de vida.
- Capacidade para enunciar no trabalho terapêutico relatos que incluam acontecimentos traumáticos ou estressores vivenciados em cada uma das etapas do ciclo vital individual e familiar.
- Identificar os fatores de risco e parâmetros de recaída dentro do programa. (Justificativas para abandonar o programa, agressões, consumo de entorpecentes, falta de respeito, rebeldia, apatia, retorno à vida do crime, ameaças, temores etc).
- Identificar os fatores de proteção e parâmetros que garantirão o sucesso em todo seu processo.
- Identificar os elementos que configurarão seu novo projeto de vida e estabelecer ações concretas a partir das conquistas, dificuldades encontradas no trabalho pedagógico e terapêutico nas áreas familiar, social, pessoal e grupal institucional.

Estímulos:

- Visita domiciliar junto com o adolescente.
- Maior participação em atividades externas.
- Espaço para terapias grupais específicas dentro e fora da Instituição.
- Especialização na sua oficina específica.
- Compartilhamento de sua experiência positiva e de suas experiências de vida com os adolescentes que estão chegando.

Projeto 2: Elaboração

Finalidade: retroalimentar os resultados obtidos no processo de crescimento pessoal e familiar com apoio pedagógico, psicoterapêutico, acadêmico, vocacional, terapia ocupacional e profissionalizante, com a finalidade de enriquecer o projeto de vida e construir o plano de inserção sócio-familiar.

Tempo: 1 mês.

Conquistas necessárias para passar ao outro projeto:

- Realização de encontro especial com a família sobre parâmetros de recaída dentro da Instituição.
- Realização de encontro especial sobre riscos identificados fora da Instituição e elaborar ações e alternativas de prevenção.
- Elaboração de avaliação para desenvolver cursos externos.
- Participação de grupos externos para tratamento de problemas de consumo de entorpecentes.
- Preparação para inserção no mercado de trabalho.
- Definição de habilidades e potencialidades do adolescente identificadas dentro das oficinas e escola.

Estímulos:

- Apresentação de provas e entrevistas para cursos externos.
- Reconhecimento de conquistas.
- Apresentação de entrevistas para se vincular a atividades e apoio de redes externas, financiadas pelo Governo, perto do seu lugar de convivência.

Projeto 3: Resolução

Finalidade: garantir ao adolescente as conquistas obtidas no programa e elaborar avaliação geral e compromisso para assumir as atividades do programa de projeção, sendo a maioria delas fora da Instituição, e de inserção nas suas próprias comunidades quando for possível.

Tempo: 1 mês

Conquistas necessárias para passar ao outro projeto:

- Projeto de vida escrito, determinando as ações e metas a curto, médio e longo prazo para todas as áreas de atendimento.
- Autobiografia escrita, avaliada e refletida em todo o processo de intervenção sistêmica.
- Plano de estudo e atividades externas.
- Compromisso e crescimento no processo de acompanhamento familiar.
- Família vinculada aos programas de atendimento da rede interinstitucional.
- Processo de reparação do dano causado a outro (perdão, reconciliação).

Estímulos:

- Liderança positiva em todas as atividades internas e externas da Instituição.
- Reconhecimento de conquistas.
- Restabelecimento e avaliação para uma adequada e progressiva inserção social, dando início a seus estudos e cursos fora da Instituição.

ATIVIDADES DO PROGRAMA APROFUNDAMENTO

- Visitas domiciliares.
- Equipes técnicas com a família.
- Equipe técnica disciplinar: quando necessário se fizer durante todo o processo e pode incluir a participação da família.
- Elaboração e execução do plano de atendimento individual, o qual vai até o desligamento.
- Participação em atividades de representação institucional (esportivas, culturais, religiosas, etc.), sempre avaliada pela equipe técnica, até o desligamento.
- Saídas técnicas das oficinas e escola com avaliação da equipe técnica.
- Reforço das relações familiares através da intervenção da assistência familiar (conversas, encontros familiares etc).
- Avaliações constantes e seguimento pelas equipes técnicas.
- Elaboração do plano de atividades a partir da avaliação para cursos externos.
- Estudo vocacional para o curso externo e montagem do projeto de vida.

- Apresentação do projeto de vida construído pelos adolescentes.
- Estudo de caso para passar de um projeto a outro e quando for necessário.
- Avaliação geral do adolescente e revisão da construção do projeto de vida.
- Participação de excursão.
- Equipe técnica pode enviar relatório para o Juizado solicitando autorizações e permissões para passar fim de semana em casa.
- Equipe técnica pode enviar relatório para o Juizado solicitando autorizações e permissões para estudo e trabalho.

SISTEMA DE REPÚBLICAS

PROGRAMA IV: PROJETO DE VIDA / PROJEÇÃO: 3 meses

Objetivo:

Desenvolver as ações determinadas no projeto de vida, reavaliando as estratégias pedagógicas e sócio-terapêuticas de acordo com as características e necessidades de cada um dos jovens, objetivando a construção de um estilo de vida mais positivo e visando o melhoramento das suas condições de convivência em seu próprio entorno, através de um processo contextualizado e de maior inserção familiar, social, escolar e de trabalho.

Estratégias:

A principal estratégia está em educar para incluir no âmbito da responsabilização social, fazendo do adolescente um sujeito provocador de mudança na família e na comunidade. Deve-se também promover o aproveitamento e vinculação do adolescente aos projetos sociais da rede interinstitucional, dar continuidade ao atendimento individual e grupal sócio-pedagógico e terapêutico, os quais contribuem para que o adolescente consiga reverter o seu potencial criminoso e reverter as ações violentas em ações sociais.

O trabalho externo na comunidade deve promover a aproximação e tentativas de reparação do dano com as pessoas as quais ele afetou, quando for possível, levando-se em conta o nível do dano e o risco para a pessoa e ao adolescente, e que contribua positivamente para o crescimento do adolescente e da outra pessoa que foi vítima. Deve-se alcançar a vinculação das ações e projetos sociais programados por toda a rede interinstitucional em todas as áreas e contextos, nos quais o adolescente se movimentava.

É fundamental neste programa avaliar o risco do adolescente e das pessoas do contexto, no qual ele se movimenta, fazendo acompanhamento constante do processo.

METODOLOGIA DESENVOLVIDA A PARTIR DE CADA PROJETO

Projeto 1: Autogestão

Finalidade: preparar o adolescente nos processos de autogestão, consecução de objetivos no mercado de trabalho, formação em liderança positiva e preparação como agente social, para que desta forma, ele adquira ferramentas claras que não só contribuam para si mesmo, como também para seu entorno social e familiar.

Tempo: 1 mês.

Conquistas necessárias para passar a outro projeto:

- Avaliação positiva nos cursos externos.
- Elaboração de seu plano de ação para vinculação no mercado de trabalho.
- Preparação escolar e profissionalizante.
- Participação e desenvolvimento de oficinas formativas e de crescimento humano.
- Potencialização dos processos de autoestima, autoavaliação e critério para assumir responsabilidades.
- Elaboração do seu projeto de projeção social.
- Apresentação no setor empresarial e comercial do município e ou estado.
- Participação em entrevistas para trabalho.
- Contar com autorização do Juizado para passar fim de semana em casa.

- Contar com autorização do Juizado para trabalhar e estudar fora da Instituição.

Estímulos:

- Participação em projetos e ações sociais na Instituição, comunidade, bairro ou município.
- Família vinculada a projetos sociais.
- Formação e preparação mais especializada na área profissionalizante por ele escolhida.
- Trabalho e estudo fora da Instituição.
- Convivências familiares dentro e fora da instituição.
- Fim de semana com sua própria família.

Projeto 2: Vinculação

Finalidade: Conseguir que o adolescente se encontre vinculado no mercado de trabalho, escola e projetos sociais da rede interinstitucional, comunitária, municipal, estadual ou de ONGs.

Tempo: 1 mês

Conquistas necessárias para passar ao outro projeto:

- Vinculação ao mercado de trabalho, preferencialmente na área profissionalizante na qual ele se preparou dentro da Instituição e nas oficinas formativas oferecidas.
- Vinculação na escola ou sistema escolar de seu setor, que lhe permita convalidar sua formação acadêmica.
- Vinculação nos projetos da rede interinstitucional comunitária, municipal, estadual, empresarial.
- Execução de projeto e atividades de ação social.

- Exposição de resultados de crescimento e exposição de experiência em foros para outras unidades e projetos de atendimento da criança e do adolescente dentro e fora do Estado.

Estímulos:

- Satisfação pessoal e reconhecimento pelo obtido na Instituição dentro e fora do Estado.
- Reconhecimento por seu crescimento.
- Oportunidade de ser acompanhado e escutado em seu processo de inserção social.

Projeto 3: Consciência

Finalidade: preparar o adolescente para seu desligamento da Instituição e continuar seu acompanhamento durante esse processo e ainda uma vez que esteja desligado.

Tempo: 1 mês

Conquistas necessárias para passar ao outro projeto:

- Avaliação das metas executadas no projeto de vida.
- Avaliação dos fatores de risco e de proteção já identificados nas atividades contextualizadas.
- Avaliação diagnóstica de fortalezas, oportunidades, fraquezas e ameaças.
- Realização do Ecomapa.

Estímulos:

- Preparação e iniciação frente ao Juizado para o processo de desligamento.
- Continuidade das suas atividades fora da Instituição.
- Relatório de desligamento.
- Compartilhamento de experiência de crescimento com os novos adolescentes.
- Certificado de crescimento e experiência de maturidade.

ATIVIDADES DO PROGRAMA PROJEÇÃO

- Equipe técnica com a família.
- Reforço do contato com o ambiente de trabalho.
- Monitoria orientada nas atividades escolares e profissionalizantes fora da Instituição.
- Reforço da autoavaliação na execução do projeto de vida.
- Visita domiciliar como preparação e início do retorno familiar.
- Finais de semana com a família.
- Encaminhamento do estágio profissionalizante supervisionado.
- Equipe técnica de estudo de caso para o desligamento.
- Participação das atividades externas e de representação da Instituição.
- Participação em excursão.
- Atividade externa de trabalho - trabalho voluntário supervisionado.
- Qualificação profissional externa.
- Interação positiva com a família.
- Experiência sociofamiliar.
- Saídas periódicas de responsabilização familiar.
- Presença nas comemorações especiais da família.

- Acompanhamento familiar 1 vez por semana.
- Avaliação mista quinzenalmente.
- Avaliação semanal de desempenho com a equipe intereducativa.
- Acompanhamento constante pelo setor de inclusão social nas atividades externas.
- Visita dos técnicos em lugares de necessidade para a inclusão social.

PROGRAMA V: INTEGRAÇÃO: tempo indefinido que vai de um (01) até três (03) meses

Objetivo:

- Oferecer, aos adolescentes desinternados ou em processo de desinternação da Instituição, acompanhamento para sua melhor integração na vida social, dando continuidade ao processo de intervenção sócio-terapêutico nos aspectos que ele precisa reforçar.
- Fortalecer no adolescente e em sua família a consciência clara da sua participação no processo socioeducativo como protagonista deste e com capacidade de viver com liberdade para agir com responsabilidade as próprias ações.

Nesse programa é fundamental mostrarmos para os adolescentes e suas famílias, que chegam ao Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente, como espelho de mudança e de conquistas; sendo importante a formação de um pensamento político e crítico da própria realidade, para criar raízes nas condições históricas e culturais dos povos e no contexto onde moram os adolescentes em conflito com a lei, reconhecendo a diversidade, promovendo a participação, gerando poder nos sujeitos sociais, individuais e coletivos, desenvolvendo competências. Possuir uma consciência crítica que lhes permita diferenciar as condições de seu ambiente econômico, cultural, social e pessoal, além de desenvolver a possibilidade de escolher, assumindo com responsabilidade aquilo que lhes corresponde fazer para corrigir as situações de injustiça ou iniquidade, que lhes serviria, em outras ocasiões, de justificativa para continuar delinquindo.

Estratégias:

Vinculação dos agentes participativos de comunidade institucional do Centro Socioeducativo Contextualizado, ou seja, funcionários, adolescentes, família, a processos de organização e a projetos políticos e culturais que procurem fortalecê-los como atores sociais, construindo ambientes de participação onde a produção cultural e social tenha que passar necessariamente por uma tomada de consciência e compreensão dialogicamente crítica dos contextos e das práticas sociais.

Seguindo os ensinamentos de Paulo Freire, procuram-se ideias conceituais, metodológicas e operativas que deem abertura à ação pedagógica e ao desafio de humanizar, dignificar e democratizar as relações sociais a partir do fortalecimento de expressões culturais e práticas organizativas que, na atualidade, são sistematicamente marginalizadas e excluídas pelo sistema social, político e econômico.

Como estratégia fundamental, parte-se da realidade dos participantes, da sua situação histórica concreta, propiciando a tomada de consciência crítica com relação à sua situação econômica e social, criando mecanismos de valorização da cultura popular e da identidade cultural própria. Dar continuidade, nas comunidades sociais as quais estão inseridos os adolescentes em desligamento, aos processos de

autoaprendizagem, autoavaliação e autogestão do processo. Procedimentos grupais que expressem a cooperação comunitária e de classe social. Educação ligada à ação. Parte-se da realidade para voltar a ela e transformá-la. Mecanismo de produção e criação de microempresas.

METODOLOGIA DESENVOLVIDA A PARTIR DE CADA PROJETO

Projeto 1: Liberdade

Finalidade: fortalecer no adolescente e na família a consciência clara da sua participação no processo socioeducativo como protagonista deste e com capacidade de viver com liberdade para agir com responsabilidade as próprias ações.

Tempo: indefinido

Conquistas necessárias para passar ao outro projeto:

- Jovens com plena autonomia e liberdade para assumir suas responsabilidades.
- Capacidade de autogestão e capacidade de procurar suas próprias oportunidades.
- Vinculação quase total à sua família.
- Vinculação do adolescente ao mercado de trabalho, escola ou oficinas profissionalizantes fora da Instituição.
- Não envolvimento com atos ilícitos dentro e fora da Instituição.

Estímulos:

- Trabalho e estudo fora da Instituição.
- Famílias não passam por revista de entrada.
- Fim de semana livre, tendo a possibilidade de ir na quinta-feira à tarde e retornar na segunda-feira pela manhã.
- Ficar sem educador, sendo que um dos mesmos jovens é responsável pelo grupo por um período de 15 dias.

Projeto 2: Acompanhamento

Finalidade: conscientizar o adolescente a respeito da necessidade de procurar ajuda e espaços para ser escutado, quando já estiver de vez desligado. Garantir, ao adolescente, espaços de acompanhamento, reforço e sustentação em crise em toda esta etapa de desligamento.

Tempo: indefinido.

Conquistas necessárias para passar ao outro projeto:

- Sujeito social, democracia, exercício do poder, movimentos e organizações sociais, geração de autonomia.
- Construção de espaços democráticos no trabalho, emprego, qualidade de vida.
- Conscientização e responsabilidade pessoal e social frente ao meio ambiente; desenvolvimento local, vida comunitária, família, grupos étnicos, comunicação, organizações populares, movimentos sociais, redes.
- Transformação social.

Estímulos:

- Liderança e reconhecimento social.
- Gestão de projetos sociais e produtivos.
- Representação institucional dentro e fora do Estado.
- Possibilidade de trabalho dentro da Instituição.
- Entrega de certificados e distinção por todos os objetivos conseguidos durante todo o Programa.

Projeto 3: Gerenciamento

Finalidade: ser gerente da própria vida, sabendo administrar fielmente o que aprendeu através do seu processo, tendo capacidade de associação positiva para criação de projetos sociais, culturais, esportivos, profissionalizantes e produtivos.

Gerar poder nos sujeitos sociais, individuais e coletivos, desenvolvendo competências como a de possuir uma consciência crítica que lhes permita diferenciar as condições de seu ambiente econômico, cultural, social e pessoal e poder dar alternativas assumindo com responsabilidade aquilo que lhes corresponde fazer para corrigir as situações de injustiça ou iniquidade, que lhes serviria de justificativa para continuar delinquindo.

Tempo: indefinido

Conquistas necessárias para passar ao outro projeto:

- Adoção dos modos de conhecer e elaborar conhecimento dos setores populares e aplicá-los à sua própria experiência e projeto de vida.
- Utilização de técnicas e instrumentos novos, participativos, simples, atrativos e eficazes.
- Desenvolvimento de uma articulação alternativa e distinta da vida do crime, através dos instrumentos proporcionados no processo educativo.

- Já estar desligado e manter as conquistas obtidas no programa.
- Vinculação estável de trabalho, escola, especialização profissionalizante.
- Continuidade e conquistas no desenvolvimento dos projetos sociais.

Estímulos:

- Sua liberdade.
- Plenitude e satisfação pessoal pelas conquistas obtidas.

ATIVIDADES DO PROGRAMA INTEGRAÇÃO

- Processo de desligamento concluído.
- Continuidade no acompanhamento por parte dos profissionais do programa nos diversos projetos e atividades que ele esteja desenvolvendo.
- Autoavaliação final com a família, com a equipe técnica e com o Juizado.
- Desenvolvimento de oficinas de interesse por parte do mesmo adolescente e famílias, desligados do programa.
- Retorno definitivo à sua família.
- Atividade externa de trabalho - trabalho voluntário.
- Qualificação profissional externa.
- Acompanhamento, caso seja necessário, pelo setor de inclusão social, nas atividades externas.